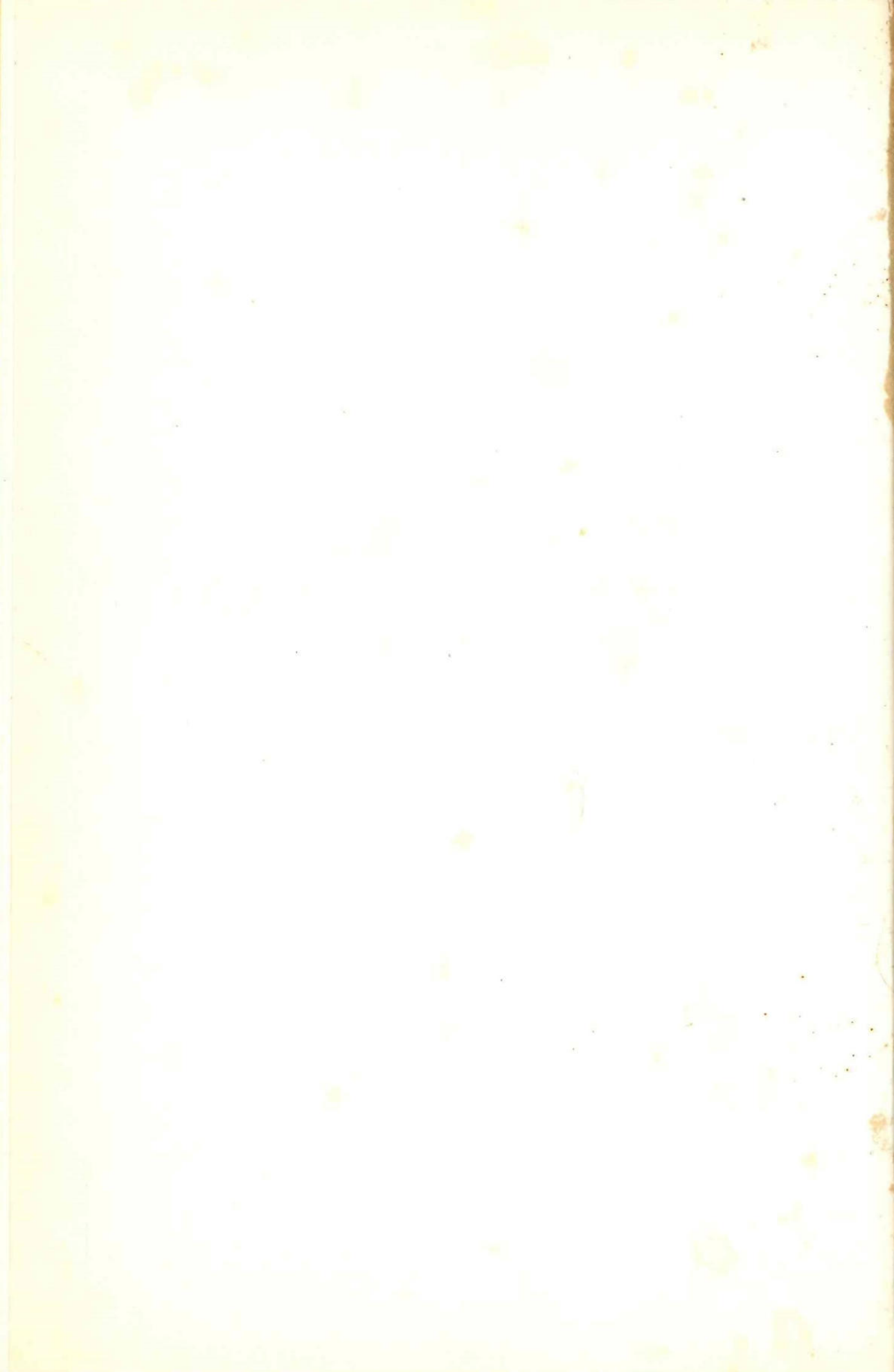




CONTOS
DO
MINHO

QUE ESCREVEU
MANVEL BOAVENTURA

Companhia Editora do Minho
BARCELOS
MCMXXVII



J. Nunes Jr.
of.
Martins
Pinho - 1931

CONTOS DO MINHO

DO AUTOR :

SOLAR DOS VERMELHOS, romance tradicional, 1909

CRIMES D'UM USURÁRIO, romance, 1911

NO PRESIDIO, memórias dum "conspirador" 1913

VOCABULÁRIO MINHOTO, 2 vol. 1916 — 1922

TIMÓTEO-O-PENITENTE — novela, (com desenhos de Octavio Sérgio) 1921

Para publicar :

COMENDADOR D'ALMOUROL, romance

VOCABULÁRIO MINHOTO — 2.^a série

CONTOS DO MINHO — 2.^o vol.

Legado
Prof. D. Maria Elsa Anjo
B.M.B.

MANUEL BOAVENTURA

— * —

CONTOS DO MINHO

(Vida rural)

1.º MILHAR



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

..Nº 57271 Perm

Barcelina

1927

COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

As três novelasinhas, que, em escassas páginas, aqui trago, não são mais que singelos relatos ou apontamentos do que vi e ouvi ao derredor de mim.

Sem pretensões a psicólogo, nem a analista de aleijavões sociais, apenas grafo, um pouco ao sabor da fantasia, mas como simples anotador de primeiras impressões — que nem aprofunda, nem se preocupa com as subtilezas do estilo.

Este lindo Minho, onde nasci, está muito por descobrir; e é ainda tão ignorado, que, meus intuitos, são torná-lo conhecido de estranhos e naturais — na sua vida íntima, em seus usos e costumes, na paisagem virgiliana, no vocabulário, na etnografia e nas virtudes e relaxamentos de seus habitantes.

Isto quasi não tem feição literária, porque minha pobreza de imaginação e meu desageitado dizer, mais não permite. De facto, tão desata-

viados contos, bem se poderiam chamar singelas narrações, despretenciosas memórias ou simples biografias dos campónios meus irmãos e meus vizinhos, no meio de quem vivo e me julgo feliz.

Na verdade eu apenas recolhi episódios esparsos, que correm no povo; façanhas dos de algum dia; gestos memoráveis, a que se prende alguma beleza moral. Todo o meu trabalho consistiu, pois, em cerzir e ligar.

Invenção não há nenhuma: êsses personagens existem ou existiram; e os factos que se lhe atribuem, estão ainda na memória de muitos, e alguns são até contemporâneos.

Pensam, acaso, que êsse tolstoïano velhinho, o ti' António Rico, não existiu? Que não existe ainda o Naguêlho — manhosão e ladrapo? Que o avarento Tanaio e o brôco e molanqueiro Mar- ruel — não calcam terra?

Enganam-se.

Clarinha e o seu criado, estão longe de ser pura ficção. Muita gente os conheceu e as atribuições que os perseguiram, estão ainda na memória dos meus vizinhos, de idade mais madura. Quantas vezes ouvi contar, à lareira, a vida daquele fidalgo engeitado e as virtudes de Clarinha — a bela sem par?

O crime dos Lamosos deu brado, espicacou a política da época; e — apaixonando uns e exasperando outros — alvorotou as gentes de há trinta para quarenta anos.

Estas páginas são, pois, história, mais ou menos argamassada com o saibrento barro de minha pobre fantasia. Dizem-me que a esta espécie de literatura se chama regionalismo e que o regionalismo não interessa por curta delimitação de horisontes.

Pois seja assim. Mas como de pequenas migalhas se fazem grandes brôas e a história é

feita de bocados — deixem-me carrear êstes materiais, que andei a ajuntar por quelhas e andurinhas, para com êles ajudar a construir um primeiro degrau do monumento, sôbre que se há de levantar a radiante literatura nacionalista — infelizmente ainda mal nascida.

Aos pés dos geniais architectos, que essa imperecível obra hão de levar avante, eu deponho êste escasso material — que só tem a virtude de ser tão verdadeiro na essência, como límpido e são em seus intuitos.

Palmeira, Junho de 1927.

MANUEL BOAVENTURA.

Na Azenha

Azenha do ti'António Rico enxerga-se por entre as oliveiras, ali á beira da igreja.

As velhas paredes seculares, quâsi a desmoronar, sustentam-nas grossos troncos de hera que lhe dão o aspecto gracioso dum lindo ninho de verdura.

Os salgueiros e os amieiros lançam os seus ramos alongados sobre o pequenino telhado dene-grido, num gesto largo de amigavel protecção.

Quando vêm a primavera, o rouxinol canta ali, junto ao açude, em desafio com o melro das oliveiras e o pintarôxo das silvas.

O viajeiro que passa olha sempre com deferência aquêle pedaço de paisagem minhota, tão interessante e socegada, como o bíblico retiro dum velho eremita.

Ha duas dezenas de anos o ti'António Rico era um velhote septuagenário, muito mouco e quâsi cego. Usava a barba aparada á tesoura e vestia sempre, quer de verão quer de inverno, um velho gabão de saragoça. Os pés agasalhava-os em avantajados tamancos de Bastos, bons protectores para as invernias e as lamas dos atalhos.

Quási que só os pobres conheciam a porta de sua moenda. Os abastados raras vezes a procuravam. Achavam que as fornadas lhes rendiam pouco. Conhecida, como era, a honestidade do velho moleiro, ninguém se atrevia a supor que êle quisesse enriquecer á custa da seára alheia. Ao contrário. O tio Rico fôra talvez o melhor lavrador da aldeia e ia empobrecendo «a ólhos vistos.» Ninguém sabia a causa de certas dívidas por ele contraídas. Ninguém, é modo de dizer! Na aldeia, mesmo, havia muito quem o soubesse: — eram os desprotegidos da fortuna! Esses sim: sabiam-no.

E se lh'o perguntassem, responderiam:

— A causa somos nós.

Mas não eram só os lavradores que lhe fugiam. Pois se até a própria consorte se queixava!

— António! Esta fornada vem muito roubada! Santo nome de Deus!... este fóle traz de menos meia raza!

— Cala-te mulher, cala-te. Vem tudo, vem tudo.

— E esta mistura? Falta-lhe meio quarto... Pois isso falta... Quási tres maquias. Ora este alminha do Senhor!...

— Cala-te, Maria. Cala-te... Não falta nada...

E cuspilhando tudo em redôr, saía, encostado ao bordão, caminho do seu eremitério.

Durante o inverno, na azenha do tio Rico, todos os que a procuravam encontravam agasalho e lume para aquecer os membros enregelados.

O recinto era pequeno e quási todo atracado com a lenha e uma infinidade de objectos amontoados sem ordem ou pendurados do teto e das paredes. Viam-se enfusas de barro, cabaças de vinho, garrafas e botijas. Sobre a tampa do tremonhado todas as medidas, desde o alqueire á meia maquia.

Depois, numa promiscuidade primitiva, enxergavam-se trinta coisas por uma linha: uma masseira velha, pedaços da róda, dentes da entroza, ferros velhos, fechaduras enferrujadas, um arsenal de pequenos nadas, que só a inclassificavel mania do tio Rico sabia conservar, como se fossem valiosas reliquias arqueológicas.

Ao canto da lenha, sobre uma pequena barriça, viam-se: um velho alfarrábio de capa pergaminhada, o *Lunário Perpétuo*, livros da *Bíblia*, um volume do *Telémaco*, alguns n.^{os} do *Primeiro de Janeiro*, já muito amarélos e pequeninos folhetos com a tradução das *Escrituras*.

O tio Rico lia muito. Sabia de cór grande número de versículos dos *Evangelhos*, recitava pedaços do *Telémaco*, conhecia os segredos do *Lunário* e as receitas mais comezinhas da *Poliantheia Medicinal*. Nas tardes nevoentas de inverno contava aos pequenos fregueses que esperavam pelos taleigos, as sagradas lendas bíblicas e as proesas hercúleas de Sansão.

Por dezembro fóra, quando as invernias eram intensas e o ribeiro engrossava, a fome chegava tambem ao lugar. Parece que a negra perseguido-

ra dos infelizes vinha de envolta com as enxurradas, que desciam em catadupas pelos fraguedos escarpados da serra. Parece que sim.

A azenha, então, povoava-se. Vinha um:

— Ti'Antoninho? Arranja-me uma maquia de farinha pr'a fazer um bôlo do lar? Minha mãe está doente, o nosso Joaquim tem o reumático...

— É que tenho eu com isso, rapariga? Eles não podem? Vai tu trabalhar para os sustentar. Que queres que te faça? Eu hoje nada te posso fazer. Inda outro dia te arranjei meia raza...

Depois fitava a pobre com um gesto de comiserção. Deligenciava prescutar o amágo daquela alma virgem que, aos doze anos, tinha já a seu cargo o sustento de tres vidas, que lhe eram caras.

A rapariga aconchegava o lenço esfarrapado á face esfaimada e baixava os olhos.

O velho, cuspilhando, apontava-lhe a tampa do tremonhado:

— Aqueles maquieiros, vês? Já fui eu que os arranjei hoje. Coisa de tres alqueires. A que anda a moer é das do João do Nocêncio. Umas pobres de Cristo. Não se lhe pode tirar nada. Aquela meia raza é da Tendeira... Tudo de pobres. Não te posso arranjar nada, não te posso acudir...

— Valha-nos Deus. Não temos nada que comer...

— Não sei que te faça.

— Pelas almas, t'Antoninho! Se não nos acóde morremos á fome... Se ageitasse ao menos...

— Onde diabo queres... sim... onde diabo hei de ir buscar o milho p'ra te dar.

— Ao menos um punhadinho de farinha p'ra umas papas.

— Não posso, tu bem vês.

— E amanhã?

— Tam'em não.

— Valha-me Nossa Senhora...

E a mísera desprotegida, a infeliz escorraçada da fortuna, tomava o atalho por entre as oliveiras, num passo irregular, trôpego, como se uma ancianidade centenária lhe pesasse já sobre o arcaboço. Ia pensando, a pobre, se a Caridade, o anjo consolador dos infelizes, se teria já evulado da terra, se teria abandonado o coração dos homens. Ah! se ela teimasse em não voltar á alma empedernida dos mortaes — que seria dos desgraçados?

Ao mesmo tempo que a sua alma atribulada pensava isto, de seus lábios roxos saía um ai desesperançado:

— Até o pai da pobreza me escorraça!

No entretanto o tio Rico vinha á porta da azenha, punha a mão á laia de pála, sobre a tésta, e quando ela, silenciosamente, punha os pés nús sobre as alpondras e as pedras geladas da pontelha, chamava a meia voz, com receio que o abade, na residência, ouvisse o que dizia:

— Rapariga? Olha lá? Pst! Olha aqui que te quero um recado. Moça?

— Senhor.

— Chega cá...

E, enquanto ela se aproximava, monologava êle assim :

— E' mestér acudir à pobreza. Os ricos teem de sóbra e não sabem dividir. O Evangelho lá diz *Dai aos póbres!* O que era meu já o lá teem. Distribuamos nós, já que êles o não fazem...

E abria um grande fóle, que estava junto á barrica ;

— Esta fornada já mitigou a fome a dois ; póde ainda atenuar a miséria desta, sem fazer falta ao dono, que nunca dá uma esmóla. Deus dá o pão e o pão é para os homens. Tanto direito tem a comê-lo o rico como o pobre.

E disse à rapariga :

— Apára lá.

O tolstoiano velho acogulou uma maquia de farinha e lançou-a no mandil de tomentos, que a cachopa trazia á cinta.

Houve um momento de silêncio. No pequenino têlho crepitava, flamejante, um raizeiro de carvalho. Sobre a preguiceira estava aberto um dos folhetos do *Evangelho*. O ancião atava o cabrim ao mesmo tempo que fitava distraidamente o livrinho, onde os seus olhos, já falhos de luz, pareciam lêr aquelas palavras do meigo Jesus — o filósofo divino : — « Dai de comer a quem tem fome. »

Depois despediu a moça com um gesto rude e a frase de sempre — que, valha a verdade, nunca cumpria :

— Rompe ! Escusas de cá tornar ! Não te arranjo nem mais um greiro. Girar !

E quando a rapariga corria já por sobre as

passadoiras, meio escondida pela frança nua dos salgueiros, ele ameaçou da porta :

— Se cá tornas, racho-te !

E para si fez esta promessa íntima :

— Hoje não não dou mais nada a ninguém, seja a quem fôr . . .

Continuava com a sua azáfama, ia e vinha, registava a agua, apalpava a farinha, resmungando sempre «que não daria mais nada.»

Mas dali a momentos vinha outro. Agora era um pequenito andrajoso, trazendo na cabeça um véelho boné militar, com listas vermelhas já desbotadas.

— Ti'António ?

— Que é ?

— Tem farinha ?

— Não.

— E milho ?

— Tam'em não.

— Minha mãe, manda dizer . . .

— Tua mãe é uma bébada. Não quero saber de vossês para nada.

O rapazito calava-se, envergonhado, passando entre os dentes o cordão da saquinha de estopa esfarrapada, já muito encardida. Tio Rico, num atabalhão instintivo, ameaçava, gesticulava, bramava :

— E' uma bébada ! Uma mentideira ! Tem-me prometido que vos mandava á escola . . . e nada ! Tu tens ido à aula, Caçoilinha ? Qual tens !

— Não senhor.

— Que desavergonhada! Bem digo eu! Pois enquanto ela te não mandar aprender o *a b c*, escusas de vir cá. Não vos arranjo nem uma ché-ta de farinha, nem um devesil...

O rapazelho ia já fóra da porta, caminho do cardenho, meio destelhado, em que habitava — quando o velho chamou de dentro:

— O' Agostinho?

— Senhor.

— Anda cá.

O garôto dum salto chegou à porta:

— Vossemecê que quere?

— Tu já hoje comeste alguma coisa?

— Não, senhor.

— E o vosso Pereira?

— Tam'em não.

— E a menina pequena?

— A mãe diz que não tem leite pr'a lhe dar. Nós ha tres dias que estamos sem pão.

— Valha-me Deus. Mas tua mãe não merece que se lhe faça bem. E' uma zaralha, uma aldrabeira que te não manda ao Mestre.

Esteve um momento fitando o brazido que crepitava, esparrimando faúlas.

Depois levantou-se.

— Espera!

E foi ao fóle — zás — outra maquia aco-gulada:

— Péga, p'ra um bôlo. Mas diz-me a essa cabrestana de tua mãe, que é a última.

— Seja pelas almas.

E saiu.

— Agostinho? Ó Caçoilinha?

— Senhor.

— Olha. E's homem de fazer uma coisa? Eu queria que tu fosses á escola. E's capaz?

— Sou sim, senhor. E se a mãe não deixa?

— Vês esta tranca? Vou lá e desanco-a. Ouviste? Diz-lhe mesmo. Se te não deixa ir, ein! meto-lhe as costelas dentro.

Depois mais acariciador:

— Se tu fores á escola, dou-te todos os dias alguma coisa. Vens comer as miguitas mais eu. Ein! Valeu?

— Pois sim, senhor.

— Se ela te não deixar... fôge-lhe.

Dês que o pequeno Agostinho virou costas a assobiar, de contente, uma velha modilha regional, o bemfazejo velho fez contas com os seus botões:

— E' hoje quinta feira! No domingo havia tres razas de milho na barrica. Segunda, terça e quarta devia dar p'ra'i outras tres razitas. Dei meio alqueire á do Vitórinho; tres quartos á Tendeira, quarto e meio á Fanhosa; meio quarto á Josefa Roquinha... E por'li fóra continuava a enumerar uma infinidade de pequenas fornadinhas, com que beneficiára quási toda a miséria da sua aldeia e ainda a dos logares vizinhos. O ignorado apóstolo do Bem, símil, embora em planos diferentes, do imortal Tolstoï, acreditava piamente que aquilo que fazia era um dever humanitário que todos os homens de bem cumpriam e talvez com bem mais religioso fervor que êle. Porque o ti'António Rico supunha-se um grosseirão, que recebia sempre mal os póbres que

procuravam a sua sombra amiga ; e tal grosseria devia soar mal aos ouvidos de Deus. A si mesmo protestava não tornar a receber tão rudemente os seus míseros amigos. Verdade sêja que tais módos eram gerais, tanto para pobres como para ricos. Ele não distinguia castas nem classes. O abade merecia-lhe a mesma consideração que o mais miseravel dos seus pobres. Quando lhe não merecia menos ! Que isso acontecia bastas vezes !

Durante a sua vida jamais os infelizes que habitavam nas cercanias da sua azenha sentiram os horrores da fome — essa megéra horripilante que os iluminuristas mediévos representavam por um esqueleto macábrego, envolto em trapos.

Mas os fregueses ricos, aqueles que mandavam para a moenda os seus taleigos cheios, eram que sofriam as consequências, conjuntamente com o farto celeiro do tio Rico, que podendo vender meia dúzia de carros de pão annualmente, quási sempre, os comprava, meramente nos anos de séca.

Era este um fenómeno que a tia Maria Pigneiro — a consorte — mal sabia compreender.

E o tio Rico, tambem. E' que os dois escondiam-se, mutuamente, para beneficiar o próximo.

Emquanto o velho filantropo despejava o seu celeiro na masseira dos pobres, por outro lado e com o mesmo evangélico gesto, a sua dedicada companheira distribuia a carne dos dois cevados, que matava, para consumo da casa.

E tinha graça, então, ouvir o diálogo que os dois travavam :

— Maria ?

— Quê.

— Has-de cortar um pedacinho de presunto p'ra levar lá p'rá zénha.

— Para quê, homem ?

— Ora! para eu fazer lá umas migas quando não estiver tempo de vir a casa.

— Pois sim. Mas olha que é méster poupar. Já pouca temos.

— Sume-te *brazabum!* Então inda há pouco matamos!... E' desgoverno, mulher. Isso é desgoverno... Sume-te, sume-te.

— O' home! Taré! Tudo tem sido preciso. Nada se botou fóra.

— Ha tres mêses que matamos, mulher!

— Ha seis que colhemos quinze carros de de pão, homem!

— Que fizeste á carne ?

— É tu que fizeste ao milho ?

— Valha-me Deus, menina. O milho... E os pobres, mulher ? E os pobres! Tu falas bem.

E o moleiro supoz que, com tal argumento, venceria a lógica da velha. Aquilo não devia ter resposta! Então os pobresinhos não tinham tanto direito ao pão do Senhor, como êles? Ela que respondesse.

Emquanto esperava resposta o tio Rico aspirou com deliciosa voluptuosidade uma pitada de pó, pela *birra* de buxo, objecto de grande merecimento artistico, pelos seus arabescos e miniaturas em meio-relêvo, representando uma tocáta, num

serão de aldeia. Era o produto paciente das suas habilidades, do tempo em que a vista tinha nêle, ainda, a cristalina limpidez do diamante. Bons tempos esses! Cinqüenta anos antes, talvez! Ah! quem déra que tornasse esse passado de gôzo, de mocidade e saúde! Não tornava, bem o sabia.

Agóra importava-lhe o presente. Que lucrava com recordar essas felicidades remótas? Nada. Lá diz o poéta: (I)

...Nessium maggiore dolore
che ricordarsi del tempo felice
nella miseria.....

Deixemos pois o passado e aguardemos o futuro. Na nossa história o que nos interessa é o presente.

Tio Rico, depois de sorvida regaladamente a sua pitada, tornou a repetir, com um sorriso vitorioso nos lábios:

— Sim, e os pobres!

A velha calava-se. Sabia que seu marido tinha razão. Os pobres eram filhos do mesmo pae comum — o bom Deus. Ricos e pobres eram irmãos. Tinham por consequência direito ao património legado.

Ela supunha bem que os morgadios de algum dia, tinham acabado de vez: por tal motivo todos os filhos quinhoavam igualmente nos haveres paternos. Isto sabiam eles raciocinar igualmente. Se não era por palavras como estas, era, porventura, por outras fórmulas menos teóricas. *Res non verba* — eis tudo.

.....

— Sim ! e os pobres !

Mas dali, a segundos, a sua vaidade de mulher vencida, teve modo de advertir o pródigo marido :

Antoninho ! Olha que só se dá o que sobra. Temos a velhice diante de nós. E por este andar acabamos a pedir.

O velho filantropo respondeu abstraído :

— Eles pagarão.

— Quem ?

— Os pobresinhos.

— Quanto tens recebido ha cinquénta anos para cá ? Todos os dias dizes que eles pagam...

— Coitados ! E' porque inda não puderam. Sabe Deus a vergonha com que eles virão pedir. Eles pagam, êles pagam !

— E se o não fizerem ?

— Paga Deus por eles. Quem dá aos pobres...

— Empresta a Deus.

— E' isso, menina ! E' isso !

— Mas nós temos tudo empenhado por causa dos outros. Quére dizer : estamos póbres. Quem nos ha de auxiliar na velhice ?

— Os que protegemos até agora.

— Não esperes isso. Inda que pudessem nada nos fariam.

— Mas espéro em Deus.

— Só em Deus.

.....

Ora o leitor quére saber a razão destas contendas domésticas ?

E' que os dois invejavam-se, mutuamente. Ambos supunham que o bem que um fazia era mais que o que o outro desejava praticar. Daí uma constante rivalidade. Ralhavam-se, por esmolarem o próximo. E não queria um que o outro fosse mais bemfazejo.

Por isso é que, o tio Rico, desejava ter sempre na azenha, de reserva, um náco de bom presunto. Guardava-o num pequeno armário embutido na cantareira. E punha-lhe, mentalmente, este dístico — invizível para profanos :

«Para os pobres envergonhados».

E quando estes lhe não procuravam a porta da moenda, procurava êle a dêles e a ocultas — «para os não envergonhar».

Mas, na casa dos lavradores, reinava uma constante desconfiança.

Os cabrins traziam quási sempre um desfalque consideravel — dois ou tres maqueiros, a menos.

E ralhavam com gesto de aváros.

— Que dê do que é dele, ora é boa ! Já deu cabo de tudo quanto tinha, por causa dessa vadiagem de pobres e cabaneiros, e inda quere vir, agora, acabar com a casa dos outros ! Não se volta lá a molinhar . . .

Noutro lar ouvia-se :

— Aquele ti'António Rico é outro Zé do Telhado. Forte mania ! Anda a tirar a uns pr'a dar a outros. Pode lá ser ? Fornada nossa não volta lá.

A creada-mór do filho, do sempre respeitado

Sr. Emilio, que naquela corda de povos era o ai Jesus de todos — até essa mamujava improperios :

— Raio de velho ! Desta vez ficou por lá ametade. Diabos levem a zenha, que não se perdia nada . . .

E até um dia a ti'Maria Pinheiro lhe disse, em casa, numa maré em que ele distribuía quasi toda a fornada pelos pobres.

— Cruzes home ! O' alminha do Senhor ! Que brazabum fizeste tu á nossa farinha ? Estamos ha dois dias sem pão e zenha de casa. É uma vergonha ! Forte tolaria ! Pois tu vais dar tres razas de milho até á última maquia ! Caramba ! nem tanto, home, nem tanto !

O velho lavrador-moleiro desfazia ganos de lenha com a machadinha sobre o cêpo a um deslado da eira. Não dizia palavra ; sentia-se envergonhado perante a mulher. Na verdade era bem censuravel o seu procedimento, a sua alma não se sentia bem. Mas que queria a Maria ?

Tinha lá ido a Fanhosa — uma pobre de Cristo, muito trabalhadeira, mas a quem dava o mal da gôta. Ainda, mêses antes, tinha caído ao lume e se queimara toda como nm san-lourenço. Prometera, sob juramento, mandar o filho — o Caçoilinha — todos os dias á escola. Deu-lhe meia raza e se ela cumprisse era bem merecida.

O Lica pedira uma raziinha fiada até á páscoa. Esses somítegos dos Joanas e dos Crespos não fiaram do pobre. Havia de se deixar morrer á fome ? Arranjara uns maqueiros, de nada, á 'Stufana, á Papuda, ao Tarrêlo e a esses do Vitori-

nho, coitados, uns envergonhados que preferem morrer de fome a pedir...

A ti'Maria granzinou ainda uma ameaça :

— Olha Antoninho! não tornas a moer a nossa fornada. Vai lá p'ra baixo, p'rá Abilheira. Já mandei cá vir as moleiras — às Castelas... Já sabes.

Mas a excelente velhinha, de face pergaminhada — linda iluminura de Santa, como as dos altares — pos-se também a fazer exame de consciência :

— Dei á Róquinha, uma quarta de unto; coitada: é aleijadinha, não o póde ganhar; á Preta do Lão, meio arratel de carne; ás da Prenda, umas colheres de pingue, do dia de jejum; são jornaleiras da casa e não mataram chico, este ano; á Manata velha, uma abada de feijões e milho p'ros painços dumas papas.

Tambem dera á Maria Fanhosa, que tinha aquele mal-ruim dos ataques, meio quarto de feijões e uma libra de toucinho; mandara meia brôa de pão ás do João do Nocêncio...

Nesta altura lembrou-se daquela pobresa envergonhada dos Vitorinhos — dois velhos septuagenários, a quem ela ha mais dum mês não mandava nada.

Teriam passado fome? Pobresinhos! E começou a sentir um peso no coração.

Saiu da casa-nova, onde andava a fazer uma arrumação de roupas e entrou na casa-do-forno, onde tinha a salgadeira.

Na eira de pedra, o tio Rico continuava a cortar ramuscos de sobreiro e carvalho, para de-

pois atar em molhinhos e queimar na azenha. Pôs-se mentalmente a relembrar coisas passadas — o tempo distante da mocidade. Aquela santa Maria Pinheiro, — a mais linda moça daquelas redondezas e a mais rica herdeira da aldeia — que lhe trouxera em dote cento e cinqüenta leiras e bouças — fôra bem talhada por Deus, para o acompanhar pela vida fóra. Ela ralhava por esmolar os pobres? Também só tinha esse defeito!

E o velho dizia a meia voz, não fosse ela ouvir :

— Taréh! Diacho da mulher não quiere que os pobres comam! E' uma somítiga... Todos são filhos de Deus, ora essa é boa.

Na velha casa-do-forno sentia-se ranger a salgadeira, nos engonços de ferro.

Dali a bocado, caía de supetão a tampa da caixa dos feijões. Segundos volvidos, a férrea raspilhava nos tijolos do forno.

Ao velhinho, que ouvia mal — aquilo passava despercebido. Continuava na sua faina, monologando sempre :

— Ha mais de quinze dias que não dou nada ás Pelecuchas. Não devem ter muita fartura. Aquelas da Madôrra, coitadas — esfogueteei-as de mais, não tornaram a aparecer. Talvez tenham passado lazeira...

A ti'Maria Pinheiro atravessava agora a eira — a abada cheia, no mandil de estopa riscada. Ao descer os patins do quinteiro disse mais uma vez pr'ó marido :

— Antoninho! é preciso tento. Por este andar, este ano, temos de comprar pão.

— Ora ! — fez ele de arrenegado.

Depois quando ela saía os portais e não o podia já ouvir :

— Estás uma usurária, mulher ! Os pobres tam'em são filhos de Deus.

Nestes caminhos da minha pobre aldeia, por abril, vésperas de páscoa, já os rebentos novos dos lateiros ensaiam ténues sombras.

Um sol acariciador, que envolve tudo, filtra-se por entre as tenras verduras e desenha, no solo, complicados arabescos.

Pétalas inumeráveis, desprendidas das fruteiras que ladeiam os eirados, — borboletas a esvoçar, flocos de neve a cair — fazem da negrura do caminho, um pedaço de ceu recamado de estêlas.

A verdura das agras quási desaparece sob o intenso colorido, que vai do veu de noiva da margãça branca, à túnica roxa do Senhor-dos-Passos, toda feita em pampilos, com ricas bordaduras a ouro, que as malmequêres modestas oferecem.

Erra no ar um aroma que inebria. Dos beirais, em festa contínua, aquela doce música das avesinhas, é um hino laudatório, erguido à grandeza do Creador de tantas maravilhas.

E pelas agras — que azáfama, santo Deus ! Velhos carros cham o seu monótono viri-viri, ao peso dos adubos e apeirias, em constante movimento — uns que vão, outros que vêm.

Por aqui, por ali, ao largo, nos lavrados de

sequeiro, a canção ritmada dos lavradores, animando os gados :

Ei, la! boi ei!...
Vira, boi, vira ligeiro...
Vamos lá p'ró cabeceiro...

...cruza-se com os assobios estridentes dos melros dos salgueiros, e o cucular dos cucos na carucha dos pinheiros de Mameão — que, a meio da extensa e florida campina, lembra um cenóbio de hieráticos monges a rezar, a velar por ela, a protege-la da adustez das nortadas...

Que delícia viver na aldeia ao despontar da primavera! Quem ha aí, de tão mau gosto, que prefira a isto o falseado viver dos grandes povoados?

Ora a ti'Maria Pinheiro, mal fechado o portal, pôs a vista ao largo, a contemplar o quadro, que tanta vida tinha a anima-lo.

Descortina-se da esplanada, sob a sombra convidativa do lateiro, toda a aldeia e a grande rechã arável.

Viu ela que os Barrosinhos lavravam no Talho. Teria de, no dia seguinte, ir aproveitar o rêgo, que estava na treita. Mais em baixo, em Sanzildes, aqueles mariolas dos Crespos encostavam a leiva contra a sua, sem aviso, sem mais aquela. Má gente, que só estava bem, fazendo mal. Ao longe, contra os grandes pinheiros de Mameão em Rosendes, os Zainas tambem lavravam. Estava próxima a sua leira: não havia tempo a perder. Ia avisar o marido.

Abriu de novo o portal :

— António? ó Antoninho?

Mas o velho, muito surdo, não ouvia. Foi mester subir acima, à eira :

— Olha! menino! Anda tudo solto por essas agramas, a lavrar. Já temos o rêgo no Talho. Os brazabuns dos Crespos já viram terra em Sanzildes, e deram-nos a encostada... Deus lhes perdoe, tanto mal que fazem...

— Deixa lá, mulher, deixa lá...

— Não se póde perder a sasão. O moço que ponha esses atrafalhos em ordem. Que concerte o temão e aquéle a seita...

E seguiu sua róta.

Ao passar por baixo dos abrunheiros floridos, parece que de propósito, muitas pétalas caíram sobre ela, pelos ombros e pelo avental cheio de esmolas... Apanhou algumas nas mãos :

— Como Deus é grande! até nas coisas mais pequeninas!

A excelente velhinha tinha uma alma assim vibrátil. Não tinha cultura, mas sabia sentir, ver as coisas, por dentro, impressionar-se com pequeninos nadas.

E então que interpretação poética ela sabia dar ao ambiente que a cercava!

Uma borboleta, que viajava de arbusto em arbusto, era a mensajeira de Deus que vinha à terra beijar as flores, para as transformar em frutos... As avezinhas, cantando, eram a música do Senhor a aliviar de tristeza os homens...

A alegria rutilante dos campos, no antepasso

das lavradas — era a terra na promessa da fartura, que desabrocharia no San-Miguel...

Tão entretida ia ela, em seus bons pensamentos, que nem sequer reparou que no eirado dos Amaros, logo adiante, a velha Ténes e a do Rôças, duas comadres murmuradeiras, mamujavam em voz baixa, falavam talvez de suas vidas, mais certo ainda da vida alheia.

Quando a boa velhinha passou adiante, atarefada, na ânsia de esconder, com o lenço do peito, o que levava no avental, — logo as duas mudaram de assunto, no desejo de adivinhar:

— P'ra onde irá a ti'Maria do Rico com a abada cheia? — perguntou a Ténes.

— Ha de ir p'ra casa do Emilio.

Ora contra o que era de prever, as curiosas verificaram, que ela passou adiante, atravessou o largo da Aldeia e enfiou pelo carreiro.

— Vai p'ra casa do Vitórinho, já sei!

A Ténes, que era usurária a mais não, abanou a cabeça, deu de ombros, fez má língua:

— Esta gente dá cabo de tudo. Consta que já compram milho. Mataram dois porcos pelo Santo André: já pouco teem na salgadeira. Que desgoverno!

Mas a do Rôças, mais liberal, retrucou:

— Cale-se, comadre! Esta mulher é a caridade de Deus! Se não fosse ela tinha morrido muita gente de fome, nesta aldeia.

A velha do Amaro não se deu por vencida:

— Dá que não peças! Se morresse metade da gente que ha no mundo — inda ficava muito ladrão p'ra nos afligir...

Ouvindo falazar, o velho Gameleiro, que vivia só, e passava por ter dois potes de libras, saiu ao caminho, a cocar...

Uns catraios que por'lí brincavam á cachola, ao darem com os olhos no velho octogenário, fugiram a sete pés. E ele mostrando o único dente que tinha na bôca, soltou o seu estribilho:

— Reu-reu, reu-reu.... Se desta escapas vais ao ceu!

Dizia isto a todos os rapazes, que o temiam como feiticeiro e mau. No eirado do Gameleiro havia sempre fruta. A garotada não punha lá pé. Duma vez o Taipa e o Malafaia foram-lhe ás peras, numa noite de luar. O Gameleiro pressentiu-os e veio pr'á porta da cozinha. Pois só de olhar p'ra êles e dizer:

— Reu-reu, reu-reu — se desta escapas vais ao ceu!....

...êles ficaram assombrados de susto e presos aos ganos da pereira, como enfeitçados, até de manhã. Foi preciso o velho, ao levantar-se, na manhã seguinte, vir dizer á pereira umas palavras cabalísticas e fazer uns sinais com os dedos, para que aos pobres passaritos — o Taipa e o Malafaia—fosse quebrado o encantamento.

Aquilo constou: nunca mais rapaz nenhum comeu peras do Gameleiro...

Ainda as coscovelheiras falavam da ti'Maria do Rico, quando ela apareceu — as mãos vasiaas debaixo do mandil, tropeçando, já alquebrada pelos muitos anos. As duas saudaram. Depois a Ténes invejosa lisongeou:

— Senhora comadre! Se vomecê não vai p'ró ceu, ninguém se salva.

— Porquê, mulher, porquê?

— Vomecê acarreta todos os dias p'rá casa dos pobres...

— Santo nome de Deus! Outra venha, que rabo tenha! Eu que acarreto, mulher?

— Inda agora foi despejar o bantal a casa do Vitórinho.

— Credo, comadre! inda mais dirão. Eu fui levar uma lã, á Zefa de Real, p'ra ela fiar. P'ra dar esmolas basta o nosso António. Mal lhe chegam os maqueiros da zenha.

As duas riam descrentes e o ti'António Gameleiro, lá da sombra dos portais, esburacados de velhice, mostrava o único dente que tinha na bôca — rindo também;

— Maria! acautela-te com essas bilontras! Elas o que querem é saber o que tu levavas...

— Na, ti'António, na; mór pecado! A gente que tem com isso?

A ti'Maria do Rico estava quási envergonhada. Então aquela gente viu? Mas não estava ninguém pelos caminhos. Desconfianças... Continuou negando.

— Olha António: eu cá esmolas não dou a ninguém, nem um devesil, nem um chavo.

O Gameleiro, forreta, não acreditou mas apoiou o dito;

— Ah! boa mulher! Que vão trabalhar, que vão trabalhar, pois atão...

Tambem a Ténes achou bem ; mas a do Rôças mostrou outros sentimentos :

— Como ha de trabalhar a Róquinha ? Que ha de fazer o Vitórinho, cambado das pernas, tão velho já ? E a Manata ? E outros, muitos outros, estão nas mesmas condições.

O Gameleiro, somítico, fez-se sério :

— Lá de longe em longe um punhado de milho, inda vá... Na Róquinha, que não tem pernas, que a segurem, é bem empregada a esmola. O Vitórinho podia ter poupado em novo. A Manata teve boas leiras...

A ti'Maria Pinheiro traiu-se :

— Valha-nos o santo nome de Deus ! Todos são nossos irmãos. Olha António : tu que não tens filhos, nem parentes, nem aderentes, é que podias socorrer esta pobreza toda. Nosso Senhor te reservaria bom lugar no céu. Que destino queres dar aos potes das libras ? E ao milho que te sobra e que se estraga todos os anos, nas tuas caixas ? Melhor o désses aos pobres.

— Potes das libras ? Tu sonhas, Maria ! O milho mal me chega. Se eu não poupasse !... sabe Deus, sabe Deus...

A tia Maria recolheu a casa a pensar na falta de caridade daquele António Gameleiro, tão abastado de bens e que não dava uma esmola a um pobre. O portal dele estava já marcado com uma roda a giz, feita pelos mendigos, que de longe vinham.

Aquilo queria dizer :

—E' avarento ! Não dá nada.

Tambem já ninguem lhe batia aos portais. Nem os da terra, nem os de fora eram servidos. Ninguem o ocupava. Ele tambem não ocupava ninguem.

Ao contrário : á porta do ti'António Rico havia muitas cruces, traçadas a giz, a carvão e a bico de prégo. Queriam dizer :

—Aqui ha caridade. Dão sempre esmola.

Ti'António Rico substituia muitas vezes o Snr. Emilio, que era o mestre-régio, nas suas funções pedagógicas.

A garotada temia-o ; mas como era muito surdo e via pouco, abusava bastas vezes do pobre velho. Os rapazes saíam fora sem pedir licença, diziam gracejos, chamavam-se nomes feios uns aos outros, e até ao mestre. O que valia era o olho fino do Elias, o neto do tio Rico — seus seis anos, se tanto, que ainda usava calças abertas e a camisa a sair, á laia de rabo de galinha :

— Vô ! Vôzinho !

— Anh !

— Olhe o Caçoilinha da Fanhosa foi lá fora, sem pedir licença.

— Deixa-o vir ! deixa-o vir que eu falo-lhe...

— Vôzinho.

— Quê !

— Lá vai o Mendralha...

— Já aqui, seu galopim !

Mendralha recolhia ao banco ameaçando o rapaz :

— Deixa que lá fora...

— Vô ? Diz que me bate !

O velho levantava-se, de salgueiro ás costas, no gesto de quem vai tanger o gado :

— Vamos lá a essa lição. Vai aqui tudo raso com pancadaria. Logo canta tudo a taboada.

É começava ao longo das paredes a apontar os quadros de letras enormes, umas pretas outras raiadas, na destriça das sílabas :

— Como se diz ?

Era agora o Zé do Aires o interrogado. Garotão de marca, motejava do pobre velho, abusando da sua surdez ; e ora lhe falava muito alto, ora estropiava as palavras e metia de permeio nomes feios.

— Mendralha ?

— Nhôra !

— Vamos a isto, Mendralhinha, bah !

O bargantaço berregava alto uma tirada muito comprida do « *Alfabeto Natural* », do Abade de Arcozelo :

— *Pai, pape, papa, pipa, paio...*

— Oh ! co'as galés ! Devagar, bigorrihas...

E a vergasta de salgueiro fungava no ar.

Apontava de novo :

— Como se diz aqui ?

O matulão, dizia em voz escarnica, com cara muito séria e cómica :

— *Móca velho, surdo como pedra !*

A garotada gargalhava e a vergasta zoava no ar :

— Anh! Nem pio! Esfólo um e ponho-lhe a péle á porta, p'ra exemplo...

Mas o Liinhas, sempre de olho á lerta, accusava:

— Vô! Ó vôzinho?

— Quê, Liinhas!

— Chamou-lhe *Moca velho*...

— Quem? Este maroto?

Logo a verdasca descia — zu... — sobre a cabeça do Mendralha. Quási nunca acertava no alvo; mas o mariola gritava sempre:

— Ai, ai!

...com quantos pulmões tinha.

— Diz'tu agora, Fanhosinha...

Fanhosinha, inda mais garôto que os outros, sabia tudo de cór, e nem sequer conhecia uma letra. Mas tinha muito respeito pelo velho, que o desfaimava, sempre que a ele se achegava com fome. Era o companheiro das migas quási todas as manhãs...

O Fanhosa Caçoilinha, fechava os olhos e *lia* o quadro de alto a baixo, sem errar uma sílaba... Para que abrir os olhos se sabia tudo de cór?

Tio Rico tinha sempre para ele uma palavra de estímulo:

— Bô rapaz! Isso mesmo!

E intimamente dizia:

— Este dá homem! É pobresinho, mas fino como coral...

Finda a corrida aos quadros, o velhote comandava :

— Taboada ! Ordinário ! Marche...

Toda a rapaziada formava ao longo da sala, num pelotão, em frente á mesa do mestre.

È começava a cantar-se a taboada a duas vózes, numa toadilha monótona mas engraçada ;

— 2 × 1 — 2; 2 × 2 — 4; 2 × 3 — 6...

Ti'António Rico, com o Caçoilinha, Mendralha, o Roido e mais tres ou quatro dos matulões — faziam de bordão; a garotada miuda e as raparigas — porque já naquele tempo e nesta aldeia, se tinha adotado, extra-programa, a co-educação dos sexos — cantavam de delgado!

— 4 × 5 — 20; 4 × 6 — 24...

Como isso vai longe !... Mas parece-me ter ainda nos ouvidos a monótona canção da taboada... Que saudades, que saudades !...

Um dia a ti'Maria Pinheiro tirou-se de seus cuidados e foi á azenha, levar a mistura p'ra moer e, ao mesmo tempo — cocar, ver o que se passava.

Ainda nas planquetas, ouvia já grande alarido, falava-se alto, quási em bérro :

— Quem não disser bem, não ganha as miguitas.

— Eu sei ti'António !

— Eu tam'em !

— Tam'em eu !

Quando a velha entrou viu isto :

Na preguiçeira ao redor da lareira tres rapazitos de volta dum só livro : O Caçoilinha, o Roido, e o Zé Aires, a quem tio Rico chamava Mendralha.

— Oh ! co'as galés ! — disse ela sorrindo — que freguesia Antoninho, que freguesia tu aqui tens !...

O velho cuspihava, fungava uma pitada :

— Deixa, mulher, deixa : vão á escola todos os dias. Comem as miguitas comigo. Bons rapazes !

Como era muito surdo, berrava alto :

— Eh ! rapaziada ! Caçoilinha ?

— Nhora.

— Como se diz ? R...é — ré ; g...u...e — gue.

E o Caçoilinha, garoto e finório, rematava de cór :

— *Regue a rua.*

— Isso, isso ! Tu agora, ó Roido.

— E o ladropeiro do Roido, tambem de cór, vomitava :

— *Leva rapé na mala.*

Saltava logo a ameaça dum safanão :

— Arréh ! Devagar ! Que letra é esta ?

.....

A ti'Maria pôs-se a rir :

— Tu sempre tens uma paciência !

Depois quedou a observar aquele interior.

Era um ovo cheio, a pequenina azenha. Madeiras, trastes, apeirias, ferramentas, livros, jornais...

No telho o póte das migas fervia. O lume crepitava. Fora, um ventosinho que soprava, balouçava as oliveiras de copa afarelhuda.

O exame á rapaziada foi dado por findo. O Ti'António comandou :

— Caçoilinha ? Roido ? Mendralha ?

— Pronto ! — disseram os tres agorins.

— Lavar estas tijelas, ali á caleira. Ir num pé e vir noutro.

Os garotos pularam de contentes e lá foram. O velho tirou da caixa meia brôa de pão e pô-la sobre o tremonhado. Dentro a mó cantava, ao mesmo tempo que fazia a sua infindavel dança de roda, numa alegria louca ! O rolete pinchava sobre a andadeira a arrastar o grão.

Quando os tres galrachos chegaram com as tijelas, atafulhou-as de pão migado e sobre êle deitou a cheirosa água-de-unto.

Depois distribuiu as tijelas.

A garotada pegou-se :

— Essa é a minha !

— Não ; nesta comi eu ontem...

Ti António pegou da cacheina de sobreiro e ameaçou :

— Vai aqui tudo raso ! Esfedelho um !

Tudo calou. Dez minutos depois as tijelas estavam vasias.

A velhinha saiu a rir pela porta fóra :

— Este meu homem sempre tem uma paciência...

Numa manhã de Janeiro molinhoso e frio, a Ti'Maria Pinheiro, morreu. Tinha cerca de oitenta anos — uma vida longa, que Deus déra para espalhar o Bem por sobre a terra.

Quando levaram a noticia á azénha, o velho António quedou num pasmo.

Como estava muito surdo, supôs não ouvir bem a noticia fatal :

— Morreu ? A Maria ?

— Morreu agora, ti' António.

— Que dizes, óh ? Pode lá ser ?

— Morreu, morreu !...

O velho caiu sobre o tremonhado a chorar. Sentia que uma nuvem negra o envolvia todo. Pareceu-lhe que pegavam nele e o erguiam muito alto, até á carucha dum pinheiro ; e que, de repente, o deixavam cair desamparado no chão, onde se vinha estatelar. O horrível pesadêlo perseguiu-o longos minutos.

O Domingos Amaro, que lhe trouxera a triste nova, sacudia-o, forcejava por ergue-lo :

— Ti' António ? Não ouve ? Olhe !

O pobre velho estremeceu, levantou-se de supetão, os olhos muito abertos, parados, sem luz :

— Oh meu Deus ! Domingos ? Onde estás tu ?

— Estou aqui ti' António ; não me vê ?

Estendeu a mão a apalpar ; encontrou o mensageiro :

— Já é noite ha muito ? Que escuro está !

— Não é noite, não senhor. Está molinhoso o dia. Ha muita névoa. Vomecê, não me vê?

— Oh! meu Deus, não vejo nada. Ai que estou cego de todo. Perdi o último bocado de luz. Era de coragem, era forte, mas chorou.

Mais animoso disse depois ;

— Domingos? Peja a zénha, menino. Olha que o pejadoiro desça bem. Vamos embora. Ai a minha pobre Maria! Nem sequer a vejo morta...

E saiu a chorar encostado ao ombro do vizinho Domingos, aos tropelhouços, como um ébrio.

Estava completamente cego.

No dia seguinte foi o enterro — um enterro solene onde se encorporou toda a gente. Nem um só dos pobres beneficiados faltou.

O velho António acamara, no regresso da azenha, chorando a querida morta e a sua cegueira.

Os que regressavam do funeral vinham dar-lhe conta de como tudo tinha corrido.

Estava estirado de costas, na cama da casa-nova. O Barrosinho sacudiu-o de leve :

— Ti'António ?

Não se moveu. A um sacalão mais violento a cabeça decaiu, rolou para o lado.

O ruivo Formigo apalpou-lhe a frente : estava fria, gelada. Tateou-lhe o coração : já não trepidava.

Estava morto.

Os dois apóstolos do Bem, em sessenta anos

de companhia, por tal forma se afeiçoaram, que não puderam separar-se na morte.

Na terra fria e charquenta do adro de Vila-chã, outra campa foi aberta ao lado da da tia Maria Pinheiro. O cadaver do santo velho foi ali dado á terra, tão junto, quanto foi possível, do da sua consorte.

Viveram juntos; morreram juntos e suas Almas devem ter pousado

« Na mão de Deus, na sua mão direita. »

onde os Bons tem o repouso eterno.

O Velho

(História duma alma-penada)

I

O tio Naguêlho — Clemente de nome, — é um focinhito de raposa, especado num lato sêco de pinheiro.

Esgrouviado, derreado em arco de serra — quando enverga o seu gabinardo sebentoso, que lhe chega aos pés — lembra um rabino judeu.

A andar é tão destrambelhado e patazanas, como a trabalhar é foção e sarrabilhôto. E' dos bons lavradores o melhor do lugar. Manhoso como urca! — dizem por lá os vizinhos. E invejoso que baste...

Ai o mal que lhe faz a prosperidade dos outros!

A mulher — velhota frescalhona e desenvolta, sempre muito aceada, de indumentárias garridas — perdeu todos os incisivos, talvez por excesso de dár muito á taramela. Na verdade no

lugar e por aquela corda de povos, — ninguém lhe leva as lampas na má língua e mexeriquice.

Um pouco bosêlha, falando com incrível velocidade, quando se imperréce — e isso é frequente — gagueja.

A Rebaldeira, mondrenga acilindrada, que a não póde tragar, diz sempre que a vê :

— Lá vai a chincharella levar o painço ao *Velho*, p'ra contar...

A verdade é que se Clemente é invejoso — a mulher requinta e põe nas coisas mau olhado. As línguas de prata das senhoras vizinhas, temem-na. E' que a ti'Joaquina Repincha costuma dizer, mesmo nas barbas dos adjuntos :

— A espada das mulheres é a língua. Uma pessoa, quando acaba de dizer as verdades — diz mentiras. O tudo é a gente não se calar...

Aí! valente filha de Eva! Assim é que é...

A verdade, porém, é que o abastado lavrador desgosta-se daqueles tremendos duelos e justas, que a mulher trava, freqüentes vezes, com a vizinhança, no largo da aldeia, ou pelo nabal e cortinhas.

Clemente Naguêlho, contudo, não manifesta perante ela o seu descontentamento com brusquidões ou falazadas. Isso sim! Bons modos, quási pegando-lhe ao colo, porque naquela casa, como na de Gonçalo quem manda é a galinha, nanja o galo. O que vale é a teimosia e mazombice. Isso é uma muralha que a tia Repincha, com a ajuda de San-Linguão — orágo querido de seu devocionario, — tem tentado derruir a golpes de ariete :

— Burro de home! majagante de má-morte!... Hás de ser toda a vida um jumento.

O marido mazoupeiro, quási risonho, aquièsce:

— O' mulher! cala-te pelo amor de Deus! E' isso é... Tens razão, tens razão...

Naguêlho, em familia, é assim: manso que nem onagro cansado. Lá sabe as linhas com que se cose...

Mas com a filharada e vizinhança — cautela!

Por tuta-e-meia ameaça logo com pancadaria, ou citó-cito á porta; e corre á vila a peitar os da justiça. Pinta a manta!

Temem-no os vizinhos, pela muita maldade — embora se riam, á sua custa, da *má nota* que lhe caiu em casa.

As mães costumam dizer ás creanças choronas:

— Escuta, escuta! Cala-te filho, que aí vem o tio Naguêlho...

Clemente é assim uma espécie de ogro do lugar; e as creanças fogem amedrontadas, se o enxergam por cangostas e andurrinhas.

Como é um garapau, mal ajambrado e tem aquele focinho de toupeira que Nosso-Senhor lhe deu — não colhe na verdade simpatias.

O Naguêlho velho, pai de Clemente, a quem também chamavam o Cavaquinho — deixou má memória de si. Passava por roubar leivas de terra e mudar marcos, para chamar seus aos pinheiros que treiteavam. As suas leiras da agra

viam-se crescer, a olhos-vistos — á custa das dos vizinhos que mingravam.

Graves pecados estes de roubar treitas e mudar marcos. Deus não quer no ceu desta gente e mesmo o diabo não se julga muito feliz com tais almas nos abismos, talvez no receio de que lhe cerceiem os dominios...

Por isso as almas dos que assim procederam, não entrando no ceu nem no inferno, vagueiam perdidas pelo espaço, e correm pelo mundo a impecer os vivos...

Quem mudou marcos em vida, tem de vir do outro mundo repô-los. E' lei.

Depois, na partilha das águas, o Naguêlho velho, pintára o sete! O Tanaio é que sabia...

Quando o Cavaquinho morreu, houve logo quem o visse, em noites tenebrosas de inverno, passaritar pelas agras e cortinhas, farejando os marcos que mudára, medindo as treitas desviadas...

Uma noite, ao passar nos trancos da agra, o songa-monga do Tanaio viu-o a arrastar grossas correntes de ferro, aiando que metia pavor. Era uma sombra negra que fazia romaria em volta das pedras demarcantes — ora a uma, ora a outra...

Doutra vez, numa noite de tempestade — trovões de arrazar o mundo! — as faíscas a fuzilar, incendiaram as mêdas e a barrela da palha, do Clemente filho.

Aos gritos de:

A'-del-rei fogo!

...acudiu o povo do lugar. Chovia torrencial-

mente, mas nem assim as labaredas diminuiam.

Aquilo parecia coisa ruim ! . . .

De facto a Rebaldeira, zaralha de mão cheia e a quem faltaram no baptismo palavras do credo, afirmou ter visto o Clemente velho no meio da labareda, a atizar o brazido com uma grande espalhadoira de tres galhos. O vivo demónio !

Quando o povo se aproximava fugiu p'ra riba do telhado da casa, em sinistras rizadas escarnicas, como a regozijar-se da sua maldade.

Naguêlho, que andava na irmandade do Espirito Santo, de Coura, requereu para longe o duende ; e, a conselho do padre do Amparo, mandou erguer umas alminhas á esquina da casa e espalhar sal pelas encruzilhadas. O cobrador da Irmandade, no ano seguinte, declarou que de facto por altas terras de Coura, andava uma alma penada, que não era dali e pedia que lhe mandassem dizer vinte missas, sem o que não poderia entrar no ceu.

Calculou Clemente que aquilo era com êle e logo entregou doze corôas, em prata, ao andador, para mandar dizer, lá, umas vinte missas . . . por uma intenção particular.

Muitos anos depois, os carreteiros que passavam nos andurriais pedregosos das bouças de tomadia, viram, por sobre a parede da propriedade de Clemente, um vulto negro, grande como um pinheiro, amarrado, como se tivesse uma mala ás costas. Ia e vinha, sem descanso, arrastando grossas correntes de ferro por sobre os penedos reboludos.

O pavor apoderou-se dos carreteiros ; os bois

mugiam de mêdo, arrequando nos tremelhos do reparo.

Dias depois daquilo constar, o lavrador mandou erguer lá outras alminhas. Soube-se a causa.

Uns caçadores iconoclastas, que por ali passaram, ao enfrentar com o monumento da forçada piedade do usurário, escreveram ao lado, no branco do painel, por cima das labaredas vermelhas, que a imaginação do Pinta-ratos, pôs a cirandar, ao redor de ingénuas cabeças de peccadores, expiando seus erros no Purgatório:

« Aqui, nesta encruzilhada,
aqui mesmo de repente,
diz, que aparece o diabo
cavalgando o Clemente! »

Ao lado desta quadra outro viageiro, igualmente desrespeitador, escreveu :

« Aqui nesta encruzilhada,
sobre o carvalho cerquinho
sarrabilhota o diabo
tocando num *Cavaquinho*...
E sobre o penedo massuco
pincha, pula...
e dança a chula... »

.

Quando a ti'Joaquina Repincha soube disto, correu á bouça a contemplar o sacrilégio. E logo ali, a sós com os pinheiros e carvalhos, pediu a

palavra a um velho pinheiro manso, que presidia aquela assembleia florestal, para estender a sua prodigiosa língua, sobre a reputação de toda a vizinhança, daquela corda de povos; e excomunição plena pediu ao Senhor, para os bargantaços mariolas, que tinham posto facécias malcreadas, nas coisas sérias de Deus.

Ah! o que a verbosa creatura ali não disse! Até pinheirinhos novos, ainda muito creanças, desacostumados a ouvir daquilo — coraram de pudor...

No entanto os negócios, por casa dos Clementes, corriam á maravilha; punham na feira bons três a quatro carros de pão; e meia duzia de pipas de vinho era aquartilhada pelas vendas. A tia Repincha, por dá cá aquela palha, pegava-se com as vizinhas — ora por causa do gado rabaceiro, ora porque lhe iam ás couves da horta, ou as galinhas lhe depenicavam os alfougues.

A Videirinha — velha repitosca e ponteira de língua tapava-lhe a bôca:

— Cale-se mulher! Quem lhe vai ás coibas é o *Velho*...

Caía Troia. A Repincha desdentada e tatarana, godelhava improperios até juntar gente.

O marido e os filhos vinham busca-la ao largo da aldeia, levavam-na á força para casa.

Os mirónes gracejavam, diziam piquétas:

— Ti'Maria? Então o *Velho* é que vai ás coibas?

— Olé!

— Quem pegou o fogo ás mêdas ?

— Foi êle, está de vêr.

— Quem desenfueira o carro ?

— Tam'em é êle.

Riam muito e depois debandavam.

Ao escurecer dum dia de verão um rapazito que passava nos cabeceiros da agra viu uma figura abantesmada, envergando sobrepeliz como um padre, que ia e vinha, muito depressa pela treita fóra, na leira dos Clementes. Aquilo era uma roda-viva, tão depressa num cabedulho, como noutro...

O gaiato pensou que fosse o sr. Reitor que ia ungir a Quêlha — uma pobre de Cristo, que estava às portas da morte. Mas os bois, os mansos e cansados bois de carreteiro, mugiram — recuaram como se tivessem reparo nas vistas e fugiram partindo os sogamentos e apeaças, com o jugo escartilhado em frangôtos.

O rapazinho desandou a berrar, dizendo ter visto uma abantesma branca a cavalo num dos bois, bota que bota, em corrida desenfreada.

Naguêlho ouviu falar disto e calculou :

— Bem ! Se a figura agora é branca, é porque está de bem com Deus. Dantes era sempre negra. As vinte missas mandadas dizer em Coura, subiram ao ceu, foram bem empregadas. Vou mandar erguer ali, nos trancos da agra, outras alminhas para comemorar o eterno descanso, de quem desta foi.

Chamou os Pêgas, pedreiros-montantes, e

mandou picar uma pedra grande dos cabedulhos da agra e escavar nela um nichosinho para o painel que encomendou ao santeiro da vila. Quando estava quasi pronta, numa noite, appareceu toda escadraçada, como se martelão ali tivesse andado. Todos os vizinhos declararam não ter ouvido o mais insignificante ruido.

O que teria operado semelhante coisa ?

— Foi o *Velho* — voltára a afirmar a Videirinha.

É logo por todo o povo — uma só voz, confirmou :

— O Cavaquinho não contente com o mal que fêz em vida, inda anda por ai a fazer tralazanas e mandongas.

Dias depois, uma manhã, a égua dos Clementes, — brava como o mafarrico e que não deixava chegar ninguem a ela, porque escoucinhava e mordía — appareceu com as crinas e cauda entrançadas a preceito, e desferrada das quatro patas !...

Oh ! assombro ! Quem fizera semelhante arranjo ?

Desta vez foi a Favéca, mondrença que não podia enxergar os Naguêlhos, quem botou fala :

— Quem entrançou as crinas á burra e a desferrou ?

É do lado a garnizé da filha ripostou :

— Foi o *Velho*, quem havia de sêr ?

Logo, pelo lugar fóra, correu a voz :

— Foi o *Velho* foi o *Velho*...

A Repincha — chincharelheira de má figa, mas que não queria que os outros falassem, — mandou logo o filho com a égua ao ferrador de Santa Marinha. Recomendou que pregassem ferraduras pernões, das de cinco cravos, para não tornar a ser impecida. As de seis pregos não teem tanta virtude — deixam até entrar feitiçarias em casa. Meteu-lhe uma mão cheia de sal no bolso, embrulhado num papel e recomendou que botasse umas pedrinhas em todos os caminhos de cruz, como tinha dito o sr. padre do Amparo. E na grande encruzilhada da Figueiró, onde bailam as feiticeiras, que parasse a rezar um crédo...

II

MARRUEL Tanaio tinha já seus trinta bem puxados quando se lembrou de rentar as moças por serões e romarias.

Como era rico algumas acaudeçavam-no.

Constava que o velho Tanaio — um unhas-de-fome, que não comia para poupar — agasalhava porrões de ouro, — boa meia raza de peças! na corte dos bois ou num falso da casa só dele conhecido.

Quando tal chegou aos ouvidos de Naguêlho, foi de longada procurar o somítico, que podava nos Barrôcos, numa tarde fria de dezembro.

— Ti'Joaquim? Então vomecê, um homem rico, assim ao dependurão das uveiras? Deixe-se disso...

Mas Tanaio começou logo a carpir-se:

— Mór pecado, hóme! Rico, eu? A gente vai vivendo, mas... sabe Deus! Agora tu — sim: tu estás a ser o maioral.

Foi a vez de gemer o outro:

— Ti'Joaquim! Vomecê inda é dos homens de algum dia — quando as décimas andavam baixas e o bacalhau se mercava a dois-e-cinco.

Bem sei que tambem a raza de milho se vendia pelo preço da chuva, quando muito a doze vintens... Hoje, em dia, as despesas duma casa não se aguentam. O que a gente vende — pôdre de barato. O que se compra — pela hora da morte. Vamos vivendo ti'Joaquim, vamos vivendo, enquanto Deus quere...

Do alto da carvalheira o Tanaio espraizou a vista pelo vale em fóra e gritou p'ra longe, pr'á Senra, num berrêgo fanhoso, prolongando muito as vogais :

— Marruééél! Raapaaaz!... Olha êsses bois na ééérva!...

O morqueiro do sobrinho foi de corrida fazer a tornada e voltou a agarrar-se ao cabo da enxada, na feitura do beirêdo, bota que bota. O velho mirava-o de cima da uveira, ou ralhazava :

— Anda mazapo! Tira-me essa vestia, que tolhe os braços...

Naguêlho interveio, meluriento, de manha ferrada :

— Deixe lá, ti'Joaquim, que seu sobrinho é um mouro de trabalho.

— Que remédio êle tem! Não que pelas ripas do telhado, não cai pão, sem o suar.

— Ora, ora... Vomecês tem muito, não precisam trabalhar.

E num geito velhaco, como quem não quere a coisa :

— O que é mester é casar o moço...

O velho arreguilou os olhos, aconchegou o lenço vermelho, que trazia atado na cabeça, por baixo do chapéu :

— Casar ? Com quem ? Home ! tu...

— Casar, pois então ! Que idade tem êle ?
Seus trinta...

— Há de andar por aí...

Naguêlho achou de boa disposição o velho
Tanaio e rogou :

— Homem ! desça cá baixo que temos que
falar.

E sentados no valado, ao abrigo do friul que
soprava da cabra-fanada, continuaram o paleio.
Naguêlho, á songa-monga, ia advogando a causa
do rapaz, insistia pelo casamento, oferecendo a
filha — a Josefa, que teria então seus dezoito, e
era uma tourôna, uma femeaça de truz :

— Dou-lhe a minha filha lá p'ra casa, hó!...

O velho olhou-o com velhacaria:

— Atão sempre te arresolveste ? Da outra
vez disseste que a moça não o queria...

— Criançadas ti'Joaquim, criançadas... A
rapariga p'ra'í anda em conversalhos com uns
bragasteiros, sem eira nem beira, que não são cá
do meu agrado, nem são da igualha dela... A sua
casa ligada á minha, vai ser um vínculo, um mor-
gadio de respeito. Olhe vomecê quantas leiras
nós temos a treitear — pelas agras, pelos Soba-
los, pelas Devezas, pelos Tranquêlos... por...

— Sim, sim, homem ! E tua mulher ?

— Ora ! mulheres!... Quando se trata de
aquejar a casa, as mulheres nunca desman-
cham...

De facto a tia Joaquina tinha godelhado, na
sua zarapallice habitual :

— Sim, sim... O engrouviado do moço é um

pito-sulo, um marélo da maleita... Mas marelinhas são as libras e a gente gosta bem delas...

De forma que não era por aqui que o gato ia á filhoz. O peor é que o velho avarento punha condições :

— Que dás á môça?

Diabo ! Para isso não ia prevenido Clemente. Começou de coçar a cabeça, coisa muito de seu geito ; cofiou depois a carqueja engaranhada das suizas e pôs os olhos ao largo sobre a grande agra de Santa-Baia, onde os gados retouçavam de manso e a verdura das ervagens se dou-rava do sol a descer sobre o monte. Uma cachopa cantava, numa voz fresca, cristalina, cheia de suaves modulações :

Se ouvires dizer que morro
 Não chores por mim meu bem :
 A morte da desgraçada
 Não causa pena a ninguem...

Mas Naguêlho não prestava atenção, não ou-via nada, nem aquilo era para êle. O olhar vaga-mente estendido, ia remoendo uma ideia fixa : não dar nada, se calhasse, ou dar o menos possível.

Tanaio, porém insistia :

— Que dás á moça ?

O lavrador, pai da manha, foi dizendo em tremelhos de malícia, sorrisinho velhaco engati-lhado :

— Que hei de dar, hó ! Vomecês, não preci-

sam... A' minha morte... a cachopa vem buscar o dote...

— Quê, quê, hó! quê, quê?

O outro teimava,

— Sabe que tenho mais filhos, enquanto que vomecês só teem o môço...

— Sim, sim, mas tens muito que lhes dar.

— Valha-me Deus!

— Despacha-te, homem! Tenho o beiral por minha conta.

Viu Naguêlho que o ladrão do velho não desarmava. Era-lhe forçoso oferecer terra. Fez um esforço, um grande esforço, para dizer:

— Pois bem: dou-lhe pão para ela comer. Aquilo ali...

E apontou, lá baixo, as terras da Senra.

— ...dá p'ra riba de carro.

— O quê?

— A leira grande...

O velho Tanaio sorriu-se, deu um assobio de troça:

— A minha, que é maior, nunca deu mais de vinte.

Clemente coçou de novo a cabeça e o eterno sorriso velhaco aflorou:

— Que não dê bem o carro, dá mais de meio...

— Vamos; e depois?

— Codecêdo parte comsigo: uma leira de truz! Suas vinte, não?

— Nem quinze! E' da terra mais fria do lugar.

— Ora, ora... Este ano, que lá vai, deu pas-sante de quinze.

— Doze, doze... e não t'a quero por mais...

— Pois vá lá.

Tanaio ficou-se á espera que Clemente continuasse a relação de bens. Mas o lavrador começou a inumerar as habilidades e virtudes da filha; tecia bem, sabia remendar uma camisa e fundilhar umas calças; quanto a génio não se parecia nada com a mãe...

— Bô, bô; isso pouco importa. E que mais dás?

— Não posso dar mais nada...

— Eh! — fez o velho num espanto. Atão nada feito...

Naguêlho descorou. Voltou a cofiar a suiça, a coçar a cabeça.

— Vomecê explora-me, ti'Joaquim! Que hei de dar mais? Só se lhe dér o cortêlho dos Tranquêlos...

— E' brejo, terra fraca...

— Crédinho! Muito bom milho... E para o gado não há melhor. Garante três a quatro tesoiras de erva... E vinho? Aquelas uveiras desfazem-se em vinho...

O velho abanava a cabeça, descrente:

— Dois cêstos...

— Só o carvalho grande, no ano que casei, deu três cestos acogulados.

— E bravio?

— Ora bravio! Precisam vomecês de bravio?... O que por aí vai de tancharia!... Pinheirada de respeito... Bons matos... Que hei de dar eu, ti'Joaquim?

Tanaio berrou, p'ra baixo, p'ras Senras:

— Marruel? Olha êsse boi, mazapo!...

O calça-púcaros desandou a correr, cercou o gado, e voltou ao trabalho, automaticamente como uma máquina.

Clemente insistia :

— Precisam lá, vomecês, de bravio!...

E punha a vista sobre os oucros do Faro, todo vestidinho dos pés á cabeça, com uma túnica felpuda de pinheiros, que subiam, em procissão, para as musganheiras do picôto, onde móra a raposa. Ali perto, mesmo na rechã da Serra, era a grande tomadia dos Tanaios; mais além, na lomba, a bouça, chouvida ao derredor, com boa parede dobrada a afastar os gados ladrapos e a quitar a lenha aos cabaneiros.

E porque o velho magicava, engolfado em seus pensamentos, Naguêlho armou em poeta, e pôs-se a contemplar a paisagem.

Lindo vale este que se estende por aí abaixo até perder de vista. Dum lado a serra; do outro os montes terrosanos, aconchegados na felpugem do arvoredado; ao fundo, muito longe, côr de chumbo, o moutilhão arredondado de Laundos, com moinhos na cumieira, como ameias em castelo. Ao perto os socalcos das vinhas de Cedofeita e Santa-Baia, lembram degraus dum supedâneo do templo de Baco! E ali á beira, alvejando na moldura dos cunhais, a que a pátina do tempo emprestou velhice — a torre da igreja, muito esguia, como vara erguida ao alto, lembra uma sentinela a velar o vale.

Como o boi olha o palacio, assim Clemente olhava. Aquilo não dizia nada a sua alma falha de

sensibilidade. Voltou os olhos sobre o velho, que pensava ainda :

— Bem ; estamos tratados ?

— Ná ; assim, não. Tens de dár bravio.

— Valha-me Deus, hó!

— Tens de dár bravio! Dás terra à moça, sem mato para a adubar?... Que geito tem?

— Pois não seja por aí o mal. Serve-lhe a leira grande da Chamiça?

— Só penedos... E porque não dás tu os Pedrõesinhos?

— E'ssa é o brinco da casa, ti'Joaquim! Por mim não havia mal; mas a mulher...

— Dás a bouça e estamos tratados.

— Home!

E voltou a coçar a cabeça, o olho velhaco a espreitar o velho, que ageitava o esqueiro para trepar de novo à árvore.

— Dás a bouça...

— Sempre faz mester dizer à Joaquina...

Mas Tanaio, como onagro teimoso, insistia na sua :

— Dás a bouça! dás a bouça!

Clemente Naguêlho saiu apreensivo. O ladrão do velho caçava-lhe o melhor prédio, levando os Pedrõesinhos...

MARRUEL...
 Marruel é um estropiamento muito exótico de Manuel. O velho Tanaio era tatarano e pronunciava o nome de tal forma que, quem ouvia, tinha a impressão de perceber — Marruel.

Ele talvez dissesse Marnel ou Marnuel, mas o povo do lugar começou a chamar-lhe Marruel e Marruel ficou para sempre.

O pobre de Cristo era um patazanas, amazapado, raquítico, pernas tortas, barba rala, anegrinado, de quem as moças do lugar troçavam — apesar de lhe cubiçarem o dóte, que era de encher o ôlho!

Apesar dos seus trinta bem puxados toda a gente o tratava ainda por rapaz — e tinha-se na verdade a impressão de que a creatura, seria rapaz toda a vida:

— O rapaz dos Tanaios fez... O rapaz dos Tanaios deixou de fazer...

Mesmo a cachopada miuda o tratava por tu:

— Onde vais, ó Marruel?

Tambem êle se não dava ao respeito. Aos

domingos jogava o botão com a garotada pelas encruzilhadas das tomadias da Mata, enquanto os gados retouçavam pelas moutas.

Tanaio, no linguajar dêste povo, significa tarano, panau, mal ajambrado, mondrenço... E nunca uma palavra definiu, com tanta precisão, uma ideia! Na verdade aquilo era uma família de tanaios...

Casa de boa laboeira — eram contudo uns unhas de fome, muito somíticos e porcalhões — quasi não comendo para poupar.

Os jornaleiros não gostavam de comer lá, não só porque a abundância não era muita, mas, sobretudo, porque a porcaria sobrava.

A Cascôrra, limpaça mais apurada do lugar, cuspihava, dizia para as outras, nojelhenta:

— Catixa! Um bicharro no caldo! Se eu torno aqui a comer...

É pregava com a caldivana no balde dos chicos.

A Tanaia arrepeleva-se:

— Taréh, mulher! tu nunca comes o caldo...

A moça resmoneava:

— Escolha a verdura... A' sexta-feira é peccado comer carne...

A velha fingia não ouvir, mas mujava:

— Diabo de fedúncias! Em casa talvez comam melhor... Esta mocidade de agora é muito fidalga... A de algum dia não era assim... Olha o preparo!... Vou estar a escolher a verdura por causa da garnizé...

A' noite, a Tanaia, enquanto fiava, punha o

pote ao lume e cozia os feijões, p'ró caldo do dia seguinte.

Marruel tambem seroava, de roca à cinta, tal qual fosse moça. A seu cargo, estavam os tomentos e a estopa-trossa. A's vezes adunava. A velha puxava do soscadoiro e dava-lhe com êle pela cabeça.

— Acorda, barzabum! Fias menos do que fiapas. . .

E Marruel punha de novo o fuso a rodopiar, até que, de novo, a sonolência o vencia.

Uma noite caía neve e pelos interstícios da telha vã, o frio entrava de visita. O pobre trazia apenas, sôbre a pele, a fria e grosseira camisa de estopa e um casibeque de lã surra, tecida pela tia na urdidura zarpelhada e costurado pelo alfaiate da Torre — um velho que nunca tinha visto uma máquina de costura.

Como o frio o enregelava, pôs na fogueira, quási extinta, uma mão cheia de latos sêcos e duas canhotas de raizeiro.

— Abrenúncio, rapaz! Tu gastas quanta lenha há!

— Pois vançê está ao canto do forno, não sente o frio. Mas eu estou a tremer. . .

— Oh! co'a maleita. Olha não morras, óh!
E tirou as achas.

Marruel teimou em pô-las a arder.

A velha desancou-o com o soscadoiro e por pouco o não cegava.

Quando ainda o dia andava por casa de Jesu-

Cristo — já ela se desenvencilhava das mantas farrapeiras e corria à lareira a atizar o lume, com o rescaldo da fomalheira, achegado de vespera.

Mas antes disso — o que ela não tinha chamechado pelo sobrinho!

— Rapaz! rapaz! Manél! O' rapaz!...

— 'Nhora! — respondia o dorminhoco, voltando-se p'rá outra banda.

— Põe-te a pé! Já cantam os galos: é dia alto.

Daí a bocado era o velho Tanaio que afoutava, prolongando muito as vogais:

— Maaarrueeel!... O' Maaarrueeel!...

— Uh! uh! — Lá vou.

— Põe-te a pé, Marruel. Bota de comer as vacas e desoga os bois...

O pobre lanzudo via-se em pancas. O calor das mantas consolava. Lá fóra ia frio de racher... E voltava, nas azas da sonolência, um paraíso acariciador, onde não chegavam os berregos da Tanaia, nem as lamúrias do tio...

Té que o mondrulho da velha se punha a pé e ameaçava, furibunda:

— Eu vou já aí co'a sôga...

Então o zanzo cispava-se pela varanda fóra, a roupa num braçado, a enfiar as calças, pelos patins abaixo, caminho do quinteiro.

Dali a nada aparecia o velho, a tossilhar, alquebrado, trôpego, cara de fome e de doença:

— Marruel! vai comer o caldo e salta p'rá

bouça a roçar umas fueiradas de mato. Vou logo co'carro.

Inda o dia não dealbava e já êle tinha o almoço no fóle. Depois seguia para o mourejo.

A's vezes quando o sol se erguia sobre a Franqueira, já ele descarregava no quinteiro os gabêlos roçados na madrugada.

Quando entrou nas sortes o velho Tanaio falou ao senhor reitor — um clerigo rude, e mal cavacado, mas de certo valimento político.

Murruel era um tarraco de pouco mais de dois côvados de estatura, entrezilhado, microcéfalo, de feições grosseiras, inexpressivas.

Logo viu o padre que semelhante mancebo não carecia de pedidos; nem os homens da inspecção necessitariam de peita. Deixou-o ir ao Deus-dará e ficou isento.

Nesse ano o melhor lombo do chico foi para o senhor reitor. Era a primeira vez que davam um presente e não consta que dessem outro...

O casamento, depois de muitas indecisões — um que falha, outro que falta, leira a mais, leira a menos — foi concertado para dali a dias.

Tanaio foi com o sobrinho a Barcelos e comprou-lhe uma roupa nova nos mercadores do largo do Senhor da Cruz. — Era a primeira da sua vida! Dobrára já o cabo dos trinta, e nunca se vestira senão de sergilha caseira, que a tia

tecelhava, fatôco a baixo, fatôco acima, nos velhos teares do cobêrto da eira.

Pelo caminho, o velho, dissera :

— Rapaz !

— 'Nhora !

— Vem p'ra nossa casa a moça dos Clementes. Traz a leira grande da agra, o Tranquêlo, Codecêdo e a bouça dos Pedrõesinhss. E' pouco, é... Mas aquilo é um unhas-de-fóme... Foi como se lhe tirasse os dentes, o dar a bouça...

— E a Sê-madrinha deixa...

— Pois atão.

— E a moça quiere vir ?

— O pai é que sabe...

A' vinda da feira o Tanaia disse para a noiva :

— O' Zefa ? Atão sempre é certo vires para nossa casa ?

— Vou moço, vou. Só se tu não queres...

— Na..., eu... Anda..., p'ra ires, mais eu, ao mato p'rá Serra e Monte-coiros...

A Zefa não era uma esperteza por aí além, mas ainda assim era ladina que baste. Riu-se muito e depois :

— Demónes te carreguem ! O' brazabum ! pois tu queres pôr-me no roçadoiro... Ai moço ; o que te vale é o que dorme ao luar...

O Tanaia teve um sorriso parvo e só então é que reflectiu ; a Zefa, afinal, não ia para casa dêles como creada ; ia como patroa — ia ser sua mulher.

Sua mulher! Mas que queria isso dizer? Então êle casava, como já tinham casado todos os moços, que entraram nas sortes quando êle? Mas o padrinho só lhe tinha dito:

— «A Zefa do Clemente vem pr'a nossa casa.»

Mais nada. Casar? Mas como era casar?

Em seu espirito selvagem começou a fazer-se luz. Com efeito toda aquela vizinhança do lugar estava casada: o Quitério, o Mãe-Ana, os Palheiros, todos... Poucos dias antes tinha casado o Claudio.

E constava que ía tambem casar a Joanhinha — a moça mais rica e linda do lugar. Isso é que era uma prenda de rapariga!

Parecia-lhe inda assim impossivel o seu casamento. Que idade tinha? Não sabia ao certo, mas supunha-se ainda menino — rapaz como todos os outros rapazes, com quem, ao domingo, jogava o botão, e o eixo-rebaldeixo, nas encruzilhadas da Mata e da Chamiça...

Sabia que os casados dormiam juntos. Mas isso, então, não era pecado? Ele, casando com a Zefa, ia dormir com ela no quarto da varanda?

Se o Sr. Reitor ralhava?

E logo á memória veio, de revoada, uma scena passada com êle e a Chasca, em Monte-coiros, ao abrigueiro do penedo grande. A ladina brincara muito, fizera-lhe cócegas, mostrara-lhe os peitos, muito brancos e duros, que êle amoujara... Tinham-se abraçado, até! Lembra-se que sentira, então, não sabia quê — um acordar de energias assolapadas, um sangue que

borbulhava quente. Ficara a tremer diante da moça, a gaguejar :

— O' Tereza! vamos nós embora? Estou a tremer com frio!

Mas a ladropeira da Chasca, treinadota, já muito batida nas contendas de amor, que passava por ter desmoçado muitos rapazes da aldeia, fêz-lhe um convite libidinoso :

— Achega-te aqui! Eu faço-te calor...

Doutra vez, scena semelhante se passara, com a barbuças da Maria Picaça...

Mas quando, dias depois, pela desobriga, se confessou e disse isso ao padre—ai que réspe! ia desabando a igreja com a trabuzana!

Pelo lado da Zefa não ia o mal a maior. Tal pai, tal filha... O noivo era fraquinho, ridículo mesmo, mas era rico. Isso bastava para corrigir as deficiências da natureza. A cachopa que era interesseira como o pai e menos chincharela que a mãe, desejava o casamento. Os velhos iam estando gastos, e ela, com as lições da mãe, os iria domesticando.

O mazapo do homem era dócil como boi, e da confraria de Gonçalo. Poz-se depois a olha-lo.

Não era tão desengonçado como as moças o pintavam.

Na vila havia um homem mais feio que êle e casara com uma mulher bem bonita... Não era muito esperto, mas, inda assim, sabia lidar com laboeiras e pódas e retinha de cór a partilha das águas. Ninguem o comia por lorpa. Moureja-

va como um animal. A casa vendia pão e vinho... Os pinheiros pelas bouças caíam de velhos e o pêto morava nêles. Quanto a dinheiro falava-se num porrão de moedas de ouro, escondido na loja. Porque não havia de casar? Os rapazes da aldeia eram guapos, desempedidos, trabalhadores, engraçados... mas nenhum tinha fortuna para comparar.

E casaram, dali a dias, num domingo, para não perderem um dia de trabalho.

Logo na segunda-feira, alta madrugada, ao galo cantar matinas, a Tanaia berregou, como de costume :

— Rapaz ! O' rapaz !

— Uh ! Nhora ! . . .

— Salta mandrião ! A Zefa que acenda o lume. Já bamboam os sinos . . .

Mas os noivos cançados do foliar da noite, e ainda embriagados pelo saboroso mel do Himeto, viraram-se p'ra outra banda e ferraram a gata.

A velha, a breve trecho, voltava á carga :

— O' rapaz ! O' marrôco ! Põe-te a pé cegum !

— O engecido do Tanaio, resmoneou tambem na sua voz fanhosa, arrastada ;

— Marruééél !

— Na alcova da sala, onde os Tanaios dormiam, a cama de bancos rangeu ; e logo no soa-lho a velha zarapelhou em cata dos sócos e seguia, aos tropecélos para a cozinha.

Ouviu-se no quarto dos noivos o mamujar da bruxa, pelo corredor :

— Deixa que eu vos arranjo . . . A sôga trabalha já . . .

Marruel, dum pinote, saltou á varanda e disse de fugida, á Zéfa :

— Foge, dialho, que ela atíra-te . . .

Meia hora depois, comido o caldo da vespera, que ainda sabia ao presigo da boda, os noivos gosavam a lua-de-mél, no alto da Serra, ao som da música das enxadas, que trabucavam na pedraseixa . . .

IV

ENTRE Naguêlhos e Tanaios começou de reinar uma harmonia que espantava os do lugar :

— Ólha, olha! quem havia de dizer! Dois onzoneiros que se dão como Deus com os anjos!

De verdade, até aquela data, por causa da partilha das águas, nunca as duas casas se puderam vêr com bons olhos. Quando por cangostas e andurrinhas se encontravam, a salvação era sempre dada por entre dentes, num resmonear de cães que se vão engalfinhar.

Pelo tempo das regas, Tanaio relembrava sempre, com rinha, a roubalheira do velho Clemente, que tivera artes de o deixar a meios talhadoiros. De facto, emquanto a água sobrava aos Clementes, e as novidades verdejavam perluxentas, a impar de seiva, aos Tanaios, o milhinho morria de sêde, a folha derrubava que metia dó, como se estivesse, ali, a atestar o crime do Cavaquinho.

Aiava-se o velho :

— Meú rico pãosinho! O Senhor deu o pago a quem assim te pôs! Deus não dorme!

De facto Tanaio regosijava-se com a voz que

corria pelo povo : Deus não quizera no céu semelhante alma ; e grande pena manifestava, que o diabo o não tivesse aceitado no inferno. Lá é que elle devia estar ! Pois quê ? Um ladrão que roubara a mãe ; um mariola, que puzera os irmãos a pedir ; um ladrapo, que desviou marcos, que alargou paredes, que ninguem queria por vizinho nas agras e tomadias — não deveria estar no meio do inferno, em vez de andar a espalhar peçonha e a afligir as almas ? Ainda o que valia é que a negra alma do *Velho* só impecia os da familia e isso o confortava.

— Arre diabo ! Que os consuma p'ra lá, até que elles restituam o que teem roubado.

E Tanaio alimentava esperanças de, ainda um dia, lhe ser restituída a água que mingára, mercê das tramoias do *Velho*...

Mas o casamento realizara-se e ao Tanaio não passou pelo bestunto que as duas familias, assim reunidas, ficariam formando uma só — mais vasta seara, onde a alma penada mandingasse a contento.

Dias depois do casamento — o Clemente velho já tinha morrido há mais de vinte anos — um belo lateiro de arame com que os Tanaios se orgulhavam, por ter videiras impantes de seiva que davam de vinho para mais de pipa — arreou, foi ao charco !

Acudiram os da casa e vizinhança. Como tinha sido aquilo ? Naguêlho, que acorreu tambem, não sabia explicar. Ninguem, pela noite, tinha

presentido trabuco de martelo ou zunido de cinzel. Os cabos, mesmo, não denotavam córte; e pareciam arrancados das firmezas por mãos hercúleas de gigante.

E esta? Como explicar o mistério?

Amarras firmes como rochas, cabos são como pêros! Por abril não é ainda o peso dos pampas que apanda a vinha...

Naguêlho compreendeu! — Em seu espírito fêz-se luz:

— Meu Deus! Cá está outra vez o alminha do Senhor!

E rezou, mentalmente, um padre-nosso por seu eterno descanso.

Mas era preciso dizer alguma coisa áquela gentiaga toda que ali se postava de boca-aberta, a dar opiniões, ou a fazer conjecturas.

— Ora, ora, ti'Joaquim! Não sabe vomecê quem foi! A gente tem sempre quem nos queira mal. Neste lugar é tudo uma corja de invejosos. Mal vêem uma camisa lavada a um homem, já a cubiçam, já deitam futuros... O mundo é assim. Com quem anda vomecê de birra?

E ao ouvido foi-lhe dizendo:

— Não foi outra, senão ali a vizinha Faveca. Isso é gente que rebenta de inveja. Como a minha Zefa pr'a cá veio e não deu tréla ao bargantaço do filho — ora!

— Na! — fazia Tanaio — Que mal lhe fiz eu?

Mas a breve trecho a Faveca soube da imputação. Naguêlho tinha mesmo partido já para a vila, a falar ao letrado. Então um alarido, que se ouviu por agras e agrelas, alvoritou o lugar.

Eram as Favecas — mãe e filhas — que punham tudo em pratos limpos :

— Quem ? Eu ? — Hom'essa ! Quem pega o fogo ás mēdas ? — quem mede a agra a passadas, arrastando cadeias de ferro ? — quem cavalga o boi da Tórta ? — quem escangalha a'zenha e trança a burra ? . . .

A Miralha, que ouvia a palinódia, pôs a carucha :

— O *Velho*, pois atão . . .

E o pobre Tanaio, compreendendo, caiu em pasmo !

Adiante, logo, numa noite, a azenha, dos Naguêlhos, que fica lá baixo entre os campos de Junquêdo, no rêgo das Senras, rodopiava que tinha brazabum.

Uns seroeiros, que passaram perto, a desóras diziam que semelhante banzé jámais se ouvira numa azenha. Aquilo era por força o diabo a moer gódos p'ra umas papas, ou o *Velho* a picar os moentes . . .

Foram acordar o Naguêlho :

— Tio Clemente ! Acuda á sua'zenha, que parece querer ir pelo rêgo abaixo, com a trabuzana que faz.

O lavrador deu um pinote na cama e atirou-se para o sobrado ; enfiou as calças e botou pelas costas o velho gabão que lhe dava o aspecto de esgrouviado judeu. Acendeu depois o lampeão e correu pelos campos fora, até alcançar a moenda. Aquilo era um voar . . .

Ainda de longe ouvia a estardalhada, como

se muitos mangoais malhassem, sem ordem, em eira despaveada. Mas — caso curioso! — á medida que se ia aproximando, ia esmorecendo o arruido, de tal forma que, quando chegou ás passadoiras, tinha cessado de todo.

Escogitou ao derredor. Nada! Nem nas carvalheiras, debruçadas sobre o telhado, gemia a viração nocturna, nem a copa dos amieiros balouçava.

Só se ouvia o sussurro da água caída do pejadoiro, para lá da roda-copeira — que não apresentava sinais de ter volteado, na faina da molinhagem.

O camponês pôs-se a matutar naquilo; e embora o pensamento fosse para outra banda, quis desvia-lo e pôs-se a dizer, alto, como se tivesse auditório:

— Ai os bargantaços que se quiseram rir á minha custa! Quem seriam os moinantes? Deixa que hei de escogitar. . .

Introduzia a chave na fechadura, com certo receio. A' mente acudia-lhe a ideia persistente da alma-penada do *Velho*:

— Será o alminha de Deus! Valha-me as chagas de Cristo!

Aberta a porta ergueu o lampeão e meteu a focinheira de raposa para o interior. Nada. Tudo no seu lugar, como êle havia deixado. Um rato atrevido saltou do tremonhado, esgueirando-se por traz da moega.

Fechou a porta e tomou o caminho de casa — o mesmo pensamento torvo a querer prevalecer e êle a arreda-lo.

Então as vinte missas, ditas no Espírito Santo de Coura? E todos êsses paineis das Almas, com quem o *Velho* tinha tanta devoção e assim êle? Voltou o pensamento para o mundo, a fingir convicção.

Fôra tudo bargantaria de moineiros — engraçadinhos a quem havia de quebrar os braços.

Mas inda não tinha chegado aos seus paus dos Tranquêlos — e a trabuzana a voltar. Pôs-se á cóca.

Aquilo era o demónio a tentar almas!

Esteve em indecisões. Voltar para tras? Seguir para casa?

Os cabelos erriçavam-se-lhe; sentia calafrios a percorrer a espinha.

Para mais, nos pinheiros e eucaliptos das to-madias do Pégo, começaram a piar os môchos — primeiro um, depois outro, mais outros...

Do lado oposto, nos pinhais da Boucinha, o ujo crujeou, no seu canto sinistro de morte.

Lá de baixo, dos montes terrosanos, veio uma lufada morna de suão, com cheiros de cemitério revolvido. Ouvia dizer que ás terças e sextas, a procissão dos defuntos saía, a percorrer a aldeia, e que um cheiro a mortulho e cêra, errava no ar, a prevenir os vivos. Como era sexta-feira — seriam as almas do Senhor peregrinando?

Ali perto, freteniam cigarras e coaxavam as rãs. Por sobre sua cabeça as estrelas tremeluziam. A mancha esmaleitada da Estrada de Santiago, por onde as almas caminham para o céu,

pareceu-lhe mais larga, mais ampla que de costume.

Seria meia noite — a hora morta das bruxas e lobisomens, a hora em que a procissão-dos-defuntos vagueia, em sombras, pelos atalhos.

O sinistro piar dos môchos e o crujejar dolente, continuavam cada vez mais perto. Pirilampos nervosos esfusiavam em todos os sentidos. Ele supôs vêr neles, luzes morticças, acêsas em ossos de finado... E pela sua imaginação adormentada começaram a passar sombras que mamujavam orações. Cruzes negras alçadas para o ceu; fileiras infindaveis de sudários brancos que não pisavam o chão; a tumba negra, que quatro sombras ladeavam, e após longo cortejo de defuntos — caveiras descarnadas, tibias nuas, branquejando... Não seguiam o caminho nem procuravam os atalhos: — galgavam valados de ervagens e vidonho e emmaranhados beirêdos de louro e madre-silva...

Quis fugir, correr muito por aquelas leiras e cortelhos, até alcançar a casa. Sentiu-se preso ao solo — não pôde dár um passo. Forcejou por gritar, berrar alto, para que lhe acudissem. A garganta cerrou-se-lhe. Ao redor de si, a scena macabra continuava: — sombras e mais sombras deslisavam vagarosas — porventura mamujando padre-nossos, num zúido quási imperceptível — como o ruflar das asas duma mosca.

Todos os defuntos da sua aldeia, desde que o mundo era mundo, ali estavam a passar. O sinistro cortêjo devia ter dado volta, lá riba, ao lugar e as avançadas, de regresso, já a recolher ao

adro e á terra fria do cemitério, em mais de meia légua de extensão — tal era a inumeravel multidão de sombras que passava ainda, que passava sempre...

Todo êle era vara verde estremecendo de pavor... Um calafrio constante percorria-lhe a espinha. E quando, muito baixo, ruflaram asas sobre sua cabeça, olhou atordoado: à ténue luz das estrelas viu que, no freixo, a dois passos, corpulenta coruja se empoleirava e logo começou carpindo sua triste cantilena — como se fosse fanfarra do macabro préstito, executando uma marcha fúnebre...

O pobre Clemente sentia-se morrer de medo: dentro de si passava-se um drama de estarrecer. Ora não ouvia os arruidos misteriosos da azenha e os pios sinistros das aves agoireiras — ora tudo isso se amalgamava, em sua mente, numa confusão, avolumando-se, tomando aspectos inda mais tétricos — se possível isso era.

Extático, acreditando-se já no outro mundo, quis certificar-se da sua existência corpórea: de novo tentou mover-se, apalpar-se, resfolegar... Não pôde: uma força oculta o prendia ao solo, e uma horrível dispnéia se apostava em rebentar-lhe os foles da arca.

Emquanto que êle se sentia esmagado pelo pesadêlo, ao redor de si, — pinheiros e vidôngo, ervagens e beirais, — tudo bailava, tudo andava á roda, numa dança nevrótica, convulsiva, e trémula.

Quedou num pasmo, contemplando as vagas sombras agora a diluïrem-se, logo a ganharem

consistência, estendidas pelo vale em fóra, como a caruje da manhã, antes da chegada do vento.

Depois de longos tempos de torpor — quem sabe se só escassos segundos! — aquelas nebrinas espectrais, condensaram-se num vulto de disforme grandeza, que foi tomando corpo, em forma humana, e se encaminhou para êle.

— Meu Deus! que horror!

Pôde então soltar um grito:

— Acudam! acudam!

Nessa abantesma grande como um pinheiro que, célere, calcurriava os campos de Junquêdo, êle reconheceu o pai — morto há mais de vinte anos!

— Pelas vossas cinco chagas. Perdoai-lhe, Senhor!

Pareceu-lhe depois que a alma condenada arrancava os marcos e os arrebolava pelos ares, para muitas varas de distância, sem zúido, com grandes gestos de solenidade.

Depois, a largas passadas, percorreu as treitadas, palmilhou todo o campo, numa faina — bota-que-vira — como se, com seu esforço, o estivesse arando, leiva-a-leiva... De novo aquela grandeza de sombra abateu ao fundo do vale e em densa névoa se escoou, como as outras, pelos beirais engaranhados — a perder-se no nada, donde tinha vindo.

Mas Naguêlho, no meio dum pavor sem nome caía por terra berregando *á-del-reis*:

— Meu Deus! meu Deus. E' ele! o *Velho!*
— a alminha transviada do Senhor!...

MAS o pobre Marruel mal pode com uma gata pelo rabo e o arado é demasiado peso para êle. A mulher, ao contrário, é um cavalo de cem moedas, um virago de avantajada estatura como o pai e desembaraçada como a mãe. E' ela que lavra as leiras; e, na casa, tal-qual como na do pai Gonçalo, ela desejaria mandar, marcar os trabalhos, mercar e vender; mas os velhos preveniram :

— A modos! Deixa-nos primeiro fechar o olho...

E a Zefa teve de sopear seus ímpetos de governanta. Os velhos zoupeiros, lá foram timonando o barco, sempre muitos rotineiros mal adubando as terras, por falta de gados, a adega a diminuir por míngua de tratamento nas vinhas.

Ela ainda falara um dia, a mêdo, em sulfatar as uveiras...

— Êh! sulfatar? — fez o velho arreguilando os olhos. Botar peçonha no vinho? Tu quererás matar-nos desalmada?...

— Toda a gente sulfata. Na Seara um boi bebeu da calda, quanta quis e não morreu...

— Pois bebe tu tam'em e se morreres que te leve o diabo.

— Ao menos enxofrar... Meu pai tam'em enxofra...

— Teu pai é um somítico, um onzeneiro que nos enganou. Olha o dote que te deu! Diabos o carreguem, mais ao engano que nos fez. Não é de cêpa e basta. Teu avô anda por aí, alma-perdida, a penar as muitas matraquices que fez; a botar por terra lateiros a quem os tem; a fazer banzanas depois de morto. A êle há de acontecer o mesmo... Olha o grande dote, que nem meio carro botou...

Dentro da Zefa começou a pinchar o sangue chincharelheiro da mãe:

Quê, quê, oh! quê, quê! Meu avô era tão honrado como vomecê... Meu pai se não deu grande dote, quando morrer não leva os terrões pr'á cova. P'ra cá virá.

E por ali fora — Tanaios e Clementes — porque a mãe Repincha acudiu em favor da filha — disseram-se as últimas...

Foi um alvoroço no lugar. E naquela casa nunca mais houve paz.

Mas um dia, quando toda a gente já supunha que acabava ali a estirpe tamúsia dos Tanaios — eis que a Zefa começa de enchoquilhar, o lestroso da péle a esmaiecer e encorricar e o ventre a azabumbar.

Marruel não cabia nas calças de contente:

— Pois atão! Só os outros é que hão de ter filhos! Pois atão! é para saberem...

E' que, tempos antes, o Adelino havia-lhe dito, de gracejo:

— O' rapaz? P'ra que diabo casaste tu? A Zefa, diz-se, que te não topa na cama. E' verdade?

E o trangôto, já afinado, a armar em valente:

— Olha; manda-me lá a casa a tua mulher e ela depois que te informe...

Ai o morqueiro como já sabia da vida!

O contratempo, porém, foi mais pernicioso que benéfico para a tranquilidade doméstica.

A Zefa começou de encamar, levantar mais tarde, e, de engulhada, não comia.

A Tanaia, que nunca tivera carinhos para ninguém — era ainda mais brusca e grosseira.

E o avarento do velho cada vêz mais impertinente, sem compreender o melindre da situação, chamava-lhe preguiçosa, melúria, lambareira e outros chamarilhos de igual jaez.

Nestes comenos a velha caiu de cama, escaldada por uma febre tifosa.

Gente rude e ignorante, não quis médico nem quis que a sobrinha a tratasse, receando imaginários envenenamentos.

Ora numa noite toda a casa foi alarmada com gritos — *á del-rei! quem acode!* que a velha soltava numa aflicção, apontando a garganta:

— Era êle! era êle... Meteu-se no caixôto dos feijões...

— Ele, quem ?

— O *Velho*, a alma penada...

Tanaio começou a atirar sal para todos os cantos da sala, a esconjurar, a fazer cruces...

A Zefa, a aparentar serenidade, dizia-lhe:

— Tenha juizo, sôra madrinha, tenha juizo...

Marruel tremia como varas verdes :

— O' Zefa ! Será verdade ?

— Cala-te, morcão. E' a velha que está variá-da com a febre. E' melhor chamar o doutor. Já cantam os galos. Os sinos de Vila Cova não demora um credo que toquem. Rompe ! Que venha já.

Marruel começou a encolher-se, enchouzado de medo :

— Ele assim de noite não vem...

— Rompe, cagaçal !

Mas do catre a Tanaia gania :

— Acudam que êle entorna os feijões todos... Olha como semeia !...

O velho requeria-o para o Picôto do Faro ou para as areias-gordas... Começava tambem a assustar-se, porque o soalho estralejava; e em baixo, na loja, os bois, pegando á fréxa, davam a impressão de jogadores de pau, enxarilhando as varas — tal qual sucedia no sombreado das bouças de má-fáma, lá pr'a Barbeitos.

Marruel fugira para a cozinha a atiçar o lume, para afungentar a coisa ruim; mas tropeçando no gato negro da Cascorra, virou-se a berrar :

— Ai quem me acode ! ai quem me acode !

Os vizinhos, alvoroçados, acudiram. Os da

casa, no meio dum terror pânico, não sabiam explicar. Apenas a velha continuava a apontar o canto da sala, onde estavam os feijões.

— Semeou tudo, semeou tudo... e queria esganar-me...

Pelo lugar correu de novo a voz:

— Anda outra vêz o *Velho*, á solta!

Os bois do Palheiro fugiram com o carro?

Foi o *Velho* que os espantou.

Um touro da Custoia caiu nas minas de Fonte-seca? Tinha sido igualmente o *Velho*, que o empurrou para o abismo...

E assim todos os malefícios ocorridos na aldeia se atribuíam á imaginária alma-penada do velho Clemente.

Começou, por este tempo, um andaço de difficil diagnóstico para os médicos, que tantas victimas fez no país.

Descobriu, porêem, este povo que o mal partira daqui, e que tinha sido o *Velho* o veículo da malina — o espalhador das peçonhas e maus humores...

Estas coisas chegaram aos ouvidos de Nanguêlho que partiu logo para a vila a consultar o letrado — um procurador que mal sabia lêr, mas tinha enriquecido á custa dos parvos:

— Sr. João: aquela gentiaga, lá do lugar, e o tio de meu genro á frente, andam a dizer que uma alma-penada que por lá aparece é de meu pai, que Deus tenha em bom lugar. Ora eu queria-lhes fazer mal...

— Sim, senhor. Meia folha de papel selado e eu os arranfarei.

Naguêlho coçou a cabeça, deu voltas ao chapéu, — olhos pregados no chão, como quem pensa:

— E gasta-se muito ?

— Home! Vá buscar o papel... Você com duas ou três libritas, fá-los dançar num pé só. Já sabe que eu, a amigos, não levo nada...

Mas Clemente conhecia o João Rapa de gingeira... Aquilo era a essência dos marotos habilidosos... Até juizes e advogados comiam pela mão dêle...

Era de desconfiar, porém, quando dizia que seus trabalhos eram grátis! Depois êle dizia, naquela vozinha aflautada de mariola :

— A amigos não levo nada! E batia, de leve, umas pancadinhas nas costas do parceiro.

Mas quais eram os amigos dêle? Toda a gente e... ninguém. Clemente, uns anos por outros, mandava-lhe o lombo do porco; mas, inda assim, desconfiava muito da amizade do procurador.

De modo que foi dizendo :

— Não queria gastar tanto, sr. João...

— Homem! acha muito tres libras? Por tão pouco dinheiro dár uma tosa de mestre nessa gentalha toda? Ora você, tio Clemente...

O usurário propôs-lhe então o negócio :

— Tratamos: eu dou-lhe as tres libras e o senhor corre com a justiça...

Foi a vez de João Rapa coçar a cabeçorra de *bul-dogue*.

— Olhe lá? E quanto a testemunhas?

— Isso arranja-se... e das boas...

— Não se esqueça de meter o Delfino, o Mariano — gente da minha...

— Esteja descansado, ti'João: mando só dos bôs...

— Espére lá: se tiver de mandar deprecada, a citar a alma-penada, o dinheiro não chega...

— A modos que vomecê está a caçoar comigo...

— O' homem de Deus! Se a prova for pouca, que havemos de fazer? Recorrer ao padre do Amparo, para requerer a alma. Não é assim? E não é isto citar por deprecada? Mais uma librita é precisa... E' quanto costuma levar o padre.

E trataram. Mas, gasto o dinheiro, a questão abortou...

Entrementes na aldeia o alevante era cada vez maior. Toda a gente via coisas misteriosas.

Uma sombra-negra de disforme estatura que passeava toda a noite pelos caminhos e cangostas do lugar — sem fazer bulha: uma porca com grande ninhada de bácoros, chiando num desalamento; uma ave agoirenta que piava lugubremente, empoleirada nas cumieiras das casas... Coisa ruim, coisa ruim!

Por casa dos Tanaios, então, ia o vivo inferno. Caixas que se abriam e fechavam com estrondo; louças que caíam de grande altura e se estilhaçavam; gatos negros atravessando a sala com olhares faiscentes... A principio só a velha é que descortinava isto; mas, por último, também

Tanaio e Marruel pressentiam os arruidos misteriosos, sentiam pesadêlos, viam fantasmas...

O velho somítico pegou em si e foi-se até ao Amparo, consultar o padre, pedir-lhe para vir fazer os exorcismos. Pagava fosse o que fosse.

Mas quando chegou a casa encontrou a velha morta.

As maldições choveram sobre a pobre da Clementa :

— Foste mandada do inferno p'ra'qui... Olha o dote que trouxeste ! O songuelha de teu pai, lá irá para onde o pague, que Deus não dorme.

E guinchava, limpando alguma lágrima mais afloradiça :

— Ai a minha pobre Tereza, que morreu sem têr de acabar...

VI

No fim do enterro, a Zefa, não podendo aturar o bruxo do velho, entrouxou o mais usual e os ouros e abalou p'ra casa dos seus — depois de ter aferrolhado, na caixa da limpeza, todas as suas coisas. A' noitinha, no carro do pai e com a ajuda das irmãs, carregou a arca, que Marruel, brôco e molanqueiro, ajudou a descer pelos patins abaixo, como se nada fosse com êle.

Tanaio tinha dito :

— Essa gente trouxe-nos p'ra casa o trango-mango : não quero aqui nada que seja dêles.

Marruel, inda gronhou :

— E Zefa ? Nós agora ficamos sem Zefa ?

— Quem a mandou sair ? Foi-se por desfeita ?

Não entra cá mais... Deixa-a ir, com mil demónios. Passamos bem sem ela.

E rompeu em maldições. Má raios a partissem, mais o ladrapo do pai. O *Velho* os cavalgasse, a todos, p'ró meio do inferno! Pouco se perdia...

E, em mais de meia hora, marralhou impropérios sem conta.

Mas Marruel, voltava á carga :

— E quem há de fazer o caldo ?

O Tanaio velho já a tinha formada :

— Vem p'ra cá a Maria Picaça : é boa cachopa e muito trabalhadeira.

O traglazanas, que tinha horror ás mulheres barbudas, ficou receoso que o tio, ao trazer nova mulher para casa, o obrigasse a dormir com ela no quarto da varanda. Para mais, vinham-lhe á memória, certas provocações da moça quando um dia lhe dissera, a modos sérios :

— O' Marruel ! inda havemos de casar ambos...

Por isso preveniu o tio :

— Lá como quizer, mas comigo não dorme...

Maria Picaça era já quarentona, barbanaças, não tão feia como poderá parecer. Peituda, mesmo bem feita de corpo — era ainda uma mulher apetitosa. Dizia-se que em tempos conhecera homens, mas era tida agora por bem comportada, quási beata. E' sabido : esta espécie de mulheres, desde que o diabo lhes enjeita o corpo, viram-se para Deus. O próprio Tanaio passava, na aldeia, por lhe ter dado, em tempos, um cordão de ouro — o que a velha sempre ignorou.

Para levar a água ao seu moinho, geito tinha a Picaça : palavrinhas doces, um tom de voz que encantava, desenvolta, aceada... E assim começou de adorar o velho fazendo-lhe mimos, cozinhando-lhe bons petiscos — coisas que Tanaia nunca soubera fazer.

O velho lamuriento e aboleimado doutrota, remoçava, deixava de tossilhar ; mas sempre mar-

ralheiro, ralhazando desde a alba á noitinha — a lançar excomunhões sobre os Clementes, sempre a supor-se perseguido pela alma-penada do velho Cavaquinho :

— Esta noite pressenti-o eu a mamujar á roda de mim. Queria-me esganar, o grande bruxo ! Inda me tem rinha de quando foi da partilha dos maninhos... Roubou-me nas águas e tambem me queria ranfar no montado. Ladrão ! Galfarro !

Marruel acusava quarenta com o tio :

— Pois há-de ser, há de ser, sê padrinho. Vomecê não o deixou rabunhar quanto êle queria... Por môr dêle é que as nossas leiras ficaram sem água da segunda feira...

A Picaça tambem bedelhou, para comprazer:

— Taré ! demónes carreguem o *Velho* que nem deixa dormir a gente descansada... Todas as noites sonho que ele se bota a mim... como furão a coelho — a querer sugar-me o sangue...

Sucedeu que, dali a dias, andando a vindimar nos Sobalos, o velho Tanaio caiu e partiu uma perna. Como era de prever todo o lugar atribuiu logo o desastre á alma-penada.

— Boa ! lá anda outra vez o ladrapo do *Velho* a fazer banzanas...

E o caso é que o pobre Joaquim Tanaio foi dali p'ró endireita, p'ró Porto e pelos hospitais passou o melhor de dois mêses, gastando dinheiro sem conta, passando trabalhos e fomes, que pelos hospitais não há mangedouras de engorda.

Na aldeia a Picaça e Marruel iam ataman-

cando a vida, girando os serviços da laboeira — trabucando dia e noite.

A' morte da velha, o pamônho herdara metade da casa. Constava no povo, que, poucos dias antes do desastre, o velho avarento, passára, por venda fraudulenta, todos os seus haveres á creada.

E ia-se dizendo que a Picaça o forçara a isso — mercê de suas habilidades, com pratinhos de arroz doce e rabadas, que o velho era lambareiro. Ou, por ventura, perante ameaças. A modos que ela ia aparentando de patrôa, cantando-as ao velho, que, rabujento para toda a gente, era submisso e terno para a moça — e ia-se dizendo que andava embeijado, perdido de amores, naquele adiantado inverno da vida.

Um dia correu a galga :

— O Tanaio velho casou com a creada !

Foi um reboiço por casa dos Clementes.

Podia lá ser ! Um velho, já mais de setentão, casar ! Mas a tia Joaquina conhecia bem os sortilégios das mulheres, quando pretendem agradar e resmoneou :

— Súme-te brazabum ! o denalho do velho aqueceu tarde. Por força que a Picaça lhe fez feitiço.

E, de indagações em indagações, não tardou que a chinchareilha descobrisse que umas viagens a Viana, que a Picaça fizera, a pretexto de romarias á *Freirinha* — não tinham sido mais que consultas, á feiticeira. Andara naquilo tudo novelo de bruxa, bem se via. Ia desabando a torre da igreja com as trabuzanas que por agras e cortinhas, armaram as Clementas, emquanto o songa

do Naguêlho ia á vila consultar o letrado — a vêr se podia anular o casório...

No regresso encontrou-se nos Pinheirais com a Picaça e seu conselheiro — o barrigudo Zé Farêlo — um lapuz farfalheiro, que se dava importância. A moça ia queixar-se ao delegado da ponta da língua das Clementas, que a haviam honrado de curta e de comprida — afóra uns sopapos que, por tabela, a nova lhe applicou.

— Sirvam vocemecês de muito boas testemunhas, em como estas mulheres me ofenderam!

O zoupeiro do Marruel, chamado a capítulo pelos sogros e mulher, anaipou, ganhou novo ânimo.

— Anda zarapalho! que te arde a fazenda! Se não fosses um burranças, escusavas de estar agora roubado!

Marruel, suggestionado pelo sogro, exigiu partilha ao tio. E como lhe competia metade da casa e eirado, foi o prédio dividido, ficando cada qual a viver no que era seu.

Com isto muito se ressentiu o velho. As imprecações contra o sobrinho e Clementes eram agora mais praguejadas, mais rancorosas:

— Ladrões! Má raios os confunda a todos! Então um homem não é senhor de sua vontade? Que enxergue bem, o mazapo, o que lá tem, que mais nada vê...

Mas para a Picaça tudo eram blandicias, palavrinhas doces, ternuras seródias:

— O' Picacinha!

— O' minha gatinha!

Quando a Marruel ou a Zefa era dado ouvir disto — santo Deus! que escandaleira!

— Canzeiros! Velhos tontos! Barruêscos!...

E seguia uma ladainha de impropérios que se prolongava pela noite dentro — uns dum lado, outros doutro, do taipamento de madeira, que repartia a casa.

Sugestionado pela Zefa, Marruel começou de procurar o porrão das peças na ânsia de roubar o velho.

— Não sejas pamonho! O dinheiro é nosso. O tolesco do velho é capaz de o chimpár á Picaça. Má raios a comam que enfeitiçou o onze-neiro...

E viraram tudo com o de baixo p'ra riba na parte da casa que lhes coube em partilha.

Adiante, numa noite, ouviram do lado de lá da taipa, uma cascalhada, como duma manada de corôas que se tivesse espalhado pelo sobrado.

Cocaram. A Zefa tinha feito um furo no tabique e dali se via para a sala do velho Tanaio, porque no estreito corredor não havia porta. Eles sabiam que a Picaça estava ausente, em casa da mãe, que diziam moribunda. O velho encontrava-se, pois, bem só — as portas trancadas, com receio dos ladrões.

A Zefa, os olhos a fuzilarem de desejo, viu isto: sobre a arca grande da limpeza, á luz de mal espevitada candeia, que bruxuleava, o

Tanaio empilhava filas de moedas, que mal se ouviam tilintar, não fossem ouvir os indiscretos.

— Santo nome! Que riqueza!

Sem fazer caso do bestiaga do homem, a arisca da Clementa, correu ao fundo da aldeia a casa dos seus, a contar o que vira. Logo o pai, de tamancos enfiados nos dêdos, veio vêr.

Naguêlho arreguilou uns olhos de espanto. Teve uma tontura, ante o tímido soar do ouro. Aquilo furava-lhe os ouvidos, como se fôra ferro em braza.

— Meu Deus! Meu Deus!

E amparou-se para não cair. Depois, como tocado de vertigem, desandou pela porta fóra numa correria. A filha e o genro olharam-no, sem compreender e seguiram-no;

— Onde vai, senhor pai?

Mas Naguêlho não respondeu e desapareceu nas trevas.

Entreolharam-se os dois, no meio do quinteiro, á parca luz das estrelas.

— Que pulga mordeu teu pai? — disse Mar-ruél assarapantado.

Mas Zefa — apesar de espertalhona — nada sabia explicar. Tomou a resolução de ir de novo a casa dos pais, saber do que se tratava. Antes, porem, voltou a cima, á cozinha, cocar de novo pela frincha do taipamento. Fez bulha demasiada, mas confiou na surdez do velho. Podia estourar um foguete que não ouviria;

Tanaio, sobre a caixa, lá continuava muito

entretido sempre a contar, a fazer pilhas de moedas, colocando-as de manso, sem fazer bulha. De-vêz-em-vêz olhava ao redor, desconfiado, como é próprio dos surdos. Com um prego riscava na tampa da arca traços, que indicavam a conta dos pacotes.

Junto dêle estava uma talha de barro — dêstes pequenos porrões, em que é de uso guardar o pingue. Ao lado um pequeno pote de ferro, já esborcinado, cheio de ferrugem.

Ela viu que, a certa altura, o velho metia a mão dentro e tirava para fóra uma fieira de ouro, que esteve mirando á luz frouxa da candeia. Depois outra, mais outra...

Zefa sentia-se possuida de tremuras, que não sabia explicar. Seu regalo era meter ombros ao taipamento, esbarrondar tudo, esganar o velho e roubar-lhe o tesouro.

Roubar? Qual roubar!... era tudo dela...

E pôs-se a pensar se aquilo iria parár á mão mercenária da Picaça... A' lareira, o morcão do homem, soscava o brazido, bocejava, indiferente á curiosidade da mulher — ao drama que se estava passando.

— Anda vêr, anda vêr, acenou-lhe ela. Ainda tem mais joias no esconderalho. Olha! um relicário como o meu... Outro... Duas custódias... Um colar como o de minha mãe... Mais cordões... Outra custódia... Santo Breve-de-Marca! Abrenuncio!

Zefa tremia como varas verdes.

Aquilo até lhe parecia artes de Belzebut, nos sortilégios da tentação.

Marruel achegou-se, pôs-lhe uma mão nas costas :

— Tu tremes? Tens medo?

— Não.

Parece que tens fébre?

— O diabo que te leve. Se fosses homem... bem sei o que havíamos de fazer.

— Outra venha, que rabo tenha... Atão não sou homem, ó Zéfa?

— E's um maricas. Vai á bosta...

Depois, pondo um dêdo no nariz:

— Cala-te. O velho parece que está desconfiado. Olha muito para cá. Vês? Apaga o lume. Mexe-te!

Com efeito o Tanaio velho levantava-se e vinha, descalço, pé-ante-pé, até junto do repartimento, escutar, vêr se pressentia bulha. Nada: tudo calado. Disse para si:

— Já dormem!

E voltou ao seu labor. Começou a acamar no fundo do porrão os cordões de ouro, os relicários e colares, envolvendo tudo em trapos velhos, nojelhentos. Depois recontou a primeira pilha de moedas. Pôs de lado, olhou para o tétó e contou pelos dêdos. Abriu em seguida uma saquinha de meia e começou a encher, com toda a cautela, não fossem ouvir na rua, ou da outra banda da taipa, o soido do metal.

A Zefa recomendou ao lapardo do marido que se puzesse ali de guarda, a vêr onde o velho metia os porrões.

Ela iria de corrida, lá baixo, saber o que sucedera ao pai, se lhe déra o flato.

Quando ia a sair pareceu-lhe que dentro da casa, do outro lado se produzia um ruido qual-quer, como o despregar duma tábua. Que seria?

E à sua mente ocorreu uma ideia: era o esconderijo do velho — algum falso entre o soalho. Bem se dizia que êle guardava o dinheiro dentro de casa — talvez na côrte do gado, ou na loja do vinho.

Seguiu em correria — eirado abaixo. Ainda bem não tinha atingido o fundo da morada — quando sentiu grande reboição na casa — movel que caia, luta... Marruél veio aos patins gritar por socorro, gaguejando:

— A' del... rei... ei... ei!...

Prestes acudiu a Clementa — que é, que não é... A vizinha do lado — a Cascorra, veio também à soleira da porta.

— E mester alguma coisa, comadre?

— Não é nada, não é nada.

Zefa dum pulo estava no patim.

— Que foi?

Então o zarapalho do Marruel contou que mal ela saiu, ouvira um barulhinho do lado do quarto onde estava o alçapão. Depois — Santo Deus! viu aparecer no meio da sala uma aban-tesma embrulhada numa mortalha branca!

— Era a alma-penada. Era o *Velho* — o teu avô!

— Que dizes pamôinho!

— Era o *Velho*, era; e esganou o sê padri-
nho! Lá está estendido no meio da sala, anda
vêr...

Marruel tremia, como caniço balouçado do

vento. E gaguejava, possuido de terror, as mãos enclavinadas na cabeça :

— E pegou nos porrões do ouro !...

— Eh !? E levou-os ?

— Desapareceu com tudo...

Zefa Clementa mal se pôde arrastar até junto da talisga, que lhe servia de miradouro. A candeia lá estava bruxuleante, mal alumando. De sobre a arca desaparecera tudo. Estendido no chão uma sombra negra ; devia de ser o velho Tanaio.

Zefa caiu por terra como fulminada. Marruel foi à janela berregar por socôrro, atarantado sem saber o que dizia :

— Acudam ! Fôgo !... Fôgo !.....

Meio logar correu ao aflitivo grito.

Naguêlho foi dos últimos a chegar, muito pálido, enfiado, sem o sangue-frio que lhe era peculiar. Coçava a cabeça, o pai da manha, queria saber o que sucedera.

Já pela décima vez o genro explicava o que vira :

— O *Velho*... o *Velho* matou e roubou o sê padrinho.

Naguêlho dardejou sobre êle um olhar de fúria :

— E's um burro ! é o que tu és.

Com o regedor á frente, foi forçada a porta da varanda. Verificou-se que estava fortemente trancada e sem sinaes de ter sido violentada.

Em meio da sala, o pobre velho, estirado de bruços, tinha os olhos arreguilados, metia pavor.

Sabia o regedor da arte de curar; com cuidados se pôs a tatea-lo:

— Ainda está quente!

De bôca-em-bôca corria a noticia:

— Foi o bruxo do *Velho* — a alma-penada quem o matou...

Alguem se abaixou e apanhou uma moeda, talvez dez-reis, novos em folha. Aproximou-se da luz.

— Meu Deus! E' uma libra.

— Olha! aqui está outra!

— Outra aqui!

— Vitó-sério — disse o regedor. Anda mistério nisto. Vá um já dár parte á justiça. Vá outro chamar a Picaça.

Ora foi nesta altura que entrou na sala o tio Clemente a olhar muito desconfiado para aquilo tudo, branco como a cal das paredes.

— Compadre? — disse o regedor! guarde este dinheiro. Este homem foi roubado, fosse por quem fosse.

— Ele era muito assustado! Quem sabe? talvez morresse de medo. Alguma sombra...

E o mariola do Naguêlho, pela primeira vez na sua vida, quis ensinar áquele povo do lugar, que, talvez a alma-penada do pai — que passara a vida em rinhas com o Tanaio, por causa de treitas e águas — tivesse produzido aquele estrago que se estava vendo...

Houve quem acreditasse. Mas o finório do

regedor — esperto como alho, pôs-se a olha-lo muito de frente :

— O' compadre ! Assim desonra você a memória de seu pai ?

E, de si para si, foi dizendo :

— Foi este méco que matou o velho com o cheiro no tesouro . . .

NOTA — Este conto tomou maior desenvolvimento, que o que lhe estava destinado. O autor viu-se forçado a encurta-lo, mutilando alguns capítulos e omitindo outros. Saírá, completado mais tarde, constituindo, presumivelmente, um só volume.

Fabião Roca

I

O Fabião, o Fabião da Roca, foi o diabo mais valente e ousado que se criou por estes sítios!

Aquilo é que era homem! Duma vez, na feira de Barcelos, por causa da venda duns bois do amo a um regatão da Arrifana — pôs tudo em debandada! Até o *Soldado* e o *Séculório* — os dois mais famosos puxadores destas redondezas — se contiveram em respeito. E, no fim da proeza, foram convidar o valente rapaz a beber meia canada, na venda da Bagoeira, onde a pinga era de estalo!

Caramba! Aquilo era da massa da valentia! Os homens da Arrifana pagaram e não bufaram...

Mas Fabião Roca não se notabilizou só por isso. Um dia chegou o Amor á porta dele. Bateu de leve e foi bem recebido. Foi a sua perdição. Padeceu trabalhos sem conta, sofreu injúrias e, por pouco, não amarga o negro pão do degredo. A verdade chega sempre na hora precisa e isso lhe valeu para que maiores males o poupassem.

De pouco lhe serviu ser valente: o Amor não conseguiu êle vence-lo. Se o tivesse subjugado...

Mas não! Se o tivesse subjugado talvez nunca tivesse feito a sua reabilitação. Ha males que vem por bem.

O diabo arma-as — o diabo tece-as.

Sabem quem o prendeu de amores? Foi a Clarinha, a filha do ti'João do Lagar, a filha do patrão — afinal, ... patrôa dêle!

A coisa principiou assim: naquela quinta-feira memoravel, em que os homens do gado se recusavam a pagar trinta e quatro moedas menos um quarto por uns taludos bois piscos, o ti'João do Lagar chegou a casa contente como cuco e disse à filha:

— Rapariga! mata um frango desses bons; mata o galo grande, hein!

— Então, senhor pai? Pagaram tudo?

— Pagaram, pois então! O moço obrigou-os com língua de palmo e inda lhes aqueceu os lombos. Olaréques! Salta-me com o galo pr'á caçoila! Aquéce dois rojões de lombo! Anda rapariga! Olha que se não é o moço, não abichavamos vintem...

Quando, à noite, o Fabião entrou na ampla cozinha, com a vara de crim debaixo do braço e o chapéu derrubado, a Clarinha disse-lhe, meiga e sorridente:

— O' Fabião? Então tu és assim valente?

E ficou-se a olha-lo um pedaço, enquanto ele, sorrindo, ignorante de seu valimento, dizia banalmente:

— O' môça! fiz a obrigação!

E encostou a vara ao canto, atraz da caixa da farinha. Depois foi lá fóra, ao coberto da eira, e mudou de roupa, para fazer a palhada ao gado e astrar as córtes.

Já a esse tempo o arroz saltava na caçoila e um cheiro de encher o estômago errava pela casa toda. Sobre a pedra da lareira o porrão dos rojões, em pingue, aquecia lentamente.

E foi nessa noite que se furou o tonel do vinho da Malveira — a melhor propriedade da casa dos do Lagar.

A Clarinha, com os seus dezasseis anos floridos, era já uma mulherzinha de muito tino. Dês que a mãe morrera, havia quatro anos, ficara a governar a casa. E olhem que as criadas e jornaleras invejavam-lhe aquele desembaraço de mulher madura! A comadre Rosa Ouvideira dizia sempre:

— Cachopa de mais juizo não há por aí! E não havia, valha a verdade.

Depois — linda como os amores! E rica? Ora! tres léguas ao redor não havia melhor partido.

Por essas e outras é que o Zé Lamosa, o filho do Morgado da Torre e outros, lhe seguiam os passos.

Todas as tardes o Abílio do Doutor atravessava a agra com uma catorzada de cães á roda dele. E á noitinha, ali pelo lusco fusco, o Carlinhos da Torre, trotava a cavalo, num soberbo alazão, de procurar o correio na venda do ti'João d'Eira. O Lamoso, esse, passava os dias na fos-

seira — porque grande nau, grande tormenta, e a casa da Lamosa, fazia sombra á do Lagar, na largueza dos bens, que se estendiam por tres freguesias, e até em dinheiros que traziam a render. Por isso o Zé Lamosa só aos domingos conseguia falar à Clarinha. Mas era um songa que não sabia juntar meia dúzia de palavras e dizia grosserias de fazer corar um arrieiro. Clarinha não gostava dele, apesar de rico e mais da sua igualha, que o femeeiro fidalgo da Torre e o esgrouviado estudante, de que os pais queriam fazer cirurgião famoso, ou um letrado de leis. Era doutra condição: devia procurar fôrma para o seu pé.

Clarinha era assim: sabia conhecer-se.

Mas uma tarde — Estavam já no fim as lavradas dos lenteiros e nas terras altas sachavam-se os primeiros milhos — vinha a gentil rapariga das hortas da Malveira, cantando, alegremente, uma canção em voga. O Abilio do Doutor e o Carlinhos da Torre, esperavam-na: um ao portal e o outro no ângulo da cangosta. Quando o Carlinhos enxergou o Abilio encostado ao portal, uma nuvem de ciumes toldou-lhe a frente. Teve tentações de o estrancinhar. Minutos depois, o feitiço voltava-se contra o feiticeiro e o Abilio, impando de fúria, viu que a Clara ouvia, risonha e tagarela, os galanteios do Carlos da Torre. Comquanto fosse de génio pacato, o sobrinho do médico tinha arremetidas de leão. Que andava por ali a fazer aquele fidalgo de borra — lobo voraz no meio do rebanho?

Pensaria acaso em possuir aquela linda rapariga — mais uma para o rol — que acusava já meia centena de donzelias conspurcadas?

— Ah! cão! não o conseguirás!

Arrepanhou a aba do chapéu. Assobiou aos cães e seguiu. Ao cinturão tirou dois cartuchos e carregou a escopeta.

— Hoje temo-las — murmurou com uma tremura satânica nos dentes — Temo-las, e temo-las a valer...

Enraivecido foi por ali fóra, atravez de agras e cortinhas e postou-se no atalho das barreiras, mesmo á borda dum precipicio. Lá baixo corria a estrada por entre os campos de milho e bouças de pinheiros, que se acostavam á lombada do monte. Vinham ali dar muitos caminhos. Passava constantemente gente que incomodava o moço, com as suas saudações:

— Sr. Abilio! Muito boas tardes!

— Viva o sr. Abilinho!

— Salve-o Deus!

E ele rosnando:

— Passem muito bem!

Depois foi de abalada por ali abaixo a meter-se na deveza, á sombra duns carvalhos. Sabia que o da Torre havia de passar. Matava-o... A Clara seria dele; Precisava de fazer uma morte para ser feliz? Paciência; seria matador.

NA cangosta de Barreiros, a Clara ouvia pois, os apaixonados madrigais do fidalgo da Torre, que, pela décima vez, lhe pedia a mão de esposa, ha dois meses sempre negada.

Em vista da recusa o Carlos dirigiu-lhe recriações. Porque o desprezava? Não era ele de bom sangue nobre? Não descendia de D. Ordonho, — um velho rei godo? Não era rico — mais rico mesmo que ela? Não tinha êle uma vivenda magnifica, lá baixo sobre o rio e uma quinta com uma légua grande de circuito? Porque o desprezava então?

— Mas eu não o desprezo, Carlinhos. Simplesmente: não me convém casar, não posso deixar a casa de meu pai. Inda sou tão nova!...

O da Torre implorava, pedia com veemente paixão: que lhe promettesse amor, que não amasse outro, que não lhe désse rivais, êle tinha alma de matar um...

— Não diga isso, Carlinhos! Olhe que fico a fazer de si fraco conceito...

Depois com uma desenvoltura própria da

sua índole, a Clara acrescentou severa e risonha ao mesmo tempo:

— Ora então não matas!... Não que êle não é só matar...

— Não cações, Clarinha! Mato, tenho ganas para isso. Quero-te mais que ás meninas dos meus olhos. Se te visse nos braços doutro homem, mata-o e matava-me a mim depois...

— E por que se não mata primeiro? perguntou chistosa a Clarinha— Tinha tempo, depois, de matar o outro...

E a linda rapariga soltou uma risada de criança alegre e foi-se com o desembaraço de uma avesita arisca dizendo:

— Apre! Você mete-me medo com essas mananças todas... Também diz assim ás outras moças?

E com reservada intenção, um tudo nada maliciosa:

— Consta que tem meio cento de namoradas... É verdade?

— Juro-te Clarinha, que só a ti quero. As outras? Ora! é só para passar o tempo.

Mas Clara distanciava-se, despedia-se:

— Sim, sim! Ala que se faz tarde! Vou fazer os meus mandados.

E já na volta do caminho, num sorriso cheio de graça e frescura,—voltou-se para dizer:

— Adeus, adeus!

Carlos ficou-se a contempla-la, esperançado na conquista. Lá por dentro havia, por certo, algum mau pensamento assolapado, que não se atrevia a aflorar. Só pôde dizer:

— Que gentil é esta rapariga! Quantas fidalgas seriam precisas para a igualar?

Na deveza, o Abilio, esperava, impaciente, o seu rival. Por duas vezes esteve tentado a vir ao caminho espera-lo. Mas, na verdade, receava um pouco o fidalgote, que passava por ser valente e mau — talvez mais mau que valente. E' verdade que êle, Abilio, gosava fama de têsso apesar de magrisel. Em tempos, dois anos antes, quando eram ainda amigos, varreram a cacete aquela feirela de San-Roque. Os regatões basófiás, respeitaram-nos e deixaram debulhar a castanha com seus contendores. Demais, se fosse preciso, o Fabião andava por lá... Sim, porque, valente como as armas — valente e leal — o Fabião. Que pena ser um filho das tristes ervas — um engeitado, a quem se não conhecia pai nem mãe!

Mas deixemos, por agora, o excelente rapaz e voltemos aos galos, que se degladiam. Se outrora foram bons amigos, invadidos, agora, pelos ciumes, cortaram relações. Ambos pretendiam a mesma mulher — tinham de se odiar! E' lei da natureza que os animais que desejem a mesma fêmea, se arrezuem quando se encontrem... Que admira, pois! Mas o caso é que o Carlinhos não foi passar á deveza e o Abilio farto de esperar resolveu ir-de-varada por'li abaixo até á venda do João d'Eira, onde esperava encontra-lo.

Nas proximidades da Malveira ha uma bela mata de carvalhos e pinheiros. Ao fundo um campo de lavradio e um moínho escondido entre amieiros

e salgueiros verdejantes e frescos. A apanhar as águas da moenda um paúlinho viçoso circundado de freixos e uveiras, servia de limite á propriedade, que pertencia ao João do Lagar. A's vezes a Clarinha ia lavar roupa no cabouco do moínho, ou segar erva no paúl. E se fosse mister moer uma fornada, tambem ella sabia molinhar, tão bem, ou melhor, que o pai ou o Fabião.

Depois que se despediu do Carlos, a filha do lavrador veio a casa, encheu a fornada e com ella, com o cesto e a fouchinha lá se foi para o moínho. Emquanto o milho da moega caía na quelha e desta para sob a mó, que o triturava e transformava em farinha, Clara, entre a folhagem dos amieiros e salgueiros, segava a erva para, á noite, desogar o gado.

Os seus lenços garridos e o seu saiote vermelho destacavam-se por entre a verdura do arvoredor; e o Abilio ao passar nos matos da agra adivinhou-a. Quando a interessante rapariga mal se precatou tinha-o a seu lado, sombrio, de catadura carregada, mas com um sorriso amarelo a aflorar-lhe aos lábios. O Abilio era um rapaz bonito e prasenteiro, — mais simpático e atraente que o fidalgo descendente de D. Ordonho. Talvez por isso a Clara gostasse mais dele do que do Carlos — o que não quere dizer que morresse de amores pelo rapaz. Mas emfim achava-o mais modesto, e menos ridículo que o enfatuado basófia da Casa da Torre.

— Que tens tu? Trazes cara de poucos amigos.

E ria-se a Clara, mostrando uma fiada de pérolas por dentes. Depois vendo-o carrancudo e

franzir o sobrecenho com aborrecimento, tomou também uma expressão fisionómica adequada.

Talvez por escárneo um melro assobiou entre uns loureiros, ali perto. Nas macieiras, de verduras tenras, havia um desafio de pintasilgos e serginas que encantaria a alma dum poeta enamorado, mas que exasperava o estudante:

— Balas passem tanto chichirro!

O rapaz não comprehendia a alegria da natureza, quando a sua alma estava avassalada, cruelmente, pela dôr, e subjugada por uma tristeza que lhe escurentava a alma.

É aquele riso simpático da Clara, aquela alegria de criança sem cuidados, fôra outra punhalada que lhe ferira o coração. Aquela praga, solta ao vento, foi, por ventura, um protesto contra a rapariga e uma resposta indirecta á sua pergunta. Ela, porém, mal se deu por achada e continuou a sega com desembaraço crescente. Depois fez o bôrdô ao cêsto e encaminhou-se para o moínho afim de vêr se a farinha saíria «*espedidinha*»...

O estudante seguiu-a vagarosamente. A Clara, ao passar a pontelha, debruçou-se um pouco para a água, desequilibrou-se e caiu na ribeira. A queda foi pequena e sem consequências: nem sequer molhou mais que os tornozelos e as espiquilhas das náguas. Mas, alto lá! o sobrinho do doutor previu logo um desastre e quis saber se se trilhára muito, se seria necessário ir chamar o tio... Desanuviava-se, tinha já um sorriso sério e sobressaíam os seus dotes de bom rapaz, generoso e humanitário.

A filha do João do Lagar, refeita do susto, começava a rir dos cuidados do namorado.

— Então tu queres-me assim bem?

— Mas, sério; podias morrer. Désses tu com a cabeça naquela pedra e veríamos...

— Ora, ora!... — E começou a cantar:

O meu amor é um anjo
deu-mo Deus, não o mereço;
já mo quiseram comprar,
anjos do ceu não têm preço.

— Sim! — fez o Abilio deliciado, pelo conceito gracioso da cantiga. — Então sou eu o teu amor?

— Só se tu não quiseres, rapaz! Pois quem ha-de ser?

— Quem ha-de ser?!...

Uma scentelha de rancor lhe invadiu o semblante. Recordou-se do *outro*, do da Torre, que estivera horas e horas com ela — por ventura, falando-lhe de casamento. E, lá por dentro, remordia-se só com pensar que aquele tanho, poderia vir a ter um dia nos braços aquela bela rapariga, tão linda e tão cheia de virtudes.

A Clara entrava no moínho, erguia a tampa do tremonhado e examinava a farinha que achou «morta» de mais. Desceu a quélha para dar mais grão, e ergueu um pouco a tarracha. A farinha veio então «sobo-lo-vivo» e a mó corria com mais ligeireza, nos bordos esborcinados do poiso, a expulsar a farinha dos moentes.

A' porta, o sobrinho do médico permanecia

silencioso, pensando, torturado pelo desejo de a vir a possuir um dia.

— O' moço! tu hoje metes mêdo. Que te fizeram? Que cara de poucos amigos, caramba!

O Abilio mordia os lábios e logo ali lhe disse que, se trazia fraca cara, a culpa era dela, só dela...

— Hom'essa? Porque?

E ele exaltado, os olhos a lampejar faíscas nervosas:

— Por que ha um homem a mais entre nós ambos, sabes?

E deu alguns passos, hesitantes, para o paúl. Depois voltou para diante da rapariga que fechava a porta. Afagou um cão e deu um pontapé noutro, que se abeirou. Repetiu:

— Um de nós é demais!

Risonha e feliz por se ver tam pretendida, ela quis saber se tinha culpas nisso, de haver um homem a mais no mundo.

— Tens.

Iam chegando junto ao cesto. A Clara fez a rodilha e pediu ao Abilio que a sujigasse. Depois lá foram a caminho de casa, conversando. O estudante ia dizendo das suas razões: ou ela deixava de falar ao da Torre, ou ficaria responsavel pelas consequências que poderiam advir disso.

A gaiata da Clara punha-se a rir e dizia-lhe que só o amava a ele, porque só ele era digno dela... Queria lá saber daquele fidalguito envernizado e feio que tinha, até, cara de velho...

Pois sim! Mas o estudante já lhe tinha ouvido

dizer, aquilo mesmo, vinte vezes e sempre ela faltava ao que prometia.

— Pois agora não falto, descança!

Mas o rapaz insistia, queria coisas sérias. Estava resolvida a deixar o outro?

— Quero lá saber dele, moço!

Pois bem: êle vinha de esperar o Carlos, para lhe dar um tiro. Estava escrito que haveria mortes!

— Ou ele ou eu!

E uma luz sinistra relampejou dos seus olhos. Parecia um assassino, já engaldupado de sangue e a Clara assustou-se vendo-o tão transtornado e a falar tão alto. Estaria bêbedo?

E pôs-se ela a pensar nos instintos sanguinários daqueles dois homens, que se ameaçavam de morte, por tão fútil motivo. Não havia tantas mulheres, bem melhores que ela, por esse mundo fora? Porque não procuravam a Rósinha Galante — que não era mais feia que ela? E a filha do Brasileiro que se não era muito linda, era pelo menos muito rica?...

Ora! Que se arranjassem... Ela é que não estava para os aturar. Afinal o Abilio era da mesma laia do Carlos — umas creaturas intoleráveis, corações propensos ao mal, sempre a falarem de mortandades — o sabor do sangue na bôca, como se de magarefes se tratasse. Ia desquitar-se dêles. Ao cabo que esperar dali?

O Carlos era um fidalgo ignorante, sem merecimentos, acanalhado, desordeiro, filho dum alcoólico, néto dum femeeiro, que perdera mais de cem donzelas, a quem enchera de filhos. O Abilio

estudava. Deixara de ser padre por sua causa. Constava que continuaria os estudos, por conta do tio doutor, o velho João Tomás — um homem que era um santo.

Seria médico ou advogado. Uns diziam-no inteligente; outros atribuíam-lhe calinadas, fraquezas de espirito, rombosidade. Duma forma ou doutra não seria uma lavradeira a mulher que convinha a qualquer deles. Restava o rude Lamoso — trabalhador, homem do campo herdeiro duma das mais ricas casas do termo; mas... duma família de zoupeiros vivendo num casebre imundo, um chiqueiro de porcos, que metia nojo.

Não sei por que transição — afinal fenómeno vulgar na alma das mulheres — Clara pôs-se a imaginar um outro homem — um tipo perfeito, que reunisse aos atributos físicos, bons dotes de coração e grandeza de alma.

— Que homem? Um môço assim como o Fabião — disse-lhe de dentro uma voz misteriosa.

— Quê? Como aflorou tal pensamento? — interrogou-se.

Gostava ela do pobre rapaz?

Dentro de si travava-se uma luta. Podia lá ser! Então ela havia de enamorar-se do seu criado — demais a mais um engeitado, que não sabia de quem descendia?

Mas o coração batia mais apressado repreendia-a daquele orgulho:

— Pois quê! Que mais és tu, que o infelizmente? Não é êle um homem como os outros? E' pobresinho, mas honrado. Não possui bens, mas tem virtudes; não tem cultura, mas é senhor

dum espírito subtil, que tudo abarca e comprehende. E' um bom: isso te basta.

Pôs-se Clarinha a escutar esta fala interior, quando, de novo, e vindo não sei donde, outra voz lhe regougou como em censura:

— Menina! cuidado com os devaneios! Cuidado. Deves ao teu nome maior respeito que isso. Que vergonha para a tua estirpe, a mais nobre da aldeia, quando amanhã se dísse: «A linda Clarinha casou com o seu criado! — Perdeuse» — Não, menina, a sociedade não te dá o direito de fazeres uma escolha tão desigual. Para seres coerente, para seres feliz, tens diante de ti um de tres caminhos:

Um nobre te oferece a mão de esposa;
Um letrado te quer levar ao altar de Deus;
Um moço da tua igualha te solicita para sua companheira na vida.

Qual dos tres escólhes?

Outra vez, a voz suave, obtemperou:

— Para ser feliz? Mas poderás tu ser feliz, seguindo um desses caminhos?

Um nobre sem virtudes, um letrado sem talento, um rico sem caridade — não podem fazer a felicidade duma mulher, que se aposta em tirar da vida tudo quanto ela tem de belo, de são, de aproveitavel...

E foi assim que Clarinha, comparando, viu que, melhor que qualquer dos tres — o seu criado valente como um leão e divertido como o Betoldo das facécias hilariantes — lhe daria, pela vida fóra, um árrimo mais seguro e forte para amparar seu amor...

III

MAS que era o Fabião à beira da Clara — a mais rica herdeira daquelas redondezas? Um gado robusto de pobre pinheiro das bouças, junto da hierárquica magnólia dos jardins...

Nem mais nem menos. Não obstante a filha do lavrador achava-o mais digno do seu amor do que os afidalgados ricanhos que a reques-tavam. Mas falara-lhe o Fabião alguma vez de amor?

Não. Eles eram como dois irmãos: tinham-se criado juntos; brincaram muito pelos campos, quando o gado retouçava pelos ervaçais, e nas eiras, no tempo farto das colheitas. Ambos se lembravam ainda de, em pequenos, pelas malhas do centeio, terem dormido todos, numa larada, no sopé duma enorme montanha de palha. Como era bom recordar!

— Lembras-te Fabião?

— Recordas-te Clarinha?

O velho João do Lagar encouchara-se numa manta farrapeira; mas a rapaziada lá se amozendara, em locas adrede abertas nas vertentes da grande

montanha de paveias soltas. E que regaleira de sono! E que de sonhos côr-de-rosa!...

Fabião, nesse tempo, teria já seus quinze anos e Clarita doze. Ele era um rapagão esperto, muito activo e engraçado. Tinha cada dito, o gaiato! Riam-se a perder com ele. A Clara era já aquela alveloasita saltitante e canceirosa, sempre risonha, que todos amavam como se fosse uma princesinha.

Nessa noite estival, em que a lua maternalmente lhes velava o sono sossegado, que teria sonhado o Fabião?

Que era, emfim, um homem de barba na cara e dono duns galantes bois piscos; que tinha de seu o grande campo de Sobre-o-Pégo e uma extensa tomadia de pinheiros.

Depois que via a seu lado, a auxilia-lo, uma moça esbelta, como uma haste de junquilha e linda como uma camélia das japoneiras da horta... As feições dessa gentil cachopa, eram as da Clara, já mulher feita...

E a Clarinha? Que sonhaste tu, rapariga, nessa noite de ilusões felizes?

Vem dali, nem sei donde, o Espirito tagarela do Passado e diz-nos:

— «Sonhou que era uma rainhasinha e que depois, num belo dia, o velho rei, João do Lagar, lhe dissera:

— «Rapariga! é preciso casares. Estou já com os pés p'ra cova. Vou mandar reunir ali, no largo, toda a mocidade do nosso pequeno reino. Tu escolherás marido.»

E como palavra de rei não volta atrás, ela sonhou mais que, no dia seguinte, fôra passar a vista por uma fileira de excelentes e garbosos rapazes, que seu pai ali mandara alinhar.

Lá estava, muito bem vestido cheio de orgulho, com a altivez própria dum descendente de D. Ordonho, o Carlinhos da Torre. Casquilho e aldeagante não lhe agradava. Depois, mais alem, o Abilio, lindo rapaz, muito pálido, torcendo o bigodito preto, e olhando-a com fulgurações de desejo.

Não lhe pareceu nada mal. A seguir o Joãozinho Galante — gordalhufo e risonho, sempre galanteador para as môças, sempre parvajola e molarengo...

No sem geito de seus ademanes — labregote e desageitado — o Zé Lamoso fixava-a suplicando um sorriso, pedindo-lhe amor...

Nenhum lhe desagradou em absoluto. Mas o tipo ideal do homem que ela procurava, não estava ali. Onde encontra-lo? — Bem perto.

Modestamente escondido por traz dos felizes que vinham ao sorteio, lá estava um pobre moço sem ascendência conhecida. Era um triste filho das ervas, que, por isso mesmo, se não julgou com direito a enfileirar ao lado dos outros. Envergonhado, êle baixava os olhos tristes. Trazia uma roupinha fandeleira, mas limpa e bem cerzida. As suas feições, eram as dum Apolo radiante, saúdavel, e tinha uns olhos meigos, sonhadores... De sob as roupagens pressentiam-se musculaturas entumescidas, a quererem rasgar a pele.

A Clara falava-lhe e o mancebo dizia modestamente:

— Vim ver em casa de quem caía, a felicidade de possuir-te!

Como a encantaram estas palavras que encerravam o conceito dum madrigal!

Quem era aquele rapaz?...

Mas ti'João do Lagar, dando um berrêgo, pôs em alvoroço aquela mocidade toda, que pernoitára na eira. Ergueram-se estremunhados, esfregando os olhos e sacudindo as praganas e moínha. As raparigas, sobretudo, traziam os cabelos a branquejar com a poeira das alimpas, e barbanas aderentes aos saíotes e aos lenços.

A Clarita, acordada no melhor do sonho, ergueu-se muito lesta a esfregar os ólhitos sonolentos:

— Senhor pai! ainda é tão cedo!

De facto apenas se pressentia o dealbar. Lá longe, no levante, erguia-se sobre a serra uma claridade opalescente, que se ia transformando num alaranjado esbatido. A ganaria dos pinheiros desenhava sobre a crista dos montes umas rendas bizarras, que coavam a luz suave da madrugada...

O trabalho começou na eira. E a Clara, depois de ajudar a fazer as panadas e a estender a eirada, para a malha da aveia — foi para a cozinha ajudar a tia Bica, a velha criada, nos preparativos do almoço.

Foi só ao espiolhar as couves que lhe ocor-

reu á lembrança o sonho, que o berrêgo intempestivo do pai, deixára incompleto. Mas de quem seriam aquelas feições, que ela entrevira? — Do Carlinhos? — do Abilio? — do Joãosinho Galante? Não, não. Do filho do Brasileiro? — do lavrador da Lamosa? Também não, também não.

Depois, abstraída, a alma a errar por ignotas regiões, esteve um pouco pensativa com o olhar fito num vago ponto do espaço. A velha criada, toda desembaraços, fritava o bacalhau para os malhadores, que a essa hora, na ampla eira de pedra, faziam a primeira carreira. O trom-trom dos manguais estrondeava por essa aldeia fóra, e ía de vale-em-monte, simulando o ressôo da artilharia.

O sol, já muito erguido, esquentava as fúlvidas paveias e punha os homens a transpirar. A hora do almoço passava. Tia Bica, como visse a moça abstrata, gritou-lhe num rouquejo mal humorado:

— O cachopa! Vê lá se te alembra que aquela gente inda não almoçou e não tardeja o meio dia...

IV

ESTE João do Lagar é o homem mais feliz do mundo! Pelo menos, nesta aldeia, não ha outro a quem a vida corra tão bem. A adega dêle é a melhor; e o celeiro, se não é o mais abundante, nem por isso o impede de pôr na feira boa dúzia de carros de pão todos os anos.

A grande casa do João do Lagar—grande como um convento e branca como um pombal—é no lugar mais lindo da freguesia. Próximo, serpeneando por entre os campos, passa a ribeira—no verão com um fio de água cristalina, correndo por entre seixos brancos e fêtos multifólios; no inverno arremedando ondas, na massa barrenta das enxurradas, que descem das ravinas e dos córregos do monte.

O eirado, vedado por muros altos, é circundado de caminhos amplos, sombreados de vinha. Lá por dentro, esse cuidado tranco de terreno, é um brinquinho! Belo pomar que na primavera semelha um outeirinho nevado, e no S. Miguel um ramalhete de frutos rosados, desafiando o apetite. E a horta? Hortas frescas como aquelas não

ha por'aí. Ele é a tenra tronchuda, a boa couve galega, o compato repolho, a cenoura fusiforme, o tomateiro de fruto coralino, a salsa aromática, a fresca alface... E que verdura! que frescura fertilisante! Pois se a água lhes passa ao pé!

Depois, entre a horta e o pomar—o melancial. Ora no melancial é que João do Lagar sempre se esmerou.

Dez libras todos os anos no mercado da vila—e anos houve em que chegou a quinze moedas! Grande ano de lucros esse!

Do melancial por'aí fóra, até ao sopé do monte e a marginar com a ribeira, sombreada de salgueiros e amieiros—o resto do eirado circundado de extensos lateiros, onde o vinhão e o borraçal se entremeia com o moscatel dourado e aromática loureira, de cachos pendentes.

A casa, cobertos e quinteiro ficam num recanto. Num deslado a ampla eira de pedra, com o seu varandão de portas ripadas, pintadas a encarnado, o espigueiro esguio, como corredor de convento, vermelhejando por entre a verdura das pereiras. E dentro da eira—o poço!

Que regalo malhar centeio na eira do tio Lagar! Aquela eira—graças ao poço—é um tampo de viola. As pancadas dos manguais ouvem-se em toda a aldeia—ecoam no monte, vão por esses ares fóra...

A adega fica também ali perto, cercada de laranjeiras e limoeiros, coberta de heras, que a abraçam, na sofreguidão de lhe beber o vinho dos toneis.

E no caminho, frente ao portal, o «jogo da

bola», com dez sobreiros, grossos como pipas, a sombrear o largo. Lá baixo, um pouco — a ribeira.

A habitação é o perfeito tipo da casa minhota — a casa portuguesa por excelência. Salas amplas de tetos artozoados, com fruteiros bisantinos; quartos de vários tamanhos; corredores tortuosos; uma varanda aberta, suspensa em colunatas de granito, um alpendre coberto de glicínias; e, ao fundo, com porta para o alpendre, a cozinha, grande como um armazem!

Esta dependência da casa merece uma vista de olhos.

Fica ali a lareira onde nunca se apaga o brazido. Contra a parede, a borrarheira, tapada por cima com uma pedra de doze palmos — a mesa lareira; sobre ela secam os eixos e as cambas do carro. Ao lado o forno, a pia de lavagens e o alhar da lenha. E, a abrigar tudo isto, a bocarra imensa da chaminé de pedra, alta como uma torre castelã!

Ardem achas resinosas ao redor de dois potes de almude e de outro somenos, onde ferve o caldo da ceia; — e, nas brazas, a velha trempe de ferro, sustenta um tacho de dois palmos de diâmetro, onde frigem sardinhas de apetecer... Ao fundo, perto da janela, a grande mēsa de castanho carcomido, com bancos-caixões e preguiceiras de recôsto, ao redor.

E num deslado a masseira ampla como uma barca, tendo em frente os armários e as prateleiras da louça. Junto á porta as cantareiras com os cântaros da água, as arcas e caixões da farinha e

os baldes onde se faz a lavadura para os cevados.

Do teto, envernizado pelo fumo de muitos anos — talvez de algum século! — desce o braço de mancebo, onde se pendura a candeia. De tórnos e gancharros, num desvão da chaminé, pendem as louças de ir ao fogo: as panelas, os tachos, caçoilas, caçarolas, as assadeiras das castanhas e as de ir ao forno, pelo natal e pela páscoa...

Depois, na copeira da chaminé, ha uma multidão de trastes: rocas, fusos, maçarocas de fiado, estrigas de linho; o púcaro dos lumes-prontos, chocolateiras de barro, latas de folha, almotolias velhas, grandes lampeões de vidros partidos... E num travejo, muito secas, amarelecidas pelo fumo, quatro bexigas de porco, cheias de ar. Da trave para a chaminé, vergando ao peso, a vara das cebôlas, pejada de résteas.

O soalho — êsse é já velho, muito negro e cheio de remendos. Está constantemente astrado de lenha, apesar da tia Bica o barruscar vezes sem conto, com a grande vassoura de giesta, ao mesmo tempo que roga pragas ao gaiato do Zé Sarôco, que no carrejo da lenha astra o soalho, só para fazer zangar a velha...

Tia Bica servia na casa dos do Lagar havia mais de trinta anos. Era considerada como pessoa de familia. Ia pelos cinquenta e era o modelo das governantes.

Magra, nariz esguio, muito mexida de corpo e língua dizia-se que só estava calada, quando dormia. Contudo o gaiato do Zé Saroco — o pegu-

relho das ovelhas, dizia que ela, nem a dormir estava calada, pois sonhava alto...

Tratava por tu toda a gente da casa, a começar no patrão. E João do Lagar, que lhe conhecia honestidade e dedicação á familia — dava-lhe carta branca — considerava-a como uma irmã mais velha — ainda que êles, na idade, regulassem.

Ordem que ela dêsse, tinha de cumprir-se, porque, no geral, era sempre bem dada.

Sucedia ás vezes que João do Lagar, por mal humorado, dava contra-ordem. Ia tudo razo com a trabuzana :

— Mandei, sim, senhor, mandei o gado p'rá Lagôa e está muito bem mandado.

— Mas já sabes que não quero lá o gado.

— Pois agora foi, foi.

— Para a outra vez não vai.

— Ha-de ir quando fôr mester... Tu ás vezes nem sabes o que dizes, João!

Com a Clarinha sucedia o mesmo. A excellente mulher estimava-a como filha; e porque fôra muito amiga da mãe e a filha era o vivo retrato, ás vezes, ao contemplar a rapariga, vinham-lhe lágrimas aos olhos :

— O' filha! és mesmo a santa que Deus tem em sua guarda!

Mas, outras vezes, armava em madrasta e ralhasava, marralhenta, porque a pequena não fazia os mandados da casa; porque, ao serão, adunava com sono; porque mal sabia fazer uma meia, tecer umas varas de linho, bordar um pano — cerca tem mão... trinta por uma linha...

Clarinha ria-se sempre :

— O' mulher! vocemecê é mais brava que a bravura. Não se arrenégue que lhe hei-de fazer uma saia e um avental, á moda da Areosa... Até ha-de parecer uma moça casadoira.

Tia Bica umas vezes ria-se, outras gode-lhava impropérios:

— Demone da môça tem cada ideia!...

No fundo, a mãe, se fosse viva, não a estimaria mais, não lhe dedicaria tanto carinho.

Mas, tambem, quem não havia de gostar de Clarinha — aquele amôr de rapariga, de quem, até, as próprias môças do seu tempo gostavam?...

Ora meia dúzia de anos depois, a Clara era já a encantadora mulher, entrevista no sonho de Fabião. Tinha as feições duma virgem ideal dos pintores da Renascença e o porte senhoril duma duqueza. Nunca, nesta aldeia, se creou formosura igual, nem alma mais encantadora e melhor dotada por cá apareceu. Os romancistas teem o condão de criar personagens super-humanas, cujas biografias nos fazem entrever angélicos habitantes das regiões cerúleas — porque na terra, por melhor que se esquadrinhe, não se encontram. Que, lá verdade, verdade: o Artista Máximo, às vezes, consente que á terra desçam anjos de incomparavel formosura, com almas de pura essência divina. Mas só de séculos a séculos isso acontece. Tambem se Deus se lembra de encher o mundo de creaturas superiores, os romancistas perdem a originalidade, e a faculdade de inventar.

Aqui o caso é outro. Ainda conheci a Clara

já velha, é certo, mas ainda com estigmas da radiosa mocidade que teve. Devia ter sido linda, linda a valer... Que o dissessem o Carlos da Torre, o Lamoso, o Fabião, tantos, tantos, que ela enfeitiçou de amores! Interrogassem-nos. Veriam se não diziam logo:

— Ah! palmo de cara como aquilo, não se creou outro nesta terra. Nem alma mais pura voou daqui para o céu...

Um dia surpreendeu o Fabião a olha-la com uma insistência malcreada. Depois o rapaz, como se acordasse, desviou rápido os grandes olhos azuis, que eram como dois bocadinhos dum céu, cheio de bondade.

Andavam ambos na eira: êle a apajar o centeio; ela a arrodar o grão.

— Que estás tu a olhar, ó moço?

— E' cá uma coisa.

E como fosse a passar um golpesinho de vento, êle encheu a pá, e vá de arreboliar com o centeio ao ar. A moínha lá foi, de jornada, cair longe, nos campos, como uma *via-láctea* de estrelinhas áureas, que se esfrangalhasse e descesse, em poalho, sobre a terra. Na eira o grão simulava uma montanhasita, de dorso puído, com uma longa cauda de alimpas. E o Fabião, bota-que-bota, suave a bem suar, para aproveitar o tempo, que corria de feição. A Clara — essa, com as costas do ancinho, amontoava o grão, que o moço erguia ao ar, com a rapidez e a força duma máquina.

— Eh! rapaz! tu nem tomas fôlego!

— Isto vai, caramba!

Mas o vento fraquejava e a moínha e as alimpas, vinham já caindo sobre o grão. Era também tempo de descançar. Aquilo não ia a matar. Sentaram-se ambos nas guardas da eira, á sombra boa, duma latada de uvas. O rapaz limpava o suor a um lenço enxovalhado. A Clarita não podia ver aquilo: não tinha vergonha de andar assim com um lenço, que parecia o varredoiro do forno? E tirava da cinta o seu lencinho, bordado a ponto de cruz, para o dar ao Fabião:

— Enxuga essa cara, toma. Isso até te faz feio. Olha que depois a Rosa Tecedeira não te quere...

Ensaíava um sorrisinho gaiato, ao mesmo tempo que surpreendia o efeito das suas palavras, no rosto impassível do criado. Mas êle apenas respondeu:

— A da Tecedeira é rica: tem leiras e bouças.

— O' moço! não desanimes: vale mais gente que fazenda.

— Pois sim, sim! conta-me déssas. O peor é se tu não vais a casar com o da Torre, com o Abilio ou o Zé Lamoso, por serem ricos.

— Eu! Crédinho!... Nunca me verás casada com nenhum deles. Antes queria um pobre das portas, vê lá tu!

— O' rapariga! então casa comigo!

E pôs-se a rir o Fabião, do seu gracejo. Porque ele nunca suspeitou que pudesse vir a ser, um dia, o marido de Clara. Podia lá ser! Havia

de ter sua graça, o criado casar com a patrôa... Que, a bem dizer, havia muitos exemplos. Aí estava a Brasileira da Bica, que casara com um carpinteiro! Em casa das moças de Casais, quem mandava era o criado, o Joaquim, que, mais dia, menos dia, aparecia casado com a Ludovina — a mais nova do bando. Dez contos que o felizão abichava! Agora o caso era outro. Nem êle queria no pensamento semelhante ideia. Podia ser a sua perdição. Demais-a-mais a Clara respondera:

— Estou ainda muito nova, e nem sequer penso nisso. Mas olha, Fabião: não sou mais que as outras: — tudo póde ser.

E dissera isto com uma entoação tão suave e séria!...

Diabo! P'ra que lhe estava ela a dizer aquelas coisas? Ah! não ser êle rico como os outros! Se tivesse ao menos familia conhecida... E veio uma nuvem negra sombrear-lhe a alma generosa e simples. Era um filho da miséria — um triste engeitado, que o destino pusera á porta do casebre de Ana Róca, numa madrugada, — já maio se anunciava... Onde viera? Não sabia. Que onda de desgraça o arremessara para aquela praia? Um impenetravel bulcão barrava os horizontes...

Nesse fim de tarde dum junho ardente, Fabião perdeu, um tanto ou quanto, a consciência do que fazia. A Clara fôra tratar da ceia e ele ficára-se a olha-la — até a ver desaparecer á porta da cozinha. Depois começou a apajar, de novo, o cereal. A viração era branda, por isso a ciscaría voltava

de novo a misturar-se no grão. Mas êle nem nisso reparou: automaticamente foi erguendo pazadas sucessivas, até que a cachopa, passando para o poço, com cantaro á ilhargá o advertiu:

— O' Fabião? que dialho estás a fazer?

Mas que queria ella? Para que lhe dissera: *tudo póde ser?* Lançára um raio de fogo na alma ingénua do pobre moço. Essa faisca iria ser a causa futura dum incêndio.

Do poço, a Clara, disse p'ra eira:

— Vê lá se te pões a pensar na Rosa Galante!...

A Galante, era tambem, uma guapa rapariga, da mesma idade da Clara e filha dum abastado lavrador. Por isso mesmo, Fabião não se atrevia a requesta-la, nem sequer nela escogitava. Tambem p'ra que andavam a dizer coisas? Ele não se atrevia a olhar, quem estava acima de si. A Rosita é que gostava muito de taramelar com o rapaz, quando se encontravam, já se vê que só por brincadeira, só para o paleio...

De resto ella era tambem linda como os amores, e tinha pretendentes aos cardumes. Mas como

quem eu quero não me quere,
quem me quere não quero eu,

a Rósita não lhes dava trela. Com quem ella gostava de conversar era com o Abilio do Doutor — talvez mais por ser namoro da Clara, que por outra coisa. Mas o sobrinho do médico ia pouco por lá, embeijado como estava com a filha do João do Lagar.

Suppõe-se pois, pelo menos é de supôr, que as conversas havidas entre a do Galante e o Fabião, eram só com o intuito de tirar inculcas, saber do que se passava, com a Clarinha e seus namoros. Pois não!

A Rosinha Galante sentia-se subjugada por Fabião — porque dele se evolava um eflúvio de amor tão subtil e forte — a que ela, como tambem Clarinha, mal podiam fugir.

V

JUNHO ia no fim. Tempo de sacho e de arrigas pelos campos havia desusada azáfama — a despeito das adustas calmarias, que alastravam dormentes, derreando a folha aos milheirais, abafando como forno, em dia de cozedura.

Uma nota de moleza e cansaço se desprendia das coisas. Não obstante a vida manifestava-se pujante e as seivas corriam céleres. Ouviam-se cantigas á desgarrada, varejos de viola, cavaquinhos tarameleiros, ecoando sons, em arrebique, pelo vale-em-fóra, falatórios que se coavam por beiredos — espalhafatos...

Pois se era a arriga dos do Lagar — a festa da Clarinha!

Inda o sol não madrugava — já dois foguetes de respeito, daqueles de se ouvir ao longe, anunciavam a funçanata. Coisas do Fabião! Aquilo era o vivo demónio a foliar! Pândego até mais não!

Dês o dealbar, também, que o pegurêlho do gado buzinava, na eira, a chamar o povo. O som da buzina, de quebrada em quebrada, corria o lugar; e de rio-a-monte passava ás aldeias vizinhas a prevenir tudo.

E por lá diziam :

— Já sabemos: é a arriga do tio Lagar.

Carlos, cavalgando garbosamente o seu alazão, levantava nuvens de poeira que descreviam caprichosos repiolos por sobre os campos marginaes.

Era áquella hora do dia em que nem uma só folha tremula, tocada de viração. O sol, a prumo, espelhava-se cruamente na folhagem verde, com reflexos de aço temperado.

O cavaleiro seguia absorto, alheado de tudo, só pensando em Clarinha. Aquele rompimento da véspera, acicatava-o. Ia passar-lhe à porta, a matar saudades. Áquella hora deviam estar na eira, na faina da derripagem. Ver Clarinha era todo o seu desejo. Encontra-la-ia? Que prazer! Não? — Que desgosto...

Aos tropo-galhopos — top-que-top — lá ia, mergulhado em scisma, talvez mesmo sem sentir os ardores do sol.

Dos beirais dos eirados, sob a umbela protectora dos lateiros, e dos pois das janelas — cravos sanguineos debruçavam-se, a espicaça-lo na sua paixão:

— Olha cá, ó Carlos? Vais ver a Clarinha?

O enamorado mamujava:

— Vou, sim! Que tens tu com isso, ó cravo cruel?

— E' que tambem a amo: tenho ciumes...

Logo adiante, no ângulo dum eirado, penden-

do sobre a estrada — uma bela rosa chá, dizia-lhe, mesmo ao ouvido:

— Olha: minha irmã, a Clarinha, não será tua, não a mereces...

Carlos interpretava estes dizeres, ouvia estas frases mudas, atravez o coração, dilacerado pelos ciumes.

Ele era rico, herdeiro de um nome nobre, senhor de grandes respeitos: poderia fazer-se amar por uma fidalga de sangue, dama de alto coturno, que à vasta cultura e esmerada educação, juntasse qualidades de espirito e de character. Era muito provável. A casa da Torre, desde os recuados tempos de D. Lovosendo, que gosava fama em todo o Minho. A sua última vergôntea, apesar do estado ruinoso de sua fazenda, forcejaria por conserva-la.

Mas os fidalgos passavam na terra, e em muitas léguas de redondel, por femieiros conquistadores.

Uma tanta ou quanta inquietação lavrava na mente dos chefes de familia:

— Cautela! anda por'i o lobo...

E o redil era vigiado com acurado cuidado — não fosse a fera adentar a melhor ovelha do rebanho.

Não obstante, João do Lagar sabia quem tinha. Aquilo era rapariga de juizo!

Inda assim, á cautela, uma vez foi-lhe dizendo — o sobreceño caído, a fingir austeridade:

— Cachopa! Tento!

Era em dia de espadelada. O linho sofria, resignado, a tortura da desfibra. Trinta raparigas,

das mais guapas, cantavam. Clarinha ria-se muito:

— Ora vejam que preparo! Este meu pai...

— Tento! Muito tento! — voltava a insistir, de dedo no nariz, o bom do lavrador.

Mas Clarinha retrucava-lhe, em linguagem parabólica:

— Olhe, senhor pai: sei muito bem tornar de mim, o gado rabaceiro...

Riram as da espadelada. E Margarida, travessa mocetona, que dizia boas piquetas, ergueu a espadela e meteu colherada:

— Olha o tanho! Não tenha medo ti'João! A Clarinha sabe bem quem é, e xota os cães, que é um regalo de ver...

Quem não gostava de ouvir destas era a do Alau, toda da casa dos da Torre:

— Ora, ora... Tomaram vocês. O fidalgo inda ha de ser o dono desta casa...

E a Clarinha a rir muito, de escarnica:

— Pois é, pois é, tia Rosa: estas raparigas não sabem o que dizem...

A este tempo subia já uma cantiga começada a primor pela garganta privilegiada da Margarida da Fonte:

San João adormeceu
nas escadinhas do côro:
deram as moças com ele,
depenicaram-no todo.

Fazem lá ideia do que sejam estes orfeãos sem ensaios, mas cheios de melodia, de intensa musicalidade, que enebria a alma dos emotivos,

daqueles que trazem o espirito pelas nuvens
côr-de-rosa das ilusões e do amor?

Os poetas enamorados, sentem estranhas
sensações, que, por via de regra, ao comum dos
mortais, passam despercebidas.

Assim certa modulação de voz, que a gentil
Clarinha sabia dar ás suas alegres cantigas, tinha
o estranho condão de embriagar os seus admira-
dores, numa doce alucinação dos sentidos :

tenho um amor, tenho dois,
tenho tres, não quero mais...

.

Ela cantava isto com certa unção amorosa e
quem ouvia, ficava preso de encantamento.

.

Mas a arriga...

Sempre a do tio Lagar foi a mais espalhafa-
tosa e gárrula. Aquilo é que era festa! O Fabião
arranjava, às vezes, meia dúzia de foguetes,
daqueles de tres respostas, que eram o enlevo
da rapaziada.

João do Lagar, que não era homem de espa-
ventos, costumava dizer, sorrindo e apontando a
testa, assim como quem lhe chamava tôlo :

— O' rapaz! tu se não és filho de fogueteiro,
és por aí irmão daquele doutoréco do Libório,
que, por dá cá aquela palha ou livrança de
recruta, deita logo foguetes, a mostrar ao mundo
as habilidades...

De facto pela aldeia fóra e convizinhanças, mal se ouviam foguetes, já diziam :

— Aquilo se não é o filho do Libório a fanfar livração, é ajuntamento à porta do Lagar.

Já de véspera, Clarinha, com a ajuda de raparigas do lugar, enfeitara tudo com rosas e verduras, tecia festões, engrinaldava a varanda e a latada, à sombra da qual, se o adjunto fosse além do esperado, — e era sempre — se serviriam as refeições.

Aquilo era como arraial de festa falada — Senhora da Saude ou S. Sebastião milagroso...

Tambem a casa do tio Lagar, vinha tudo de rogado, todos queriam participar da função.

— A arriga dos do Lagar é amanhã.

— Quem disse?

— O Fabião.

Logo outro, que adregava de passar, informava :

— Vem uma ronda de chelpa! Dois harmónios, quatro violas, cavaquinhos, flauta, o Súcia a tocar rabeca, férrinhos, pandeiros... Festa até mais não! Depois — cantadores de fama: o Baltazar velho e a Caroeira.

— Ih! Atão vai ser de arromba, carago!

— E foguetes!

— Já sei: o Fabião aquelou meia dúzia.

— Quê, quê, hó! O Zé Lamoso encomendou uma dúzia, ao Cruz — dos de assobio...

— Ih! C'os diabos!

— Vai ser festa por uma pá-velha!...

Entre as raparigas o entusiasmo não era menor:

— Margarida! vais á arriga?

— Pudera, não!

— E a Virginia?

— Essa falta lá!...

— Diz que veem muitos moços de fóra. O Fabião conta p'ra riba de cinquenta pessoas— talvez sessenta ou mais...

— Santo breve-da-marca! Para que tanta gente?

Depois entravam em confidências:

— A Tereza já encomendou o ramo para oferecer ao Sebastião. E' a brasileira velha que o faz. Só os preparos importaram em cinco corôas...

— Taré! A moça arruina-se...

— Mas a Rosa Tecedeira, também encomendou outro, e para melhor! Pra quem será?

— P'ró Fabião, pois p'ra quem mais? Anda mesmo perdida por êle!

— Atão vai ser bonito! A Maria Feireira também lhe oferece um...

— Fica-te mais com esta; a Rosa Galante encomendou outro, dos de freira, e sabes para quem? P'ró Fabião...

— Tres! Oh' co'as galés! O rapaz é bem pretendido, carago!

E ficaram-se a falar do garboso moço, como comadres murmuradeiras. Lá por dentro remor-

diam-se por não serem requestradas pelo rapaz, que trazia à roda muitas cabecinhas leves, das mais guapas raparigas do lugar...

O certo é que, no dia da arriga, a Clarinha viu-se em palpos a aceitar ramos que, comadres de alquilé e abadeiras de profissão, conduziam com mil cautelas, sobre o sanguidalho agazalhador e oupado, ao de leve, em cobêrto.

—O' mulher! eu já nem sei onde hei de escondilhar tanto ramo! Vinte, com este! Só o nosso Fabião tem quatro!

As arrigas põem por esses linharais fóra uma nota festiva e barulhenta. A arriga do linho é uma das mais interessantes festas agrícolas. Para esse dia convida-se toda a mocidade do lugar. Sucede às vezes que o lavrador conta com quinze ou vinte pessoas e aparecem no campo trinta ou quarenta, cinquenta ou sessenta... Zanga-se o lavrador? Qual zanga! Rejubila. Tem muito que lhes dar a fazer: — o sacho, a decrúa, a restiva... E' trabalho de vinte dias? Far-se-á num. Depois á arriga tudo vai de rogado: não se gasta dinheiro. Sómente mesa farta e o cântaro do verde espumante á beira. Caramba! Em casa do tio Lagar — às vezes ia uma pipa!

Nas cortinhas da linhariça, a dois passos dos eirados, trinta ou quarenta pessoas cantavam o San-João, a duas vezes. Ha ali gargantas privilegiadas, donde saem sons de cristal fino: tenores,

contraltos, baritonos e um baixo, uma voz masculina, com modulações de trovão longínquo. E' um orfeão magnifico! E então as cantigas sanjoanescas, são de mão cheia:

San-João era bom santo
Se não fosse maganão:
Foi co'as moças à fonte
Atirou com uma ao chão:

San-João casai-me cedo,
Emquanto sou rapariga:
Que o milho sachado tarde
Não dá palha nem dá espiga.

Ah! mas dizer isto é uma coisa; e cantar essas quadras, a trinta vezes, é outra! Eu queria que ouvissem...

As enxadas movendo a terra, decruando os milhos tardigos, ou arrendando os temporãos — e a voz argentina das moças e os acompanhamentos abaritonados dos rapazes a esfusiarem por entre os beirais de vinhedo e o loureiro dos valados! A's vezes a quebrada do monte repéte, num éco de falsete, a última modulação, prolongada num arrebique, que se perde por êsses vales alem...

Logo que o orvalho levanta, todo êsse povo deixa a enxada e invade a linhariça. Rapazes e raparigas intercalam-se ao longo do campo — formam casais! Cada casal, ou cada dois casais, toma para si um talhadoiro. Principia o desafio no trabalho: fazem-se apostas. Quem ficará atrás?

O que ficar atraz pagará tantos abraços de multa... Ou «leva o burro»!

O que leva o burro é o que não póde rivalizar, em presteza, com os mais frenéticos e sarra-bilhotos. Arranca-se o linho com espantosa rapidez,—alguns com verdadeira fúria. Não se canta. A posição agachada não o permite—mesmo porque todo o tempo é pouco para a faina. Não obstante galra-se, algazarreia-se, incitam-se uns aos outros:

— Eh! Sebastião!

— Eh valente!

— Ai a Rósinha, que nos foge!

— Bem sei eu quem leva o burro...

Aos namorados dirigem-se chufas:

— Olha lá, ó Zé Lamoso? Não botas uma mão ali à Margarida? Vê lá se a queres vêr aos abraços a êsses mocetões...

Mas a guapa Margarida reponta, num vislumbre de ciüme:

— Quem êle queria abraçar era a patrôa, a Clarinha...

Qual? A Clarinha não é ali chamada...

Da última regadoira, um rapaz robusto como um toiro, que leva dois passos de dianteira aos outros, levanta-se, com duas manadas de linho nas mãos, para dizer:

— Ai o abraço da Margarida já cá canta! Isto vai de varada!

— Eh! Zé! ajuda a Margarida!

A Margarida córa, pudibunda, mas assevera que não precisa de ajuda. Graças a Deus há-de chegar ao cabeceiro quando os outros. E se tiver de pagar o abraço... dá-o ao Fabião!

Longa surriada :

— Eh! Fabião, eh! rapaz!...

Que bom deve ser o abraço dessa Margarida, linda como uma camélia rosada...

Linho na eira! Cada carro tem já entalados entre as chedas e as rodas, os derripos, onde se vai ripar o linho. O sol aquece; a eira escalda. As fôlhas escuras das figueiras brilham com tons metálicos e os pâmpanos tenros, nos lateiros ao redor, lourejam cheios de viço. E na faina da derripagem já se canta ao desafio, ao som da viola, do cavaquinho e do harmónio :

Não há sol como o de maio
lunar como o de janeiro,
nem cravo como o regado,
nem amor como o primeiro.

Do outro carro, a voz do Fabião — vermelho como maçã camoesa, responde :

Canta minha voz dum anjo,
que eu por anjo te venéro;
nem teu pai nem tua mãe
sabem o bem que te quero.

E segue por'i fóra! Nos outros carros succede o mesmo. Canta-se a *Maia*, a *Chula*, a *Cana Verde*... E enquanto uns ripam e cantam, outros atam os mólhos, os *aguadoiros*; cada dez destes mólhos formam «um-ao-dízimo». Carregam-se depois os carros que levam o linho ao lago e janta-se. O jantar é, quási sempre, á sombra da

ramada, ou no cobêrto, em mesas improvisadas. O vinho espirra nos picheis. E' fresco e saboroso. No fim da refeição a dona da casa pede, aos moços, os chapéus. E' para colocar os ramos que vieram de fóra, mandados pelas conversadas.

Razão tinham as raparigas; a Clarinha recebera um cesto deles! Alguns eram maravilha! Até traziam papeluchos com versos. Um dos de Fabião dizia:

«Ha silvas que dão amoras,
ha outras que as não dão;
ha amores que são bem firmes,
ha outros que o não são.»

Os ramos...

Em geral são feitos com cravos brancos, raiados, côr de rosa, côr-de-sangue; «abraços» (gavinhas de vide), alfádiga, mangericos, cerejas... Está bem — dirão: — isso é um ramo como qualquer outro. Sem dúvida. Mas ainda se não disse que, de cada um dêsses cravos e das gavinhas de vide, saem fios de retroz segurando cigarros, segurando doces brancos de Fão, bolacha fina, confeitos e amêndoas... E também ainda não se disse que tais ramos são confeccionados com grande esmero e fino gosto, não só por mãos enamoradas de camponezas, mas também pelas floristas da vila. Ha-os com o feitio de torres esguias, ha-os redondos como bolas e circulares como corôas. Ha-os de flores naturais e também de flores artificiais. Todos êles são interessantes e originais — de todos se evola um aroma enebriante, de evocadora poesia!

E como vão orgulhosos os rapazes, com o ramo pregado ao lado direito do chapéu! A's vezes são de tal forma pesados, que, na chegada ao campo, são obrigados a substituir esse chapéu, por outro; ou então por uma corôa de ramos de carvalho, em forma de turbante, para os livrar do ardor do sol...

A'queles que não foram contemplados, pelas namoradas, com o ramo tradicional, oferecem as raparigas, por chacota, ramos de louro, de amieiro, de buxo, que êles espetam na fita do chapéu, a pandigar.

Ora aqui está, nesta arriga do tio Lagar, um estúrdio velhote — o tio Súcia que parece um Sileno. Leva na cabeça um grande chapéu de palha, todo enfeitado de madre-silvas e heras com peras e maçãs verdes suspensas das abas do chapéu. Coisas de Clarinha, já se vê... A' cinta como faixa, uma verga de glicinia cheia de folhagem e algum cacho seródio. Toca uma velha rabeça, enquanto que outros varejam violas e cavaquinhos e uma rapariga canta, sacudindo no ar o pandeiro.

Atrás, enxadas às costas, seguem os da arriga caminho da agra e das restivas. O trabalho faz-se a cantar: não fatiga — é um prazer!

A' noite, depois de ceia, é que principia a verdadeira reinação.

Tudo salta para a eira. Se adrega de haver luar — a festa tem ainda mais imponência. Quando falha a lua, acendem-se os candis, que se pen-

duram pelas latadas e pelo beiral do coberto. Ou faz-se uma fogueira. A ronda afina os instrumentos. Os cavaquinhos ouvem-se longe, pela aldeia fóra,—como garrida badeleira, a anunciar festança. Os que não puderam vir ao trabalho, aparecem então p'rá folia...

Tudo folga, tudo ri. Até o Súcia, da rabeca, com seu carro-e-meio de anos, dança como se tivesse vinte! E desafia as raparigas:

— Eh! moças de pé alceiro! Vamos ao vira...

Esfusiam as cantigas da *Chula*, da *Cana Verde* ou do *Vira*. A Maria Caroceira, que tem uma voz cristalina e improvisa conceituosas quadras, canta como sereia:

Lá vai o rio fugindo
oh! quem n'ó dera agarrar:
o amôr é como o rio,
foge não torna a voltar...

Prestes o Baltazar, já entrado em anos, mas sempre jovial e de estro inspirado, retruca:

Ha quatro dias com hoje
que ando p'ra te falar.
A vergonha me desvia,
o amor me faz chegar...

Mas a Caroceira é pontista:

Eu hei de amar, hei de amar,
hei de amar bem sei a quem:
eu hei de amar a meu gosto,
nanja ao gosto de ninguem.

E logo o Baltazar :

Se os beijinhos espigassem,
como espiga o alecrim,
Teriam muitas raparigas
A cara como um jardim.

.....
E segue. Às vezes é meia noite, uma hora...
E' mester o dono da casa, traze-los á realidade,
acorda-los daquele sonho voluptuoso ;
— Eh ! rapaziada ! Amanhã também é dia
de faina !

.....
Aqui no Minho é assim. Os trabalhos fazem-se a cantar ; não custa nada...
Ah mocidade, mocidade ! Quem te dera perpétua !

VI

VINHA o Fabião, uma noite, do moínho, com um fóle de farinha às costas quando, ao chegar ao portal de casa, pressentiu um vulto que fugia sorrateiro pelo quinteiro fóra. Arrebolou com o fardo p'ra riba dum carro, botou a mão a um fueiro e desandou a correr atraz da abantesma, que se alargou pelo eirado fóra, numa carreira de lobisomem desenfreado.

— Isto é ladrão — foi dizendo com os seus botões; — mas cai-me já nas unhas.

De facto êle contava catrafila-lo ao chegar ao muro. Fazia escuro; ainda assim o melro não lhe escaparia. Via-se ainda o bastante para o enxergar. Mas de repente soou um tiro de revolver; parece que um grão de areia bateu no ombro do moço, e isso fê-lo exasperar. Sentiu que alguém trepava o muro e saltava fóra ao caminho. Dum pulo galgou tambem a parede e foi encontrar-se com um homem que, de revolver engatilhado, o intimava a retirar. A voz desse noctivago era de falsete mas êle supôs conhece-la.

— Olá, amigo! Conhecês-me?

— Conheço, mas retira-te.

— Quem manda ?

— Esta arma.

— Como tiros, — respondeu Fabião.

E precipitou-se dum pulo sobre o adversário. Ainda um tiro lhe rasquejou por uma orelha, mas isso não foi nada. O valente rapaz, com um sôco, arremessou-o ao chão ; e tal foi êle que o revolver foi parar a alguns passos de distância. Depois o sujeito quis engrilar-se, mas o Fabião fingindo não o conhecer, deu-lhe uma sova de mestre.

No dia seguinte constou que o Carlitos da Torre, quando à noite vinha da venda do tio João d'Eira, onde fôra palestrar um pouco, tinha sido assaltado, nas cangostas da devesa, por uns sujeitos que não conheceu. E, como eram três ou quatro, moeram-no com pancadas... Ah! que se fosse um ou dois, de cada vez, êle os ensinaria!

Só lamentava não os ter conhecido! Que êle desconfiava...

Um que se riu muito quando ouviu contar isto à Rita Sôlhas, foi o Fabião. Veio de lá a Clara muito compungida :

— Coitado! e feriram-no muito? Porque ris, Fabião?

— Cá por coisas. Conta lá isso, bem, ó Rita.

E a sardinheira ia outra vez repetir a história, quando a Clara se pôs a olhar, muito séria, para o criado que ia a caminho das córtes, astra-las, e limpar as manjedouras. Logo que a peixeira saiu, ela desceu a baixo, ao quinteiro e chamou-o :

— Olha cá.

E como êle viesse fóra a rir, a rir — a Clara

quis saber porque era esse riso enigmático, e mais ainda que mancha de sangue era aquela na camisa.

— Sangue! — fez o rapaz espreitando sobre o ombro. Ali mesmo, no meio do mato, tirou a camisa e ficou com o tronco nu. Viu então que estava ferido num ombro! A Clara correu a buscar a garrafa da arnica e botou-lhe um pacho de fio sobre a ferida, que era quasi imperceptivel. A bala apenas rasquejara.

Ele contou então a ocorrência da noite, que ela ouviu muito interessada. No fim perguntou:

— Mas que queria aquele homem daqui?

— Sei lá! Tu é que hasde saber...

— Pois vou mandar-lhe dizer que não preciso quem me ronde a porta. Fizeste tu muito bem. Nunca as mãos te doiam.

Depois veio para a cozinha tratar dos preparativos para o almoço. E ao mesmo tempo que ia cuidando nisso, ia fazendo o confronto entre aquele fidalgo poltrão que apanhava taponas e se defendia a tiro; e aquele rapaz tão forte e tão modesto que não tinha receio duma arma, que o ameaçava. Qual daqueles homens valia mais? Esperava que a sua consciência dali a dois ou três anos decidiria isso. Mas para já, ela que presava o valor moral e a robustez física — tinha a sua escolha feita: era o criado de servir, porque suplantava o fidalgo. E quem sabe? — talvez o Fabião fosse ainda mais fidalgo do que êle!

VII

UM retrato de Fabião Roca, impõe-se agora aqui. Nascera não sabia como, nem onde. Não conhecia mãe, nem pae, nem parentes de ordem nenhuma, e fôra pôsto dentro dum açafate com um enxoval modesto, mas abundante, á porta da ti'Ana Roca, numa madrugada de maio, já tudo eram rosas pelos eirados. Num bilhetinho, escrito a lapis, dizia-se: «O menino ha-de chamar-se Fabião. O apelido fica á escolha da «ama». E junto ao bilhetinho estavam duas lindas moedas de ouro.

Misteriosamente, uma vez por ano aparecia por baixo da porta da *Roquinha* — nome porque era mais conhecida a ama de Fabião — um embrulhinho contendo dinheiro. Duma vez — já o rapaz tinha para aí, os seus dez, puxadinhos — appareceu no escaninho da caixa, uma bolsa contendo cinco libras! Caramba! Aquilo via-se bem, que vinha de gente rica!

Mas, o que fazia espantar a mulherzinha, era o facto de lhe terem ido colocar esse dinheiro no escaninho. Quem entrara lá dentro? Era pelo tempo azafamoso do sacho, em que as casas

estão ao-Deus-dará. Os ladrões costumam fazer, então, boas colheitas e não é raro o pobre lavrador, ao chegar a casa, dar com as portas ou as janelas abertas e encontrar-se roubado. Do bragal — ás vezes — inda fica um rebotalho, para remediar o dono. Ha ladrões, até, muito espirituosos. Duma vez foram roubar aquele usurário, que não dá um chavo a ninguem — o Rata-seca. Ele tinha, num pote velho, debaixo da cama, setecentos cruzados novos. Agarraram naquilo tudo — e safaram-se. Mas lá se lembraram do que poderia vir a acontecer e vai um desses senhores ladrões, pôs no fundo do pote dois cruzados e um bilhetinho que dizia :

«Mestre : ficam dois — um para ires consultar um advogado, a ver se podes culpar a gente ; o outro é p'ra comprares a corda para te enforcares na trave da cozinha». Que meliantes ! O pobre Rata-seca esteve 15 dias de cama, curtindo as máguas do desgosto ; e, se não se enforcou, foi por não lhe convir gastar o cruzado, numa corda nova de quatro calabres...

Quando a Róquinha mostrou o dinheiro ao rapaz — disse logo que a familia dele devia ser gente de truz. Talvez viesse a saber um dia quem era a mãe e quem era o pae. Inda podia vir a ser muito rico...

Mas o caso é que, nunca mais apareceu dinheiro em casa da ama do Fabião. A fonte secara — talvez para nunca mais pingar. Foi forçoso, pois, pôr o rapazelho a servir.

Por este tempo o João do Lagar procurava um criadito para o gado; e, sabendo disso a Róquinha, foi-lhe oferecer o Fabião.

O excelente lavrador aceitou logo:

— Pois manda p'ra cá o cachôpo.

Mas tirou logo condições: neste primeiro ano só lhe daria cinco coroas de soldada; uns tamanhos novos de cruzado, um chapéu fino, duas camisas de estopa, uma de linho e uma roupa de cheviote.

A ama queria mais alguma coisa:

— E uns sapatos, ó ti João?

— Uns sapatos!... Pois se os merecer...

— Também é necessário umas calças de lã da teia.

— Vá lá. Umas calças sempre são precisas.

— E os entaxes? Olhe que o tamanqueiro fica por sua conta.

— Isso já se sabia.

— E vocemecê também...

— Também que? Queres mais alguma coisa? Inda achas pouco? Vai p'ro diabo que te carregue...

Dali a uma hora já o Fabião enchia as algibeiras com grandes nacos de brôa e maçãs — fornecimento para toda a tarde. João do Lagar recomendava «que não deixasse chegar o gado às videiras, que tivesse muito cuidado com os enxertos dos socalcos...»

— Ouves? Olha que te boto as orelhas fora do caco...

— Pois sim, senhor.

E portou-se bem. Nunca um boi abocanhou rebento proibido.

Adiante, pelo Natal, o Fabião estreava a roupa nova, os sócos e o chapéu braguês.

Como era bonitinho, aquele traje punha-o que nem um fidalgo.

—Eh! Fabião — diziam-lhe as moças — inda hei de casar contigo, rapaz.

E o maroto do fedelho:

—Por ora não posso, môças.

—Ah! ladrão.

Duma vez foi com o gado para as Bouças da Levada e a Clara, por meia tarde, foi levar-lhe a merenda. Quando lá chegou, viu-o a folgar á cancela, com a Rosalina do Barqueiro—uma lourita muito atraente, de fisionomia simpática e bondosa.

A Clara, encostadinha ao muro, foi pé-ante-pé escuta-los. Ai os ladrões! o que êles diziam? Já a namoriscar, os tratantes!...

E parece que uma pontinha de ciume a mordiscou, lá por dentro. Mas como tinha uma alma grandemente generosa, recalcou em si os zelos e apareceu risonha a surriar os conversados que, feitas as contas, eram mais velhos que ela.

—Ai! os meninos já namoram? Deixem estar!...

E como o Fabião se puzesse muito vermelho e quási envergonhado, a Rosalina respondeu sorrindo:

—Pois então! os outros não são mais que a gente!

E foi desta vez a Clara que corou, porque pressentia uma velada alusão á sua qualidade de herdeira rica, a quem, por isso, nunca faltam pretendentes.

Nesse dia, à noite, quando o moço chegou a casa, a Clara disse ao João do Lagar, num gracejo infantil:

Sabe, meu pai? O Fabião já conversa...

As jornaleiras riram muito e o velho lavrador, farelando o naco da brôa na tigela do caldo, inquiriu meio-sério:

—Ah! Sim! E quem é a cachopa, ó rapariga?

Era a Rosalina... Ela tinha-os visto jogar as linhas, duma vez, no serão, em casa da Feireira; naquele dia apenas lhe tinha ouvido dizer que «assim que fossem grandes haviam de casar...»

Ai os fedelhos!

—Quê, quê, cachopa? Quê, quê?

—Que haviam de casar.

—Rapaz! tem tento, rapaz!

A Rosa Carvalheira, uma trocista de boa pilhéria, pôs-se a dizer gracejos:

—O rapaz sabe lá o que é casar! Tomara êle côdea...

Fabião, muito vermelho, atafalhava o estomago de couve galega e de brôa fresca. Importava-se lá com tais ditotes... Se êle sabia o que era casar? Calculava...

A Carvalheira, porem, insistiu que dissesse: E vai o gaiato:

—Olha, Rosa: eu logo, depois do toque de Almas, vou lá e digo-te...

Foi uma risota... A moça embatocou. Que ladrão de rapaz, aquele!

.....

VIII

ORA o que acaba de passar-se, já lá ía há muito, quando o Fabião e a Clara eram meninos e moços. Ama e criado estimavam-se e mesmo o velho João tinha pensado um dia: «se não fosse um engeitado, casava-o com a rapariga!» Mas quem sabia lá donde ele vinha?

Podia ter sido deixado á porta da Roca por uma dessas caravanas de ciganos que, a miude, transitavam pela aldeia. Tambem podia ser oriundo de boa gente. Ninguem o sabia. E, na verdade, aquela história do dinheiro deixava entrever umas coisas. . . Alguem suspeitara que um homem já idoso, tipo de grande proprietário ou feitor de casa rica, fosse pai do rapaz — só porque um dia, na feira de Barcelos, conversara muito com êle e lhe fizera umas perguntas a modos interesseiras. . . Mas não; simples curiosidade.

E daí—quem sabe? Tudo isso não passava de palavras. Quando Deus queria, o rapaz nem tinha pai nem mãe. . .

Ora lá muito no íntimo da alma de Clarinha,

essas coisas não influíam; o Fabião era um latagão desempedido e saudável; tinha ditos de espirito, e até se avantajava, por seu porte másculo e pela sua força física, aos mais ricos rapazes da terra. Já não se dizia; «o criado do Lagar», mas sim: «O Fabião do Lagar», ou: «o do Lagar».

Mas là no que respeitava a deveres, não havia outro: Clara era, para todos os efeitos, a sua ama; quando muito permitia-se apenas uns infantis folguedos de irmão.

Mas nos reconditos escanos de sua alma havia uma paixão latente. Ele amava-a, embora pressentisse que nunca poderia vir a ser o seu noivo, por motivos de ordem social e por comprazimento para a moral pública — que ás vezes é duma imoralidade de fazer corar as pedras.

João do Lagar, se casasse a filha com o criado, sujeitava-se ás vaias e aos insultos soeses dos labrotes da sua aldeia. O doutor havia de lhe dizer que tal negócio o poria em escala baixa; e o fidalgo da Torre —aquele incorrigível borrachão, que andava há quinze anos com uma carraspana hereditária, havia de provar que só o sangue de D. Ordonho era nobre e só êle deveria ser o germen das futuras descendências da casa do Lagar... Os próprios jornaleiros e criados da casa, não deixariam de se manifestar, com a desigualdade de tal enlace. E, para remate, até o Fabião dizia:

— Ora bolas! pode lá ser!

Por outro lado a Clara fazia confrontos e isto era já na idade critica dos desoito anos — benza-os Deus! — da bela rapariga.

A bela rapariga! Ora ponham-se vocês daí a ver! Uma mão-cheia de raios de sol, um açafatinho de cerejas, um bloco de neve; uma nesga de ceu, entrevista por interstícios de nuvens brancas; um raiosinho de luar, em noite de agosto; um cântico melodioso dos rouxinois dos salgueiros; a esbelta elegância dos canaviais ribeirinhos e a alma imponderavel das coisas invisiveis... Ponham-se lá a vêr... Pois disso saiu o cabelo de Clara, os seus lábios, as faces, os olhos, a alma, a melodia das suas falas — o seu corpo e o seu espirito, ora circunspecto, como competia ás pessoas de juizo, ora folgazão como era próprio de sua verde idade.

Foi da mocidade de Clarinha quem esta história me contou.

Se vissem como falava dela, esse homem já tão adeantado em anos!

— Que mulher. Que nobreza! Que alma!

E narrou-me toda a sua silenciosa paixão, que aos próprios olhos dela, escondera por muito tempo.

Um dia, porem, aquilo explodiu; e, fascinado por sua estonteadora beleza, e pela terna amorosidade que dela se desprendia, disséra-lhe que a amava, que lhe queria muito...

Clarinha tornava-se séria, baixava pudicamente os lindos olhos, onde sua bondade se espelhava; e, com uma compostura digna duma rainha respondera:

— Pobre môço! Tambem eu gosto de ti.

Simpatiso com a tua face triste e sonhadora...
Mas poderei eu amar-te?

E êle ficou sem saber se ela o poderia amar...

Bisonho, dotado de grande acanhamento e timidez, fugira dela — no receio de que o fogo de seus olhos, o magnético eflúvio que dela irradiava, o levasse a maiores loucuras — o perdesse para sempre!

Retirou da aldeia, correu mundo e teve uma invejável posição social. Pela vida fóra viu, depois, muitas mulheres belas e algumas o seduziram pelas esbeltezas do corpo e pelos artifícios preparados de seus espíritos super-civilizados: — quantas vezes repletos de falsidades e mentiras!

Mas ainda, e sempre, enamorado da bela Clarinha — mesmo depois de amadurecida idade — em nenhuma encontrava símil, porque nenhuma reunia tantas belezas, nem possuía alma tão gentil, coração tão transbordante de ternura. Com ela sempre na lembrança, resignara-se a deixar viver, sem par, sua alma, viuva de affectos.

Saíra da aldeia a pensar nela; e, na ânsia de a ver feliz, sem força para a contrariar em seus amores.

— Como será ditoso o homem que a possuir!

E quando, muitos anos volvidos, voltára, e lhe disseram da sua morte, ainda recente, êle, chorando sua saüdade, nessa noite, mesmo, correu ao adro, com um braçado de flores e cobriu seu túmulo de pétalas nevadas — rezando-lhe, por ventura, uma última oração de amor...

E morreu solteiro, este platónico namorado...

Um dia, João do Lagar — pôs-se a botar contas à sua vida e disse com seus botões :

— E' mester casar a rapariga. Estou velho, preciso quem me substitua na administração da casa. A moça está nos seus vinte. Mas o diabo, às vezes, faz das suas.

Ele sabia que rapazes de pôlpa lhe rondavam a porta! Bons partidos, sim senhor. Que êle, em seu íntimo, não topava graça nenhuma ao namoro da filha com o Carlos da Torre — raça degenerada de fidalgos arruinados.

— Hun! hun! — aquilo é da geração dos femeeiros. Gosta da rapariga, é certo; mas, mais tarde, vai enche-la de desgostos. Dizem-se para aí coisas... Traz uma súcia de zoinas atrás dele. Filharada que féde a rato... Hun! hun!... Faz bem a rapariga em escorraça-lo.

Botou depois cálculos para o estudante.

O Abílio era quási doutor — um cirurgião de respeito, como o tio, que ia já estando gasto e achacado do reumático.

Por Coimbra, o rapaz, não se esquecia de Clara. Escrevia vezes sem conta.

Dias antes, o velho doutor João Tomás, encontrando-o, disséra-lhe :

— João! Precisamos de casar essas crianças! Daqui a uns meses o rapaz está formado. Eu estou velho. Tomará êle a clientela. A tua pequena é já mulher feita, e bem andaste em a mandar educar. Boa gente, essas freirinhas de Viana — que sabem formar o espírito e encaminhar as almas. Meu sobrinho adóra a rapariga — e só prova, com isso, que tem bom gosto.

João do Lagar coçava o mento, sorria-se de velhaco :

— O' senhor doutor: são ainda muito novos. Deixe que êles se façam gente.

— Ora, ora!... O casar é cedo. Tarde para quê? Já não veem os filhos a ajudar os pais. Que de consolações te não trará um netinho, ó João?...

— Bom, bom. Não vá o carro adiante dos bois! Eles que se entendam. Nós só diremos — *amen!*

Dias depois, nas Malveiras, o velho Zé Lamoso, que por ali passava, de enxada ao ombro, muito sebento e andrajoso, disse para o lavrador.

— Queria-te uma palavra, ó João.

— Bons dias! Então vocemecê — se ha de descansar, meter-se em casa, a gozar os rendimentos — anda-me por aqui, de enxada às costas, assim a modos, de quem tem mêdo que o mundo lhe fuja?

— Home! deixa-me, cá. Quem ha de fazer o trabalho?

— Tantos sobrinhos que vomecê tem...

— Tambem a faina é muita, bem sabes. E meus irmãos e meus sobrinhos são uns cães para mim...

— Sim, sim. Consta isso!

— Olha, João: já me teem querido bater... São uns beleguins, uns ladrapos de mil diabos... Saí de lá. Estou já ha três dias na minha

casa. Quero dizer-te uma coisa, para teu governo. O gandula do meu afilhado, o Zé, que anda a rentar por de volta da tua moça, tinha-me apanhado um arranjo de feição. Fiz testamento a favor dele, mas já queimei o papel. Não vê de mim um chavo, nem tanto assim...

— Muito me conta, ti José.

— Isto é p'ra teu governo. Mesmo o rapaz não te serve, lá para casa. Tem mau génio e é vingativo. Marôto como os que o são. Est'outro dia atirou-me uma sacholada. Ia-me matando.

— Ai o valdevinos!

— E pregou comigo na regueira.

— Home! isso é certo?

— Como haver Deus.

O velho seguiu o João do Lagar pôs-se a dizer com seus botões:

— Hun! hun! Olha que mariola andava a acotiar a môça!

IX

O diabo arma-as; o diabo tece-as.

Por este tempo — um janeiro carujento e frio — deu-se na aldeia um caso que emocionou e alarmou todo o povo dali e cercanias.

Zé Lamoso — um rico proprietário do lugar, velho solteirão, duma avareza tal, que vivia só, para não gastar mais umas côdeas com o sustento dum cão, que fosse, e que, além de grandes bens, passava por ter aferrolhada grossa maquia, apareceu morto junto á cancela das Malveiras, onde se fazia a torna da água, entre o campo dos do Lagar e a leira do sórdido ricaço.

Zé Lamoso — era testarudo e resingão — mas honesto, embora convivesse com poucos dos moradores — mercê de seu génio taciturno e pesada misantropia. Por tuta-e-meia, ou dá-cá aquela palha, Lamoso corria á vila a embrenhar-se nas justiças. Ele, só, sustentava o escrivão das demandas, os meirinhos e os letrados.

Era o mais velho da numerosa germindade, que, durante muitos anos viveram em comum, no sujo e arruinado cardêno, onde todos nasceram.

Eram sete ou oito irmãos, e sobrinhos todos duma rudeza de troglodita, desconfiados, brancos, falando pouco, sempre arrazoados com vizinhos e consortes, quando meeiros em águas de tornadio e terras a treitear.

Não eram bem vistos. Não obstante, Zé Lamoso tinha um ou outro amigo e João do Lagar, o maioral da terra, estimava-o, muito embora, nos talhadoiros, houvesse, de longe em longe, uns arrezôos. Costumava dizer :

— Coitado! Manhoso que nem azémola! Mas não tão mau como o pintam...

Eram, na verdade, criaturas de estranhos exotismos, de costumes destoantes, vivendo em comum, é certo, mas com maneiras tão egoistas, com tão grosseiros e rudes modos, que poucos se acercavam deles e ninguém lhes solicitava favores. Também não seria servido quem lhes petasse ao ferrôlho.

Quando um dos mais velhos—o Francisco, casou, embora o fizesse a contento geral, os restantes irmãos, por casmurrice ou quê, durante mais de ano, não falaram á cunhada.

A pobre mulher, que levou bom dote em feraces terras, viu-se e desejou-se no meio daquela geleira doméstica.

Quando qualquer dêles precisava dum botão na engaldupada véstia de catrapeanho, ou dum remendo na camisa estopelheira, era sempre por intermédio de Francisco, e por curtas palavras, que solicitavam serviços á cunhada:

— Diz lá a ela, que engendre aqui uns aldrabos.

Ela era a pobre Maria Rijeta — a mulher do irmão.

Há tantas dezenas de anos que ali viviam sósinhos, no meio da imundice, só própria de chiqueiro de porcos, e sem os carinhos e disvelos duma mulher, que a entrada duma, de portas a dentro, longe de os alegrar, amedrontou-os. Então a inovação da vassoura, foi para êles uma tortura...

Se alguém demandava a casa em tremelhos de negócio — mercadeira de óvos ou galinhas, vendedeira de caravelas ou sabão — êles só sabiam dizer :

— Vá lá a ela. Ela é quem trata disso.

Ela é que faz ; ela é que acontece...

E pelo dia adeante, um ou outro, sem deixar a fosseira, nem levantar os olhos da enxada ou da graveta, dava assim suas ordens, por palavras bruscas, às vezes atiradas no meio de pragas :

— Ela que aquêle a fornada ; estamos sem brôa !

— Ela que vá amojar as vacas, com mil diabos !

— Ela que forjique o comer...

O próprio marido, embora a estimasse, não falava muito mais ; e a pobre creatura, por fim, adaptou-se a isto. Ela que era alegre e tagarela, em solteira, fez-se sombria e triste, neste meio, tão diferente daquele em que se criara e fizera moça.

Vieram os primeiros filhos: maiores trabalhos e canseiras a esperavam; mas, ainda assim, o galear das crianças, o coá-coá de seus vagidos a iam distraindo, naquela furna de silêncio e melancolia.

Casa de homens — latagões de avantajada estatura como os castelejos de Neiva, afora do seu labutar, na fosseira do campo, eram religiosos, tementes a Deus, muito embora não praticassem a caridade, talvez por não solicitada; nem cumprissem a máxima, que é base de toda a religião — amar o próximo como a nós mesmo.

Para seu uso lá tinham outras normas; e para amagiar a cólera da divindade, rezavam à noite, sorvido o caldo e mastigada a seca caravela — intermináveis rosários de padre-nossos, por todos os santos e santas, pelas almas do purgatório, pelos que andavam no mar...

A's vezes, em meio dum pádre-nosso, havia bruscas e sacrílegas interrupções:

— Não haver um, que dê cabo da péle àquele raio!

O raio era o velho José, ha mais de ano, vivendo à parte.

—...«Santificado seja o vosso nome...»

— E vós não dais cabo daquele ladrão!

—...«Venha a nós o vosso reino, seja feita...»

— Desgraça-nos, o maldito! Vai tudo p'rá justiça...

E, do lado, outro:

— O diabo o carregue, nas profundas do inferno!...

—...«Seja feita a vossa vontade»... Em que altura iamos ?

· · · · ·
Era isto todas as noites. Palavras erguidas a Deus, mas os corações em posse do diabo.

No pensamento ia germinando a monstruosidade dum crime, que desabrocharia, mais dia, menos dia.

· · · · ·
Mas de longe vinha a costumeira dos Lamosos entremear na reza, perguntas profanas; e já em tempos do velho José assim usavam. Testemunha presencial, que ainda vive, viu muitas vezes isto :

— Páre a reza !

E logo :

— Porque chamam ao Valão — Valão ?

O Valão era um pobre trabalhador, dos que pelos sachos e talhadas, jornaleavam na casa.

— Sabe-se lá ! Decerto por andar a fazer valos pelas bouças...

— Bô : siga a reza.

— «...O pão nosso de cada dia nos dai hoje...

Mas dali a momentos, outro interrompia :

— Que tempo dá, para amanhã, o reportório ?

— O que vai correndo, o que vai correndo...

O velho José informava-se :

— Quem foi tornar a água à Malveira ?

— Fui eu.

— E' preciso estender lá, um dia, o rapaz do Lagar, aquele beldroegas do Fabião, que é atrevido de sobra.

O sobrinho Zé rosnavava :
— Deixe-o por minha conta...
— Siga a reza! — Comandava o velho.
— «...nos dai hoje neste dia, perdoai-nos,
senhor as nossas dívidas...»

Depois da reza ficavam muito tempo ao borralho — marcando serviços, combinando coisas; ou a marrocar, cabeceando vénias.

Depois deitavam-se.

Deitavam-se!

Uns dormiam nas manjadouras, acariciados pelo tépido bafejo dos bois, ou sob elas, entre os merouços de bosta, que fermentava; outros na barra da palha, entre a quentura do côlmo; amodorrava, este, nos arrestalhos agressivos das vagens sêcas; aquele na furna da barrela centeira...

No verão, quando chegavam as cálidas calmarias, ficavam, por onde adregava — ao Deus-dará; no solão da eira, entre duros carunhos; no mato curtido do quinteiro, sobre o estrume das rolheiras; entre as mêdas de maíz, ou no palheiro sarnento do azevém...

Não tinham camas, nem careciam delas. Tudo lhes servia, como a animais bravios — a quem o convívio da civilização, cerceando liberdades, causava tonturas de mal-estar.

Vestiam-se da grosseira catrapeanha fabricada nos teares da terra, como os seus vizinhos castelejos, que, do outro lado do rio, formam uma

tribu à parte — tal a diversidade de usos e costumes e características raciais, que se denotam entre êles e os povos das cercanias.

São homens dum *fâcies* invulgar, em cujas linhas se adivinham as ancestralidades primitivas do homem das cavernas. De avantajada corpulência e grande força, destemidos e audazes, são, contudo, brancos de espírito e grosseiros de maneiras.

Não são tão hospitaleiros como o comum dos minhotos; mas, ainda assim, sociáveis, bons vizinhos.

Dessas terras serranas dalem Neiva, uma bôa centena de anos antes, para aquem-rio deviam ter passado, uns remotos Lamosos, que aqui se vieram estabelecer e de que estes são descendentes — sem terem perdido as características raciais, nem se terem abastardado nas taras herdadas...

Muitos anos depois — já os filhos de Francisco se tinham livrado nas sortes, mercê das peitas que, por intermédio do reitor, correram para Viana — Zé Lamoso zangou-se, de vez, com toda a germindade e com os sobrinhos, e foi viver para a sua casa na Quinta Velha ali, à ilhargá do monte, entre sombrios pinhais, e que êle havia mercado, anos antes, a um arruinado fidalgo de Viana.

Uma questão simples de partilha — dizia-se — fôra a causa da zangação. Mas havia a suspeita de que o velho, em seródios amores com uma cola-

reja do lugar, pudesse ser levado a casar e deserdar os sobrinhos. Talvez mais esta, que outra, fosse origem da desavença.

De modo que viviam em rixas constantes — Lamosos de baixo, com Lamoso de cima, — hoje por causa duma água de tornadio, amanhã por míngua duma treita, corte de talhadoiro, ou serventia de prédio.

Mausinhos aqueles Lamosos novos!

O próprio Fabião, que era a massa da valentia, temia-os por suas traições e maninganças.

Alto lá! De frente podiam vir todos á uma: duas voltas ao marmeleiro ou um sarilho em cruz — e aí iam êles, em debandada, de pé alceiro e calcanhares a bater...

Logo após o aparecimento do cadáver, e requisitada a justiça, verificaram-se requintes duma malvadez — que só sicários, só bandidos, afeitos aos alagoeiros de sangue, seriam capazes de praticar.

O pobre velho tinha a cabeça escaqueirada — tantos eram os golpes; e o corpo amolgado de pisaduras.

Veio depois a autópsia a constatar mais, que os criminosos, num requinte de perversão sádica, tinham esmagado os testículos ao infeliz, assim como quem receasse que, de amores seródios, na vizinhança dos setenta, se pudesse ainda gerer descendência, que viesse a tolher interesses de outrem...

Aquela merujenta manhã de janeiro, que

sucedida a uma noitada de temporal desfeito, estava bem talhada para cenário de tragédia.

Que tremedal, santo Deus! — Foi uma vigília pegada, em requerimentos a San-Jerónimo e Santa-Bárbara, para que levasse a trovoada para longe, para

« onde não houvesse palha, nem grão,
nem alminha de cristão »

Em todos os oratórios ardiam as velas, benzidas pela festa da Senhora das Candeias. No rescaldo das lareiras, o canhoto da noite santa de Natal, era posto a remoer; e pinhas mansas, debulhadas, ardiam em pira.

Não obstante os trovões abalavam, ainda, as entranhas da terra, que estremecia; e as faíscas e relâmpagos esfusiavam em todos os sentidos: o ceu era um mar de fogo!

Dir-se-ia o fim do mundo. As crianças, estreitadas, choravam; uivavam cães; os gados mugiam. E de casa para casa, apesar do estrondear constante dos trovões, ouviam-se as rezas, gemidos em clamôr:

— Misericórdia, Senhor!

— Misericórdia!...

— San-Jerónimo! — Santa Bárbara!...

Até as arvores pareciam possuídas de terror, gemendo vergastadas pelo vendaval, que soprava de rijo, no carrêjo constante de nuvens, prenes de água. Ia tudo de mar-a-monte, num alagoeiro.

De quebrada-em-quebrada, e pelas andurri-nhas, socavadas na encosta, desciam os enxurros,

rugidores, arrastando lenhas, tombando calhaus;
e o granizo apedrejava a telha vá dos cardenhos.

· · · · ·
E foi assim, numa noite destas, que mata-
ram o Zé Lamoso!

X

A notícia correu célere como sempre acontece com as más-novas.

De casa em casa, de lugar para lugar, por toda essa longa corda de aldeias e vilares, outra coisa se não ouvia :

— Homem morto ! homem morto !

E no semblante daquela boa gente, via-se estampado o terror e a piedade.

— Meu Deus, que desgraça !

Como sempre sucede, iam-se aventando hipóteses — quem seria, quem não seria — ciciando nomes, discutindo-se probabilidades, cotejando antigas desavenças...

— Seria êste ?

— Seria aquele ?

E apontavam-se nomes, quási ao ouvido, agora um, logo outro.

Não se sabe bem como, por meia tarde começou, com certa insistência, a correr um nome :

— O Fabião !

— Quem tal diria ! Um rapaz tão bem comportado, de tão bom juizo...

— Não ! não póde ser.

Mas os próprios Lamosos tinham desconfianças. Questões de águas... O velho ia muitas vezes, de noite, limar à Malveira. Fabião também... Compreendiam ?

E na venda do ti'João d'Eira, o Carlos da Torre, que não perdoava ao engeitado a tarefa que apanhou, esclarecia :

— Posso quási afirmar ; foi êle !

E espalmava a mão no peito, com convicção.

— Ora, ora, senhor morgado...

Não acreditavam. O rapaz era extremamente simpático. Carlos mentia :

— Foi êle. Dou um juramento de alma...

A' boca da noite, pelos adjuntos, já corria a galga :

— Ouve cá ! sabes quem matou o ti'Zé Lamoso ?

— Já sei, já sei ; foi o criado do Lagar.

— Grande ladrão ! Aquilo, por força que é filho de cigano — dêsses que até comem gente...

— Pois isso...

— Quem havia de dizer... Parecia um santinho de pau carunchoso.

— Porque o mataria ?

— Para roubar, pois para que mais ? Queria arranjar dote para casar com a Clarinha...

Havia nestas palavras segunda intenção.

O Zé Lamoso, sobrinho da victima, insinuára isso à justiça. Dias antes, alguém vira o Fabião rondar a casa do morto, já mal se enxergava luz-de-dia...

Mas havia gente que não acreditava.

- Quê-quê, ho! O moço do Lagar! Na...
E abanavam a cabeça, descrentes.
— E' como digo. Até o fidalgo da Torre o disse...
— Ora, ora! — êsse é por despeito.
Deixa lá! Quando as pegas gazeiam...
— Hun! hun!...
— Pois ficarás a saber mais outra novidade :
até tinham o casamento tratado...
— !

Na manhã do dia seguinte, João do Lagar recebia a visita matutina do Carlinhos, que, muito reservado, um sorriso sardónico a encobertalhar-lhe o ódio, o vinha prevenir do que corria na aldeia e até a justiça sabia :

- O seu criado foi o matador do Zé Lamoso !
— Anh! — fez o lavrador arreguilando os olhos.
— E' verdade, sr. João.
— Como? O rapaz sem sair de casa... E' moço bondadoso, nada atreito a maldades...
— Fie-se nisso : toda a gente o diz assassino...
— Hom'esta! Dialho!...
E o atarantado lavrador não atinava com o que havia de dizer :
— Hom'esta! E com que fim?
— Ora nem vocemecê o sabe! Para o roubar, para arranjar dote...
Disse isto intencionalmente, prescrutando o abastado proprietário.

— Dote? Para quê?

Teve um sorriso amarelo, um sorriso de diabo mau:

— Para casar com a sua filha!

— Anh! que diz você?

— Isto...

— Ah! seu...

E João do Lagar lançou mão da tranca do portal, em gesto ameaçador:

— O senhor é um maroto, que não tem respeito nenhum pela honra.

— Um fidalgo, como eu, não mente! E fique, então, sabendo o resto. Tenho a fazer-lhe uma segunda denúncia: Sua filha recusa-me a sua mão de esposa, como a recusou ao doutor Abilio — sabe porque? Porque é a amante do assassino!...

E Carlos, o infame fidalguelho, mentiroso e aldravão, voltou costas, deixando o pobre João do Lagar imerso em profunda dor.

Não porque acreditasse... No mariola, quem falava era o ciume. Mas logo uma dúvida se apoderou d'ele; seria verdade? O rapaz ter-lhe-ia conspurcado a filha?

Aprensivo, João do Lagar, subiu acima, á cozinha. Que fazer? Ele via bem que, naquilo tudo, andavam muitos zêlos de namorado. A rapariga era ajuizada, nada leve da cabeça. Mas acaso gostaria do engeitado? Nunca tal percebera. No entanto começou a dúvida a lavrar: diabo: o lume á beira da estopa... Quanto ao rapaz — nem por sombras acreditava, que fosse o assassino do Lamôso.

A Bica andava, como sempre, numa doba-douira, para traz, para diante, arrumando louças, migando hortaliça; agora temperando a comida, logo pondo a mesa.

Entre patrão e criado a confiança era pouca. Estimavam-se, de-veras, mas pouco se falavam: apenas as palavras precisas.

João do Lagar sentou-se na preguiceira, muito absorto e estendeu os pés para o brasido. Fora a nebrina delimitava tudo em curto raio. Perguntou:

— Que é da Clara?

A tia Bica tinha a mania de demorar as respostas, uns segundos e falava sempre com sobran-ceria.

— Sei lá! Ela como faz o que quiere...

— Pois isso tem de acabar. E o môço?

Nova pausa e desta vez mais demorada:

— Ha de andar lá p'ra horta, a podilhar...

— A podilhar o quê?

— O viveiro.

— E então a rapariga? — perguntou mal humo-rado. — Que é da rapariga?

Tia Bica teve um gesto arrenegado. Depois chegou-se á varanda e berregou:

— O' Clara! Clara!...

Da horta veio uma voz cristalina:

— Hu! Lá vou!

João do Lagar levantou-se de supetão:

— Mau! mau!

E caminhou para a horta.

Merujava de leve. O mar ressoava alto, pre-núncio de maior tempestade. Das arvores despi-das pendiam gôtas de água, que caíam de manso

e de pronto se formavam outras. Parece que todas as arvores, daquele pomar, choravam desditas inanimadas... E daí — talvez fosse pudor de sua nudez, saudades da primavera, que tardava em vesti-las.

João do Lagar encostou-se ás medas, sem ser visto. Pôs-se á coca. Verificou que, logo adiante, junto ao tanque, Clara e Fabião, muito chegados, falazavam, riam alto.

Era então verdade?

— Meu Deus!

O rico lavrador sentiu tonturas. Ainda ouviu dizer á moça, que se retirava:

— Olha moço! tudo póde ser!

O que é que póde ser? O rapaz repostava:

— Ah! cachopa! Só queria ser rico...

E num galanteio, atirou-lhe um beijo na ponta dos dêdos

Banzado com o que via — acreditando verdadeiras as palavras do da Torre, uma onda de furôr passou pela mente do tio Lagar:

— Que cães! Que vergonha!

Ia arremeter contra êles, dizer-lhes coisas injuriosas, pôr ao léu o seu pecado, quando reparou que, uns homens desconhecidos, irrompendo de diversos pontos, se dirigiram para onde estava o Fabião. Ai! ai! que eram os da justiça!

E pela mente do lavrador, agora mais trans-tornada pelo que pressentira de verdadeiro na denúncia do fidalgo, passou uma ideia má, uma

ideia que a seu intimo, naturalmente bondoso, depois repugnou:

— Prendam! prendam esse ladrão!

Clara parou atónita, sem compreender.

— Que é senhor pai? Santo nome! Voce-mecê que tem?

— Que tenho, grande zoina? Esses homens t'ó dirão.

Quando lhe disseram ao que vinham, o rapaz inconsciente do perigo, inocente como estava, pôs-se a rir; mas Clara corou mais ainda.

Que é que êles diziam? Que se preparasse, que tinha de os acompanhar á vila? Para que? Por ter morto um homem?!

— Raios parta o diabo! Quando matei eu esse homem? Isso nem a mangar, hein! Leva já mil diabos um, se torna a repetir isso. Tento!... Eu vou lá, ao juiz, porque — quem não deve não teme. De contrário ia aqui tudo razo...

O meirinho chamou-o á realidade:

— Tiosinho! olhe que você está preso. Deixe-se de cantigas.

— Quê? — fez o Fabião franzindo o sobrece-nho e abrindo e fechando as mãos em flexividades nervosas.

Clara, chamava-o á ponderação:

— Tem juizo, rapaz! Quem não deve não teme.

Mas Fabião exaltava-se:

— Prégio com um dentro do tanque, é o que é...

— Einh! — fez o citó-citó — apontando-lhe um revolver.

Com espantosa agilidade e força, o homem da justiça sentiu-se derrubado. O braço, como se recebera a pancada dum mangual, ficou a bamboar e o revólver caído, adiante, entre as roseiras.

Longe de acudir — isso sim! — os outros dois contiveram-se em respeito e a distância.

— Safa!

O pobre Sacarda contorcia-se em dores, e experimentava o braço dormente da contusão. Verificando não haver fractura, começou a procurar a arma, caída entre as roseiras. Teve um olhar de censura para os colegas:

— Vocês não são homens, nem são nada...

Fabião, acalmado, acudiu, sereno, quasi humilde:

— Ó sr. ! desculpe. Vi a arma virada para mim e perdi a cabeça. Se o magoei, desculpe-me.

E, sempre despreocupado, disse aos homens que se ia vestir e que ia lá a perguntas ao juiz. Nenhum se atreveu a segui-lo; todos esperaram, da sua lealdade, que não fugiria; e, com efeito, não fugiu.

Nessa tarde no tribunal protestou a sua inocência, garantiu que era um pobre, honrado; e que tudo aquilo eram maquinações de algum maroto. Mas quem eram os seus inimigos? Os seus inimigos! Então elle tinha lá inimigos!...

Horas depois, já noite fechada, na prisão, o infeliz rapaz chorava as suas desditas, arrependia-se de não ter fugido.

Ah! como a sua alma se sentia vexada e compungida! Que mal tinha êle feito aos homens, para o prenderem e acusarem de ter roubado e morto o Zé Lamoso — um avarento que se dizia ter, debaixo do telho-do-lár, dois contos de reis, em peças!

Que pensaria a Clarinha? Que diria o seu velho amo? Que comentários fariam, na aldeia, a seu respeito? E chorou, chorou, até ao dealbar. Quando o carcereiro entrou, foi encontra-lo de bruços, sobre as lages da enxovia, soluçando, gemendo como uma criança.

E que pensaria a Clarinha! Coitada! Num desespero torturante, lamentou profundamente tal incidente, mas a sua cândida alma, irmã gémea da do pobre moço, não podia admitir que a justiça condenasse um inocente. O mais tardar no dia seguinte, êle viria ficar a casa. E então ilibado de toda a culpa, ela pediria ao pai que consentisse no casamento...

Mal êste pensamento aflorava, logo pela cozinha, num repelão, entrou o velho Lagar, os olhos injectados de ira:

— Que é isto aqui? Quem chora?

E atrás destas perguntas rispidas, saíram impropérios, alusões infamantes: «sua bebida, amancebada, coia, zoina...»

— Cruzes, senhor pai! Que é isso!?

— Ponha-se-me daqui fóra!

A velha criada — a tia Bica, veio de lá com um roscadoiro do forno e disse ao enfurecido pai:

— Ouves! Se bates na rapariga!...

A ameaça ficou suspensa; mas aquela criada estava na casa, ia por trinta anos e conquistara fóros de pessoa de família, já se lhe admitia tudo. Naquele momento, porem, João do Lagar não atendia a nada:

— Gire! Olho da rua! Vá ajuda-lo a comer o roubo; vá lavar-lhe a roupa, tinta do sangue do velho.

Clara, num choro convulso, foi refugiar-se ao quarto. Que tortura! Durante dois dias não comeu, nem bebeu e não fez mais que chorar, chorar muito! Pobre criança! Então que culpa tinha ela em tudo isso! O Fabião era criminoso? Que tinha isso de inodoante para si e para a sua honra? Se lhe dissera um dia, a rir, que casava com êle, é porque o julgava honesto.

Honesto!...

Logo de dentro, dum escaninho da alma, veio, sorrateira, empoleirar-se-lhe no pensamento, esta ideia: se acaso não andaria ali, manobra do da Torre ou do sobrinho da vítima.

Podia lá ser! Ela conhecia bem quanto era grande e boa a alma do infortunado rapaz: nem matava, nem roubava...

No dia seguinte preparou-se para ir, sem o pai saber, falar aos homens da justiça e dizer-lhes bem alto:

— O pobre moço está inocente! Isso é tudo enredilho do da Torre.

E foi. Mas a justiça nem sempre está de boas relações com a moral e o seu depoimento, por demasiado apaixonado, resultaria improfícuo,

se um caso imprevisto, não viesse abrir novo caminho á justiça,

Ah! mas esta mulher foi duma abnegação!

— Sr. dr. juiz! Esse pobre moço está inocente!

— Porquê?

— Conheço-o. Sei quanto é generoso e bom.

— Isso nada prova. Uma hora faltosa tudo explica...

— Na noite do crime Fabião não saiu de casa.

— Prova-se o contrário. Quere vêr?

E começou a ler um depoimento.

Era um sevandija da casa dos da Torre, que afirmava ter visto, ao lusco fusco, o Fabião rondar as cercanias das Malveiras, onde se cometera ou se presumia ter sido cometido, o crime.

— Impossível! Nesse dia e a essa hora, devia Fabião estar próximo de Esposende, onde tinha ido com o carro dos bois. O pegurêlho do gado acompanhou-o sempre.

O juiz desanuveou um pouco a face:

— Bom; vai ser ouvido o rapaz. Mas ha mais: O sobrinho da vítima, José Lamoso, garante que, numa das noites anteriores, o seu criado rondára a casa do morto...

— Em que noite?

— Da terça para a quarta.

— A que horas?

— A's cinco da tarde, «mal se enxergava luz de dia», diz o depoente.

— E' falso. Da nossa casa, à do velho Lamoso, é mais de um quilómetro. Fabião, como

de costume, ajudou a môça da cozinha a fazer a fornada. A essa hora devíamos de estar a cear.

E, com uma pontinha de curiosidade, Clarinha quis saber o que fazia por lá, a essa hora, o sobrinho da vítima... Se êles andavam tão de rinha...

O juiz não sabia:

— Ha de averiguar-se. Continuemos. Doutros depoimentos e das declarações dos irmãos e sobrinhos do morto, depreende-se que houve muitas vezes contenda entre o seu criado e a vítima.

— Talvez! O velho era questioneiro e rinhento...

— Fabião partiu-lhe um dia a enxada...

— Não é verdade!

— Deitou o velho na água do rêgo...

— Santo nome de Deus! Na nossa aldeia toda a gente sabe quem cometeu semelhante arbitrariedade: foi o sobrinho, o José. O velho, mesmo, o contou a meu pai.

— Mas passa por valente, jogador de pau...

— E' homem!

— Espancou um dia o sr. Carlos da Torre...

— Defendia a propriedade da seus patrões.

O sr. Carlos da Torre que fazia dentro do meu eirado, às onze horas da noite?

— A menina suspeita de suas intenções?

— Bastante.

— Não se trata dum ladrão, por certo.

— Talvez.

— Que diz? A Clarinha está transviada do juízo?

— Não estou. Esse homem é pior que um ladrão. E' êle a alma danada disto tudo. E' o conselheiro e protector dos Lamosos. Os da Torre estão arruinados, devem tudo quanto possuem. Andam esgalfados por dinheiro. O velho passava por ter muitos haveres aferrolhados. Sei que os da Torre lhe deviam muito...

— Meu Deus! A menina está louca! Isso é uma insinuação torpe; não posso aceita-la.

Clarinha quedou-se, quebrada de ânimo,
O juiz, de sobrecenho carregado, atemorizava-a.

Mas a breve trecho adquiria serenidade.

— Peço perdão, sr. juiz, mas no nosso lugar toda a gente murmura um nome, como sendo o do autor do crime.

— Quem?

— O do sobrinho José.

— O sobrinho... Por que diz isso? Para defender o seu criado? Desengane-se, menina: todas as probabilidades do crime, recaem sobre Fabião Exposto. É êle o criminoso, não restam dúvidas à justiça.

Clarinha levantou-se. E numa agitação nervosa, os lindos olhos a chisparem fogo, o fogo sagrado da indignação, bradou:

— Mente!

Santo nome de Deus! Clarinha estava fora de si! Para onde fôra a sua serenidade, o seu apregoado bom-senso?

Impertigou-se o juiz, ofendido na sua dignidade. Mas a ousadia da linda rapariga, aparentemente, não o irritou. Mostrou até mais serenidade e

um falso sorriso lhe aflorou aos lábios. Perguntou com simulada bonhomia, num sorriso sarcasta :

— Então minto? Porquê?

Um grande drama se passava na cândida alma de Clarinha.

A excelente rapariga, conscia da inocência de Fabião, apostava-se em salva-lo. Queria-lhe agora mais do que nunca. Esgotara todos os recursos. Teimosamente, o juiz, fugia de a acreditar. Por quê? Estaria aquele homem, tão distinto, tão bondoso, na aparência, a julgar de boa fé? Acaso os Lamosos, por intermédio do da Torre, o teriam peitado? Parecia-lhe impossível que coisas tão claras, como as que ela apresentava, não fossem bastante para elucidamente da justiça.

Teve uma ideia. Sem medir suas consequências, Clarinha, com um brilho de febre nos lindos olhos, fitou de frente o juiz, para lhe repetir, com decisão, do alto duma tranquilidade que não tinha :

— Mente! Na noite em que foi morto o pobre José Lamoso, Fabião não podia ter cometido o crime.

— Por quê?

Fez-se uma pausa. A's faces da bela e intemerata rapariga, subiu um maior rubor — toda ela tremia, como vime tocado de violenta aragem. Murmurou, depois, a medo, quasi num desfalecimento amparando-se á mesa :

— Não foi êle... sei que não foi...

— Por quê? — voltou a insistir o magistrado,

com secura, mal acreditando até onde queria chegar a boa rapariga.

Fechou os olhos, como para não ver toda a fealdade da sua mentira :

— Esteve toda a noite... comigo!...

E deixou-se cair na cadeira, perdida de forças — um grande sentimento de pudor velando-lhe as faces...

Quedou em pasmo o juiz.

Clarinha mentia. Sacrificava a sua honra, para salvar um inocente. O magistrado admirando o tremendo sacrifício e o ousado gesto da excelente rapariga, acercou-se dela; sua fronte tomou um aspecto de censura e severidade :

— Menina! Veja o que diz! São muito graves, para a sua honra, essas palavras. A Clarinha póde, é certo, salvar o indigitado criminoso, mas culpa-se a si e por uma forma que a desonesta para sempre. Estou convencido que não fala verdade. Alem disso entrava o bom andamento da justiça — quer desvia-la do recto caminho e isso é tambem um crime.

Como repreção dum éco longínquo, Clarinha, de olhos baixos, voz sumida, respondeu :

— Passou toda a noite... comigo!...

Despedia-a, o juiz, apertando-lhe a mão, comovido, admirando a grandeza de seu gesto e sacrificio, quando o escrivão appareceu, apresentando um môço, com aspecto de operário rural :

— Sr. dr.! Este homem tem importantes revelações a fazer. Diz que presenciou o crime e

assevera que, o verdadeiro criminoso, anda ainda em liberdade.

Riram-se os olhos de Clarinha :

— Vê, sr. juiz, que não menti...

O magistrado teve um sorriso terno; e despedindo-a disse-lhe quási ao ouvido :

— Mentiu... mentiu, Clarinha...

Depois pôs-se a analisar o novo personagem. Tinha seus vinte e poucos anos, tipo incaracterístico, mas denotando argúcia e certo desembaraço. Declarou chamar-se José Rôlo e ser pedreiro.

— Diga o que sabe.

Então o operário, olhando intencionalmente Clarinha, que se retirava, começou :

— Pode mandar embora êsse pobre rapaz, que está bem inocente. Conheço-o ha muitos anos : êle era incapaz duma assim.

Depois, mais senhor de si, continuou :

— Vi tudo, senhor juiz. O pobre Zé Lamoso não foi morto, ali á beira das Malveiras. Não, senhor ! Tiraram-lhe a vida, á sacholada, lá riba, muito longe, debaixo das carvalheiras de San-Pelágio, já mal se enxergava luz de dia... Inda tremo de pavor com o que vi... Meu Deus ! que carniceiros...

O juiz interrompeu :

— Não chovia e trovejava nessa altura ?

— Caía bruega morrinhenta — desta chuvinha de molha-parvos. A trovoada não levou um credo... Até parece que foi castigo do ceu...

— Onde estava o senhor ?

A testemunha pareceu indecisa, por ventura

no receio de que a indicação do local, o puzesse, também, a contas com a justiça. Por fim disse:

— Estava á beira... a menos de vinte varas.

— Podia, então, ter obstado ao crime: porque o não fez.

— Se me vissem... matavam-me.

— Quem é então o criminoso?

Nova indecisão, desta vez mais prolongada. Depois balbuciou, mal se fazendo ouvir, olhos pregados nos sócos:

— Eram dois.

— Diga: não tenha receio.

— Matam-me, sr. juiz. Só eu vi, e êles matam-me...

— Diga, homemzinho, diga!

O magistrado impacientava-se. Repreguntou, a dar tempo:

— Em que sitio estava o senhor?

José Rôlo enclavinhava as mãos, fechava os olhos. Por fim resolveu-se:

— Em cima da carvalheira, a cortar uns cabos para picos. Se largasse as mãos, cairia sobre êles...

— Quem foram então os assassinos? Vamos: diga!

Decidiu-se:

— Os sobrinhos...

O juiz vincou a fronte:

Os sobrinhos? Quais deles?

— O Zé e o Manuel.

O juiz começou a desconfiar da veracidade das afirmações do Rôlo. Não haveria entendimentos, entre êle e a Clarinha? Mas o rapaz falava

com certa ingenuidade e convicção. Seria então verdade? Voltou o juiz a adverti-lo:

— Essas informações são muito graves, e de grande responsabilidade. Se o seu fim é libertar o engeitado, mancomunado com essa menina, que daqui saiu agora, o senhor e ela envolvem-se num grave crime — qual é o de desviar a justiça do recto caminho. Cautela! Veja o que faz...

— Foram êles! senhor — juiz garantiu o rapaz, melindrado por o julgarem mentiroso. — Com estes que a terra ha de comer — eu vi!

Levantando-se e com energia:

— Vi! vi! vi!... E os velhos e os outros irmãos tambem ajudaram...

.

Fabião foi restituído à liberdade, quatro ou cinco dias depois da sua prisão. Parecia outro!

Emagrecera, estava pálido como um morto e uma nuvem de melancolia se lhe estampava no semblante.

Soube, pelo carcereiro, da indignação de João do Lagar. Receou que Clarinha estivesse tambem agastada, horrorisada pela imputação de facínora, que lhe quiseram atribuir.

Suporem o excelente rapaz, susceptível de cometer um crime tão nefando! Que tortura para a sua sensibilidade!

— Não volto mais áquela boa terra. Tenho vergonha de aparecer diante de gente...

Esperou a noite; procurou esconsos caminhos e dirigiu-se para a aldeia, para casa da

vizinha Rosa, comadre de Clarinha. Ia na intenção de lhe pedir, que lhe fosse buscar as roupas e algum dinheiro das soldadas. Fugiria para o Brasil. As suas economias dariam para isso. Fugir! Abandonar, talvez para sempre, a linda aldeia, aquela boa família, que fôra, a bem dizer, a sua, e os amigos!... Não ver mais Clarinha — a boa-fada! Paciência! Para sua salvação e tranquillidade dum lar — era urgente que partisse. Iria, pois, mesmo sem tornar a ver seus amos, sem contemplar a formosura sem par da esbelta moça, que o perdia de amores desesperançados.

A voz tremia-lhe. Começou a chorar — bagadas a cair umas sobre outras, como o estilicídio duma fonte, ao desabrochar.

Mas quando a comadre Rosa, animando-o, contava as boas disposições de Clarinha — sua fronte se alegrou, rejuvenesceu :

— O' tia Rosa! Mas isso é verdade? Ela não me odeia? não me quererá mal? Isto é uma vergonha, mas eu não tive culpa, tia Rosa.

— O' rapaz! antes pelo contrário. Ela tem-te uma amizade de irmão. Estou em dizer que, se não fosse a tua condição, até casava contigo!... Assim, não: bem vez que não póde sêr...

Depois, em confidência :

— Mas sabes? Disseram ao compadre velho, que tu te atrevias a levantar os olhos para a comadrinha. Ai rapaz! o que aí tem sido!...

— E' mentira, tia Rosa! Gosto muito dela, porque é um anjo, é uma santa. Mais nada... nem podia ser mais nada, tia Rosa.

É num desalento :

— Santo Deus! isso devem ser intrigas daquele da Torre e desses malvados dos Lamosos, que cometeram o crime e me botaram a culpa! Deus não dorme, tia Rosa, Deus é justo e bom...

— Pois sim, mas o compadre João está furioso, nem te quer vêr...

Quedou esmorecido, esmagado pela tortura íntima que aquelas palavras lhe provocaram. Teria de partir e quanto antes... Seu amo, que tinha sido como um pai, escorraçava-o, como quem xota um cão vadio!

Que vontade êle teve de morrer:

— Porque me não torceram o pescoço quando nasci? Não serei eu filho dum crime? Andarei a espia-lo?

E com resignação:

— Seja feita a vontade do Senhor.

E saiu, pela noite alta, a vaguear, perdido ao Deus-dará, numa inconsciência, meio enlouquecido. Chorava de saudades, despedindo-se das arvores, das fontes, das propriedades da casa, de todos os lugares que lhe traziam recordações:

— Adeus! adeus!...

Por andurriais e impérvios assim correu campos e montes, como uma sombra, como um duende.

Por duas ou três vezes, veio dar, sem saber como, em frente ao portal do João do Lagar. Por fim, perdido de forças, sentou-se no poial, acotu-

nhado — os cotovelos fincados sobre os joelhos, o mento nas palmas das mãos. — E chorou, chorou toda a sua saudade.

Chuviscava: enxarcou-se até aos ossos — nem sequer deu por isso.

Ao dealbar, quando já os sinos tocavam para a missa, levantou-se, disse um último adeus áquilo tudo, e esgueirou-se, por esconsa cansada, para o barrêlo da comadre Rosa e ali aguardou o dia à espera de suas roupas e do dinheiro que tinha na mão do amo.

XI

D. Fábria d'Argemil — senhora de rara formosura, tivera, na sua mocidade, uma fraqueza.

Educada no convento, longe da vista do pai — pois sua mãe morrera, tinha ela sete anos — é certo que tivera uma educação esmerada, mas pouco prática. Aos dezoito anos regressava á casa paterna e seu pai entregava-lhe a administração domestica.

Aos dezoito anos, na cândida idade das ilusões e do amor — como é perigoso deixar as jovens entregues á sua discrição! É então, quando elas são, como esta, dotadas de temperamento romântico, não há só o risco do perigo: é a verdadeira catástrofe. Foi o que succedeu,

Seu primo D. Mateus d'Aguiar, fidalgo espadachim, que se arruinara, mercê de suas estroinices e façanhas, entontecera-a com o filtro mágico de seus galanteios — perdera-a de amores.

D. Antão, pai de Fábria, desperdiçava grande parte do tempo nas contendias politicas e nas luctas civís, então no seu auge, — quando não era em viagens e caçadas. Assim descurava desastramente

damente o complemento da educação da filha e deixava correr tudo ao Deus-dará.

Inda assim pôs-lhe de guarda sua velha ama, Marta Gomes — uma sábia mulher da ribeira Cávado, que a criara e estimava como filha.

D. Antão, arrebatado e impulsivo, era rude em seus dizeres, mas dotado de bom coração. Antes de sair, tinha invariavelmente uma recomendação a fazer:

— Entendes, ó Marta? Ficas-me de guarda á pequena e não descuras o governo da casa. Quando eu vier quero ver tudo em ordem. Entendes ó Marta?

— Vá, vá na graça do Senhor.

Entrementes os atrevimentos de D. Mateus passaram alem do tolerável, e a bela Fábria — tremendo de susto, corrida de vergonha, receando a cólera do pai e dos irmãos — confidenciou-lhe, um dia, que iria ser mãe. Teve, porem, artes de se disfarçar e encobrir sua falta — quasi até à hora crítica, em que se viu forçada a confessar tudo a Marta.

A boa mulher caiu em pasmo, enclavinhou as mãos:

— Meu Deus! que desgraça!

Mas era decidida; e para grandes males grandes remédios...

Por causa das lutas politicas, desencadea-se a guerra civil; e D. Mateus e D. Antão, encontrando-se em campos adversos, cortaram relações.

E' certo que o morgado de Aguiar amava apaixonadamente a bela filha do senhor de Argemil. Mas, carácter duro, espírito volúvel e eivado de sectarismo, achou oportunidade em vingar-se de D. Antão, esquecendo-se da filha.

Desfazia-se em lágrimas a pobre Fábria, ao saber-se abandonada, para mais em tão adiantado estado de gravidez.

A última carta do espadachim, datada do Porto, dizia: «Não posso ir ver-te, como seria meu desejo e não sei mesmo quando poderá ser. Teu pai negou-me a tua mão. Não o contrariei. Mais tarde, finda a guerra, casarei contigo, a bem ou a mal».

Quando recebeu esta carta, teve também noticia de que o bulhento e atrevido moço, tinha morrido, com uma bala na cabeça, momentos depois de ter entregue a carta a um correio.

Fábria ia ser mãe.

Dois meses havia que seu pae e irmãos não vinham a casa — de tão envolvidos que andavam na contenda.

— Meu Deus! que será de mim? — gemia a triste.

E considerava-se viuva antes de casar. E via-se já com um filho no regaço...

E nos braços da velha Marta, sua amiga e única confidente, chorou sua grande desgraça.

— Ama! minha querida Marta! E' então

verdade? O pobre anjinho veio ao mundo sem vida?

— Veio, filha, veio...

— Tu não falas verdade...

— Falo, sim, falo...

E Marta aconchegava-lhe a roupa, confidenciava:

— Foi até uma felicidade...

— Porque m'ó não mostraste? Queria vê-lo...

— Cale-se, menina. Não se fala mais nisso.

Seu pai, dentro de breves dias, regressa. E' mester que ninguem suspeite do que se passou.

E acariciando-a com ternura:

— Ainda lhe botei água. Na madrugada, o velho João, que é de confiança, foi enterra-lo no adro.

Fábia fechava os olhos num desalento:

— Morro, meu Deus! Tudo isto é o castigo da minha falta...

Bem sabia Marta a quem confiava o segredo. João Penteado estava na casa ha mais de quarenta anos e era um destes criados, de velhos tempos, que se afeiçoavam à casa e às pessoas, como um animal doméstico. Ao ter conhecimento da nódoa que caíra sobre a «sua menina» — compungiu-se, chorou.

Conhecedores do génio exaltado dos fidalgos e receando uma maior desgraça — os dois dedicados serviçais planejaram, e levaram a efeito uma conjura: — esconder tão grave falta aos olhos prescrutadores do pai e irmãos de Fábia.

João Penteado pensou em leva-la à roda. Mas Marta achou preferível que, longe dali, se procurasse uma ama, a quem entregar a criança.

Depois de muitos anos de ausência João Penteado voltou um dia à sua aldeia, a visitar os poucos parentes que por lá teria. Já não conhecia muita daquela gente nova. Indagou, coscovi-lhando — quem é este, quem é aquela... E assim veio a saber que o João de Nazaret, era cabo de esquadra das ordenanças; que o Roque tinha dois filhos na guerra e que a filha — a quem chamavam a Roca, se tinha «namorado» do filho de Bento Gonçalves, que também andava nas milícias...

— Tem então uma criança? Que idade tem?

— Ora! nascida ha dois, dias e não durará outros dois, de tão enfezadinha e enchousida que é...

Oito dias depois, soube-se em toda a aldeia que, à porta da Roquinha — moça esbelta e sadia — tinha sido engeitada uma criança.

Meia noite dada. Bastas estrêlas no ceu; uns resquícos de luar. E nas balsas perfumadas, de louro e madresilva, rouxinóis em desafio... Batem, de leve, à porta do casebre e uma voz demudada, implora dolente, numa lamúria:

— Uma gotinha de leite, pelo divino amor de Deus, para um engeitadinho, que morre de fome e de frio!

A rapariga assusta-se. Sonha ou quê? Põe-se a cocar: Nada... Ouve depois ténues vagidos. Dum salto desce da cama, atíça a candeia e corre à porta.

Uma condessinha aberta e uma rechonchuda criança dentro, circundada de frescas roupas. Vê-se que aquilo vem de gente rica. Donde? Não se sabe; talvez não se saiba nunca!...

Toma o menino nos braços, beija-o como se fosse o seu, que regressasse:

— San-Lourenço! que lindo que é!

E dá-lhe logo seus peitos amoujados, que, ha dois dias, não tinham a quem dar leite. A criança mama com sofreguidão e ela sente-se aliviada, cheia de prazer. Ergue os olhos ao alto e diz:

— Como Deus é bom e misericordioso! Levou-me um anjinho para o ceu e logo me manda outro para o berço vasio...

Eis explicado como Fabião apareceu nesta aldeia e donde vinha...

XII

TATE! cá está! — disse o sr. tabelião Justiniano Esteves — um velho alegre, como uma manhã de primavera, lúcido espírito — um homem probo e perspicaz.

E cofiando a longa suiça, branca como espuma, o digno funcionário, soltou o seu estribilho de todos os momentos:

— Ora vai-te que, por franças e araganças, nunca pensei descortinar o paradeiro do bicho! Mas cá está!

Muito submisso, o seu amanuense, perguntou:

— Quem?

— O engeitado.

E pôs, ante os olhos do seu subordinado, a gazeta daquele dia, que rezava:

«Foi ontem posto em liberdade, por se ter provado a sua inocência, no caso da morte de José Lamôso, o moço de lavoura Fabião Exposto, solteiro de vinte anos. Trata-se dum excelente e honrado rapaz, arrastado até aos tribunais por baixa denúncia. O verdadeiro criminoso foi preso».

— Que diz a isto?

O tabelião-ajudante, muito acanhado encolhia os ombros, não sabia, não percebia, até onde seu amo queria chegar.

— Ora raciocinemos. O rapaz, que ha meses procuramos, deve ter hoje precisamente vinte anos. Por culpas de franças e araganças, e nanja nossas, não se lhe sabe o nome. Mas, se a mãe, se chama Fábria — porque se não ha-de chamar o filho Fabião?

O escrevente julgava de pouco peso o argumento, mas inclinava a cabeça aquiescendo.

No entanto, em solilóquio, o simpático velhinho insistia no raciocinio — o dedo especado na testa:

— Vinte anos!... Fabião!... Filho de Fábria!... Só por arte de franças e araganças é que isto não dará certo.

Estava nisto, quando parou na rua, em frente ao seu escritório, um belo carro puxado por soberba parelha de cavalos. Apeou-se um homem; era o feitor de Argemil. O velho tabelião apressou-se a vir cumprimenta-lo. Mas já D. Fábria descia, sorridente, ainda bela, apesar de quarentona.

— A que devo a honra...

Mas já a dama, atalhando, apresentava o jornal.

— Bravo, bravo! — exclamou radiante o excelente homem — Estamos todos de acordo. Ia precisamente requisitar um carro, para fazer as minhas indagações.

Durante muitos anos, Fábria acreditou que a

criança tivesse nascido morta. De tempos-a-tempos, em determinados dias, no pequenino adro, e em ponto certo, aparecia um lindo ramo de rosas brancas, sem jámais se saber quem lá o colocava. Acreditava-se na ternura duma mãe apaixonada, que chorasse um ente querido, ali sepulto.

João Penteado não revelára a Marta todo o mistério, nem cumprira todas as suas determinações.

Assim ela acreditava que a criança vivia a três léguas de distância na aldeia de San-Pelágio, sobre o Neiva. Não era certo. Na ânsia de apagar vestígios, o excelente homem nem de Marta confiava todo o segredo. Queria esta que, em memória do nome do pai, a criança se chamasse Mateus. João embirrava com tal nome; por coisas, não lhe era simpático. Mandara pôr o nome de Fabião. Lá sabia! Mas nunca isso revelara a Marta.

Um dia o pobre homem morreu de desastre. Um barrote esmagara-lhe a cabeça. Quando lhe acudiram estava moribundo. A Marta, que se achegara, inda pôde dizer:

— Mateus... não. Fabião.

A língua entaramelava-se: apenas perceberam as sílabas terminais — *teus... ão... bião...* E não ligaram áquilo importância de maior. Entretanto, no ánimo da governante, uma fôpa de luz aflorou, mortiça:

— Parece que falou em Mateus!... *Mateus... não!*

E convenceu-se que o velho João alguma coisa importante lhe quereria revelar, antes de morrer, a respeito do engeitadinho. Que seria? Ficou em aflições. Dentro de breves dias, ela mesmo, foi a San-Pelágio consultar os livros do baptismo. Ficou desapontada: não havia criança nenhuma, registada com o nome de Mateus.

Táte! Teve uma ideia! acaso armaria o velho em padrinho do engeitado e lhe daria o seu nome? Não teria êle querido dizer, na hora derradeira, que o pobrezinho se não chamava Mateus, mas João?

E voltou, de novo, ás pesquisas. Em vão: tudo foi infrutífero.

Anos depois — da nobre familia de Argemil apenas restava Fábía — Marta já muito velha, caiu de cama, agrilhoada pela paralisia. Sentindo chegar a sua última hora, chamou sua senhora e depois de vários rodeios e de verter muitas lágrimas, relatou toda a verdade e pediu perdão do engano que fizera. Havia cerca de vinte anos que guardava em si aquele segredo. Por mais que uma vez lho quizera revelar; mas um grande receio, e o melindre do caso, a impediam disso.

Fábía ficou perplexa! Mas então o seu filho, o filho que trouxera em seu seio, era vivo?

— Marta! ó Marta!... Varias: é a fébre que te entontece...

— Não, não...

Então aquela boa e excelente mulher, que fôra sua ama, trazia-a enganada vinte anos? Per-

doava-lhe a boa intenção. Mas, como mãe, mal o poderia fazer...

— Minha rica menina! Perdoe-me. E se o encontrar, se fôr ainda vivo, como creio, peça-lhe que me perdoe. Fui eu que o engeitei, que o fiz infeliz. Que toda a culpa, que todo o castigo do Senhor, caíam sôbre mim.

Fábia quis então pormenores. Tudo lhe relatou a velha Marta.

— E o nome? Como se chama o meu filho?

Mas Marta não sabia. Há dois anos que andava em pesquisas. Recomendára a João o nome do pai: — Mateus. Não havia por aquelas aldeias do norte, sobretudo em San-Pelágio nenhum engeitado, registado com êsse nome, nem com o de João.

Com efeito o velho criado tinha uma certa repulsa pelo nome de Mateus — porventura, por se lembrar do de Aguiar, que tinha infelicitado sua ama, para toda a vida.

Sem demora foi prevenido o tabelião. Alguns periódicos publicaram anúncios. Por sua vez D. Fábia mandou esquadriñar as aldeias, consultar os livros de assentos de baptisados e óbitos.

Tempo perdido

Foi então que appareceu nos jornais, o caso da morte de José Lamoso, para onde o pobre rapaz se viu empurrado, pelas nefandas denúncias de seus figadais inimigos, que se apostavam em perde-lo.

D. Fábia correu ao quarto da paralitica:

— Marta! Marta! Ouve esta noticia.

E leu.

— Bemdito e louvado seja o nome de Deus! E' êle, senhora, é êle. O nosso pobre João — em bom lugar êle esteja! — não quis o nome do pai para a criança: preferiu um, derivado do nome da mãe.

A excelente senhora enlouquecia de contentamento, tinha para a velha ternuras exageradas, beijava-a e abraçava-a.

— E' o meu filho!

Depois bruscamente caiu numa cadeira, soluçando.

— Meu Deus! A pobre criança acaba de sair duma prisão, por suspeitas dum crime. Tudo isto pelo abandono a que o votei. Ah! como o senhor tem sido inexorável, para a minha grande falta!

No dia seguinte, alta manhã, o velho tabelião e uma senhora de meia idade, ricamente vestida, apeavam-se dum carro, á porta do João do Lagar. Petaram á aldraba.

Foi mesmo a Clarinha quem veio abrir, já alegre e sorridente. D. Fábria pôs-se a contempla-la:

— Que linda rapariga! que beleza de linhas! E' uma estampa, um quadro de mestre...

O velho Justiniano, disse, gracejador e jovial:

— Quando V. Ex.^a acha isso, o que havemos de dizer nós, os homens?

Ia assestando a luneta, examinava a rapariga, como apreciador.

Deu um estalido com a língua:

— Louvores á divina providência! Não vi, ainda, mais bela moça!

Ouvindo o rodar do carro, João do Lagar appareceu no terreiro, ainda de sobrecenho anuviado, mal olhando a filha, que falava com a dama.

O tabelião perguntou:

— E' aqui que está, ou tem estado, um rapaz chamado Fabião?

Pensou o lavrador, como tinha despedido o rapaz — que eram novos amos, que appareciam a solicita-lo. Côncio, como toda a gente, da inocência do moço, no que dizia respeito ao crime, não lhe perdoava, contudo, o atrevimento de lhe namorar a filha, que por amor dele, deixava de ser a mulher dum médico e herdeira de grande casa. Ripostou, pois, de pronto e um pouco rudemente:

— Não, senhor! Da minha casa foi para a cadeia e eu não quero aqui gente, que por lá passou...

Havia reservada intenção nestas palavras. O remoque ia direito á Clarinha. Mas ela comprehendeu e, sem se fingir agastada, chamou-o à obrigação dum dever:

— Que diz, que diz, senhor pai! Cumprimente esta senhora e tenha têrmos....

Dava assim uma reprimenda ao pai, quasi a rir e o lavrador condescendia, tornava-se sociável:

— Esta minha cabeça! Não os conheço; mas isso não faz ao caso. Façam favor de subir.

Entretanto, os visitantes, enchiam-no de perguntas:

Quantos anos tinha o Fabião; porque se chamava assim; quem seriam os pais; donde teria vindo ali parar; qual a sua conduta moral; suas faculdades de trabalho...

Clarinha, inteligente e perspicaz, compreendeu todo o alcance daquelas perguntas. Estavam ali os pais de Fabião. Aquela boa senhora, que tanto se assemelhava ao rapaz — era por certo a mãe.

Mais célere que o vento, correu a casa da vizinha. Estava lá o moço, muito envergonhado do precalço porque acabava de passar, e não querendo aparecer diante de gente.

— O' rapaz! — disse Clarinha — Pois tu porque te has de envergonhar?

E pegando-lhe dum braço puxou-o para a luz e pôs-se a examina-lo, detidamente, feição por feição... Deu um pulo de alegria.

— És tal qual a cara de tua mãe! Aleluia, rapaz! Apareceu a que te deu o ser!... Anda vê-la, anda vê-la... Ha males que vêm por bens...

E arrastava-o por um braço, para fora, para a rua. Fabião deixava-se levar, subjugado pela fraqueza daquela encantadora moça, que o enfeitara de amores...

Não acreditava no que ela ia dizendo.

Mãe? A mãe dele fôra a Roquinha e essa — coitadita! — já morrera, ia por cinco anos.

Mas quando viu o luxuoso carro e os cavalos, o coração deu-lhe um baque. Então êle ia ter

familia? Talvez então pudesse conseguir a mão de Clarinha! E isso o alegrou.

Quando entrou na sala, D. Fábria perturbou-se. Supunha, talvez, que iria encontrar um tenro bambino e, ante ela, aparecia um garboso rapaz, de proporções atléticas — belo como um Apolo radiante.

O velho Justiniano pôs a luneta e cofiou a alva suíça. Dum relance mediu, de alto a baixo, o recém-chegado e confrontou os dois, como bom fisionomista que era. Empurrou depois o rapaz para os braços da mãe:

— Aí tem seu filho, minha senhora! Está identificado. E' a cara da mãe; não pode nega-lo...

Foi uma scena comovedora, aquele longo abraço da mãe e do filho! Ambos choravam. E Clarinha, profundamente enternecida, deixava cair lágrimas, sobre lágrimas, no lenço de ramagens, que lhe cobria o peito.

João do Lagar é que estava aparvalhado, olhando aquilo tudo. Não compreendia, ou fingia que não compreendia...

Então o seu criado saía-lhe agora fidalgo e talvez dez vezes mais rico do que êle?...

— Isto ou é sonho ou feitiçaria!

E começou a sacudir-se, a dar palmadas nas coxas e na cabeça, na ânsia de se acordar...

Falava para dentro:

— Diabo! Se eu percebo!

Chegavam-lhe à memória umas remeniscências; aquele luxo de roupas, com que o engeitado foi apresentado, à porta da Roca; as libras em ouro; o dinheiro, mais tarde aparecido, mis-

teriosamente, no escaninho da caixa; e aquele velho cavaqueador, que petilhara com o rapaz, uma vez na feira...

— Ora esta! É eu com um criado fidalgo em casa! Bonito! sim, senhor!

Ficou-se, por um pedaço, empasmaçado. Depois ergueu-se e foi até à varanda, a esfregar os olhos, julgando-se ainda a dormir...

Vinha-lhe, à lembrança, todo o passado. Arrependia-se de ter corrido com o rapaz, de lhe ter dito grosserias. Dialho! Na verdade aquele moço que, nos primeiros anos, foi tão alegre como um tentilhão, e que por último era triste como os ciprestes do adro — tinha manifestado sempre virtudes e qualidades invulgares, que êle não quisera ver na hora crítica, em que, tão infamemente, o apresentavam como criminoso e conspurcador da honra de sua filha. Convencia-se, agora, da falsidade das duas acusações.

Voltou à sala. Toda aquela gente chorava de alegria e Clarinha mais que ninguém. Até o jovial Justiniano, que um perpétuo bom-humor jámais largava — limpava uma lágrima furtiva:

— Vai-te, vai-te. Por franças e araganças, o digo: é a primeira vez que choro na minha vida!

João do Lagar, que era uma excelente alma, achou-se também contagiado da comoção colectiva. Armou, porem, em forte:

— Cachopa! Deixa lá as lágrimas! Rompe-me à cozinha! Esta gente não sai daqui sem almoçar...

D. Fábria e Justiniano agradeciam, mas, se

désse licença, não aceitavam. Levariam o Fabião : tinham pressa em chegar...

— Hein! Não dou licença, não senhores! Quem manda é cá o João...

Espalmava a mão no peito e falava com tal sobrececho de autoridade, que tiveram que ceder, foi-lhes forçoso aceitar :

— Pois seja !

A graciosa Clarinha ia retirar-se, chegar à cozinha, a dar ordens. Mas, nesta altura, o octogénario tabelião, começou a dar palmadinhas na frente e acercava-se dela :

— Por franças e araganças, senhores! Vejo tudo! Vejo tudo...

E, aproximando-as, empurrou, de leve, Clarinha para os braços de D. Fábria :

— Minha senhora! Aqui tem sua filha! Esta rapariga é uma heroína. A sua formosura é um pálido reflexo, da beleza de sua nobre alma!

E, em concisas palavras, relatou a grandeza moral do gesto de Clarinha, na defesa do inocente, que o juiz de direito, horas antes, lhe revelára, com entusiasmo e verdadeira admiração :

— Que mulhér! meu amigo! — que mulher!

D. Fábria beijava-a enternecidamente, apertava-a contra o seio, em transportes de amor maternal :

— O' filha! que formosa que és!

E começou a analisa-la mais detidamente: a admirar-lhe o brilho e meiguice de seus olhos, o ouro baço de seus cabelos, caindo em caracóis sobre a frente; o impecável perfil... De

momento-a-momento ia-lhe encontrando novos encantos, imprevistas belezas...

Depois enclavinhou as mãos e ergueu os olhos ao ceu :

— Como Deus é grande ! Como a sua bondade é infinita ! Roubaram-me um filho, mal nascia... Vinte anos depois é-me restituído ; e, para me compensar da longa ausência de seus carinhos, dá-me tambem uma filha, que é um anjo de Deus !

E desmandava-se em transportes de amor maternal, possuída duma ternura que nunca experimentara.

Beijava ora um, ora outro, daqueles a que já chamava os seus dois filhos ; e, para Clara, tinha palavras repassadas de gratidão e elogio :

— Que linda que és, minha filha. Seria impossível não se albergar em ti, uma alma de santa ! Como Deus foi bom para comigo, pondo-vos no meu caminho...

Ao almoço, João do Lagar, taramelava, mas algo comprometido :

— Dialho do rapaz, sair-me agora fidalgo ! Fabião sorria-se, mas ainda um véu de tristeza lhe velava a fronte. Disse depois todo o elogio daquele bom homem, que fôra, pela vida fora, como um pai, que não estimaria mais a filha, que o estimara a êle.

D. Fábria apertava a mão ao lavrador, dizendo-lhe todo o seu agradecimento e acrescen-

tando que era preciso, quanto antes, casar aquelas duas crianças.

Mas João do Lagar teve esta rude franqueza :

— Não póde ser! Atéqui minha filha não poderia ser mulher dum homem, sem família, que ninguém sabia donde viera. Agora que se sabe a que tão grande família pertence—persiste o mesmo impedimento. Não ha de o filho duma fidalga, casar com uma lavradeira. Cada qual com seu igual...

D. Fábria desaprovava :

— Não, meu amigo; não tem o direito de separar estas duas almas gémeas. Peço-lhe a mão de sua filha!...

João do Lagar coçava a cabeça lisongeadamente, sem atinar com o que havia de dizer.

Foi a vez de falar o tabelião :

— Por franças e araganças, caramba! Nestes casos, um homem do meu ofício, tem o direito de dar opinião! Quem possui tão grande alma, como Clarinha—é nobre, à beira das mais nobres fidalgas de Portugal...

.

Poucos dias depois, Clarinha era já senhora da grande casa de Argemil. E nunca mais feliz casal, passou por sobre a terra.

Palmeira, Novembro de 1926—Maio de 1927.



INDICE

Na Azenha	1
O Velho	35
Fabião Roca	93

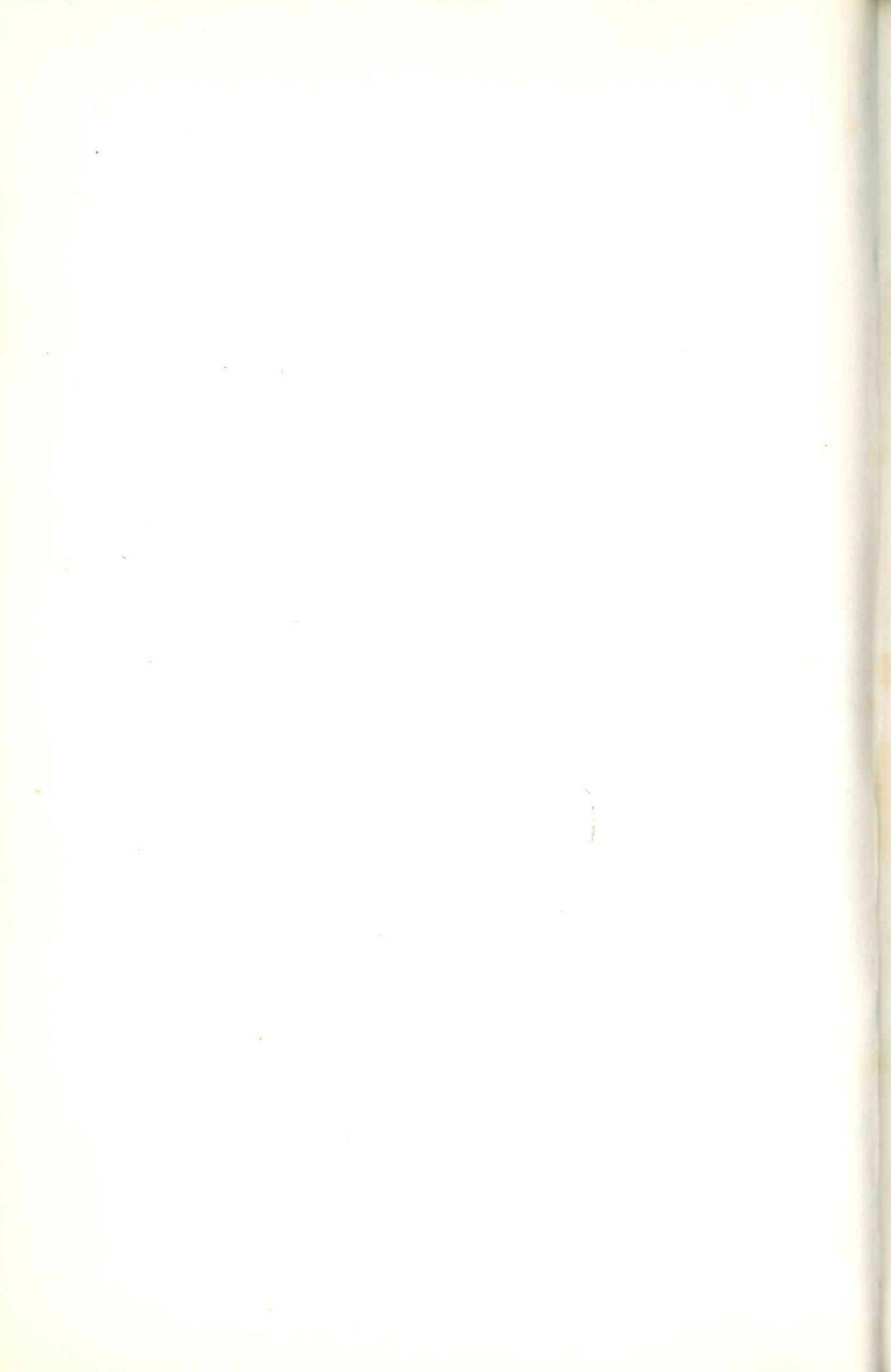


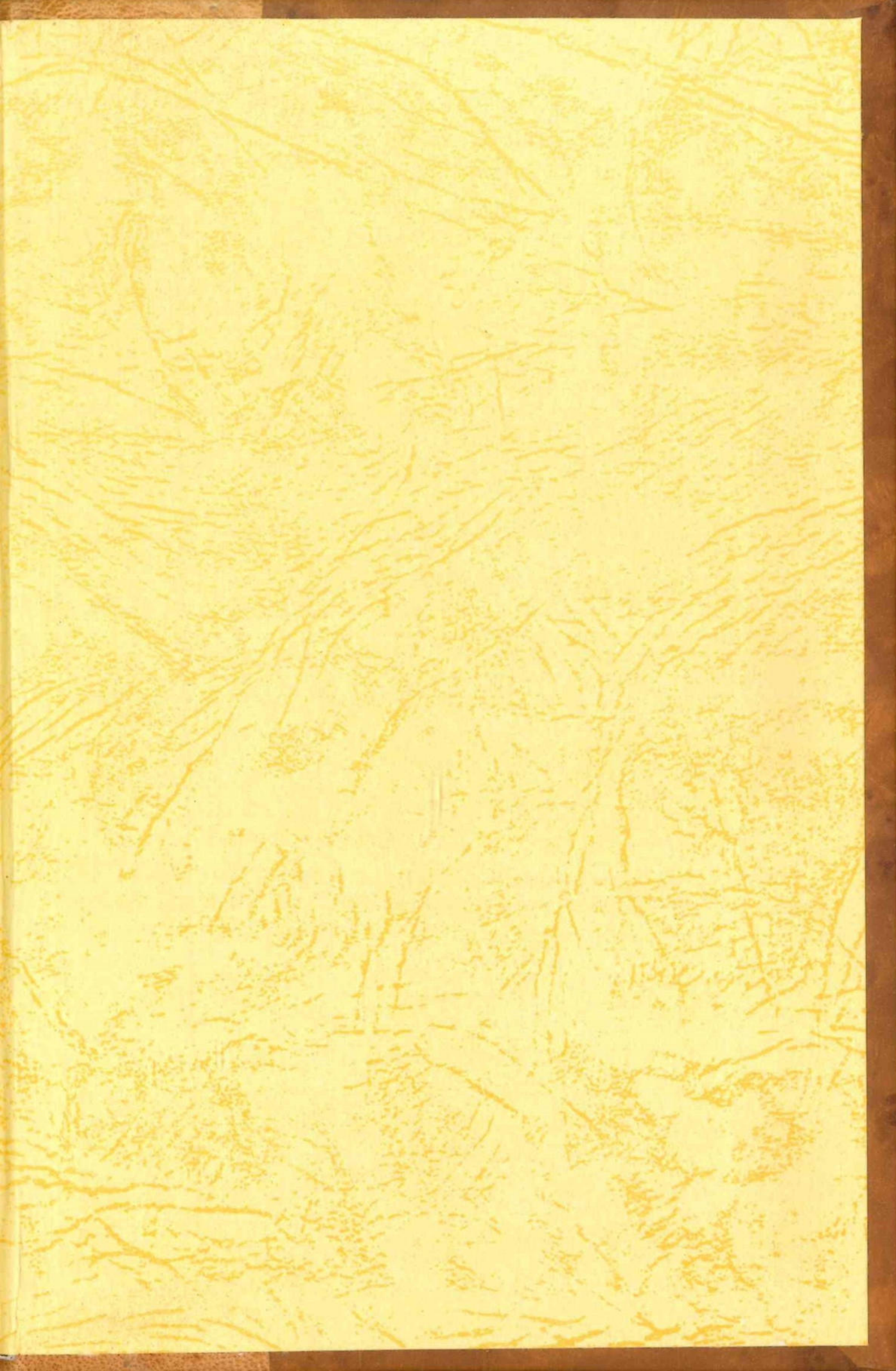
ERRATAS

Este livro foi revisto com bastante precipitação. O auctor nem sempre pôde rever as provas de página — razão por que passaram algumas incongruências ortográficas e farta colheita de gralhas. O leitor facilmente as corrigirá.









biblioteca
municipal
barcelos



57271

Contos do Minho